Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 140 Terça-feira, 19 Agosto de 1986 Preço 40$00

Garcia Lorca foi assassinado há 50 anos

Pág. 10

Comboio galgou gare mas tudo acabou bem

CAIS DO SODRÉ: SUSTO E CHAPA

Um comboio da linha de Cascais galgou esta manhã a gare 4 da Estação do Cais do Sodré, mas não feriu ninguém. Faltavam oito minutos para as 7 e 30 quando, subitamente, a carruagem da frente da composição que saiu de S. Pedro do Estoril às 6 e 57, avançou no cais de embarque mais de dez metros. Em princípio houve erro humano, disse um dos membros da Comissão de Inquérito indicada pelo Conselho de Gerência da CP. De acordo com o mesmo técnico, «inexplicavelmente não houve feridos». As pessoas que se encontravam no local para tomarem o comboio em direcção ao Estoril «só tiveram tempo de se afastar», disse, ao «DL», uma testemunha ocular do acidente.

Pág. 6

DINHEIRO PARA NOVAS ELEIÇÕES?

Cavaco escreve ao "DL"

Pág. 4

RESCALDO DA VISITA DE JACKSON

Eduardo dos Santos deseja encontro com Reagan

Pág. 11

SILKE HOERNER BATE RECORDE

Bruços: 200 metros ainda mais rápidos

Pág. 14

Grandeza e decadência de uma dinastia

A obsessão pela metalurgia

Gunther Tengelmann
Exclusivo Efe/«DL»

Quando a avó decidiu fazer de Frederico «um bom Krupp» já despontava o buço no lábio superior do adolescente. Quando completou 20 anos e para lhe assegurar um rendimento vitalício, a boa senhora passou para o nome dele a «Metalurgia Boa-Esperança», entregando-lhe a direcção mas reservando-se precavidamente a sua titularidade. A empresa tinha prosperado notavelmente, graças a várias encomendas substanciais de balas de canhão feitas pelo governo da Prússia.

O brilhante mas ainda inexperiente industrial tinha o caminho aberto para concretizar os seus magníficos projectos. Nesta altura a fábrica deixou de produzir panelas, caçarolas e fogões para o mercado local e começou a fabricar peças soltas para máquinas, cilindros e outras engenhocas.

Talvez a opção fosse boa, mas estava desfazada no tempo, isto é, pensada com meio século de avanço. Ainda por cima, Frederico não a recebeu muito bem e a empresa entrou em declínio. A avó esteve à beira de um colapso cardíaco e o jovem, com as orelhas rubras, escrevia no seu diário um verso popular que dizia: «Apenas me resta morrer, olhem para mim, meus filhos, estamos arruinados e na miséria por causa das minhas imprudências».

Aços Krupp desafiam ingleses

Mas Frederico mudou de ideias, pelo menos temporariamente. Reencontramo-lo com a cabeça fria, ocupando-se com a gestão do comércio a retalho da avó, a qual nem quer ouvir falar da «Metalurgia Boa-Esperança», talvez removendo as suas desilusões, o ressentimento e o seu desespero.

Entretanto morre a boa senhora, deixando mais de cem mil ducados que tornam Frederico milionário. No entanto, continua de olhos cravados na metalurgia, que parece constituir para ele um apelo atávico.

Vive-se um momento crucial nas guerras napoleónicas e o monopólio britânico do aço é determinante no bloqueio da Europa. Aos ouvidos atentos de Frederico Krupp chega a notícia de um prémio instituído por Napoleão I para quem consiga produzir uma qualidade de aço idêntica à dos ingleses. Krupp associa-se aos irmãos Von Kechel, recém-chegados a Essen, e decide experimentar a sua sorte, tanto mais que, ao tornar navegável o Reno, o Estado prussiano tornava mais baratos os produtos do vale e da região do Rhur.

É a época em que os Thyssen, os Haniel e os Poenegen estabelecem diversas indústrias mineiras. Todavia, Krupp não se apercebe que tinha caído nas mãos de dois aventureiros que quase o deixam sem camisa. O mesmo acontece com Nicolai, outro suposto perito, que também o vigariza. Mas apesar dos malogros, não pára de trabalhar e o resultado é que em 1816 Krupp já consegue produzir aço e até satisfazer uma pequena encomenda de baionetas do governo da Prússia. Não obstante, os sonhos ainda estão longe das realidades e a ruína não tarda a cair sobre Frederico, que muito dificilmente consegue salvar da catástrofe o suficiente para sustentrar a mulher e os filhos. Uma das filhas não tem outro remédio senão trabalhar como perceptora e o filho Alfredo foi recolhido por uns parentes, quando o pai morreu em 1826, aos 39 anos.

À conquista do império

À morte de Frederico Krupp, que tinha iiciado a indústria com um capital de 200 mil ducados, a herança era uma propriedade no valor de 15 mil hipotecada em 25 mil ducados — ou uma dívida de 10 mil. Havia que evitar o escândalo e o descrédito social. Redigida por Alfredo, «o filho da raiva», quando tinha catorze anos e fizera a sua aprendizagem «na bigorna», foi publicada uma declaração a informar clientes e fornecedores de que «os negócios prosseguem, apesar da morte de meu marido, que transmitiu o segredo da fabricação do aço a Alfredo, o meu filho mais velho».

Alfredo chamou a si as responsabilides. No fundo, desprezava a fraqueza do pai, que tinha levado a família à ruína: «Devo muito mais à minha mãe do que ao meu pai, pois dela herdei o valor e a perseverança», havia de declarar anos mais tarde.

Obstinadamente, apesar da oposição da família, decidiu trilhar o mesmo caminho do pai. A avó e outros familiares tentaram dissuadi-lo, mas Alfredo encolheu os ombros e fechou-se na oficina, lutando contra toda a sorte de dificuldades, incluindo a falta de energia.

Mas alguma coisa iria fazer com que os sonhos de Alfredo se concretizassem. A sorte tornou-se sua aliada e ele soube aproveitá-la. Em 1834, por iniciativa da Prússia, foi criada a União Aduaneira Alemã, com a supressão das taxas entre os Estados alemães. Vamos encontrar Alfredo Krupp a viajar por toda a Alemanha do Sul e do Leste, sem um minuto de descanso, rebentando cavalos e estropiando as diligências pelos caminhos mais recônditos. No ano seguinte triplicava os seus rendimentos e empregava 55 trabalhadores. Com a hegemonia da Prússia, a metalurgia vai ganhando importância, sobretudo depois de Krupp deixar de depender da energia hidráulica nacional, e adquire a primeira máquina a vapor. O negócio parece prosperar de vento em popa. Mas alguma coisa «mexe» na cabeça do irrequieto Alfredo Krupp.

Espionagem industrial na Inglaterra

A situação parecia ter-se clarificado. Deixando a direcção da fundição aos irmãos, Alfredo resolve dar uma volta por Inglaterra e ver o que ali se faz em matéria de forjas e fundições, mas tendo o cuidado de não deixar que descubram a sua verdadeira identidade. Com um passaporte em nome de A. Krupp mas apresentando-se aos britânicos como «herr» Schropp, Alfredo dissimul melhor os seus objectivos.

Não se sabe como desempenhou o seu papel de espião industrial, mas o mais certo é que o tenha feito com toda a perfeição. Um certo cavaleiro teutão chamado Herman von Mumm, que conheceu «herr» Schropp em Inglaterra, recorda-o nas suas «Memórias»: «Chamávamos-lhe o barão. Era jovem, muito alto e magro, de aspecto delicado e interessante e não desprovido de certa beleza viril. Usava sempre umas grandes esporas de prata e comportava-se como um perfeito cavalheiro».

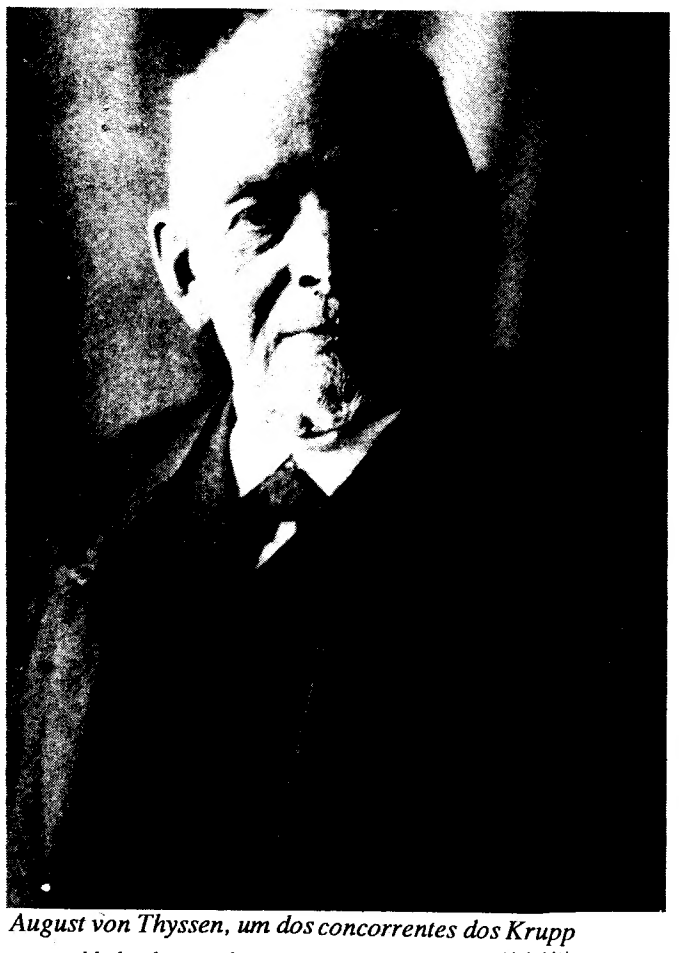
O distinto cavalheiro caiu bem na alta sociedade britânica e teve oportunidade de conviver com directores de empresas e de fundições, que jamais suspeitaram das suas reais intenções. Em Sheffield escrevia ele aos irmãos: «Ontem tive ocasião de visitar um novo laminador de folhas de cobre, que é secreto. Cheguei a cavalo, com botas de montar e esporas, e o proprietário ficou muito honrado por um cavaleiro distinto parar na sua forja». A maior parte das cartas não são senão longas descrições, acompanhadas de desenhos explicativos de tudo o que via, seguidas de instruções sobre a direcção da fábrica de Essen.

Voltaria depois à Alemanha, passando por Paris, onde é surpreendido pela revolução de 1839: «Ontem rebentou a insurreição. Se for favorável aos meus negócios, ficarei contente, já que por mim se podem matar todos uns aos outros», escreveria então aos irmãos.

Indiferença ou frieza? Não esqueçamos que até à última guerra os Krupp se tornaram célebres pela sua impavidez e despreocupação em matérias que afectavam toda a Humanidade e nunca participaram em questões públicas, salvo quando delas dependiam os seus interesses particulares.

Alfredo tinha obtido em Inglaterra o que tinha ido procurar: «É dado adquirido que, a avaliar por tudo quanto vi, a fabricação de um aço depende da qualidade do ferro que se utilize», escreveu ainda.

Resumindo: o famoso segredo Krupp consistia na sábia selecção de matérias-primas, temperadas com boas doses de habilidade e ciência siderúrgica. E não se tratava de produzir aço, tratava-se de fabricar aço de melhor qualidade. Em 1840 já tinha conseguido esse objectivo, como prova um cilindro de aço para laminação de ouro que forneceu a um ourives português.



August von Thyssen, um dos concorrentes dos Krupp

Dois dos salões da «vila» Nugel, dos Krupp, actualmente convertida em museu.

Folhetim artístico

Paris, Agosto

José Augusto França

Tirar o ponto da escultura do século XX, tal foi o programa da exposição que o Centro de Beaubourg preparou para as férias, em maneira pedagógica de fazer, com manifesta utilidade turística — e, sem dúvida também, bom proveito de peças coligidas em excelente representação de tanta fase passada e presente neste domínio que tem mais difícil acesso que o da pintura, por menos frequentemente divulgado.

A confessada «ambição de dar uma nova maneira de ver a escultura» e de responder à pergunta — título «o que é a escultura moderna?» não é, de qualquer modo, frustrada e o agenciamento encadeado do discurso explica-se bem, demonstrativo sem polémica nem surpresa mas com suficiente imaginação para pôr no seu lugar os problemas que vão mutando do (digo eu) grande «maneirismo» de Gauguin até ao púdico desnudamento de Beuys. Ou de uma angústia a outra, e de uma negação a outra negação — que foram, historicamente, a da civilização ocidental, e a de toda a possibilidade de sentido de civilização.

A ideia de pôr Gauguin ao princípio de tudo, ou de toda a modernidade, tem um acerto que nem na pintura é bem sabido e que aqui se impõe com um aflita força de inocência que só uns quinze anos depois encontrará desculpa na descoberta alemã e francesa da arte negra. Picasso e Matisse (num certo sentido, Matisse e Picasso), e Schmidt-Rottluf, sobretudo, traduzem tal descoberta por vias formais paralelas. Mas Gauguin já tinha morrido disso, e não formalmente mas existencialmente, dando-se de corpo e alma a uma interrogação matafísica e sensual, propositadamente distante das discussões de Paris ou de Berlim, noutra propositada ilusão, de paraíso impossível. Tão impossível como a pureza mística de Brancusi.

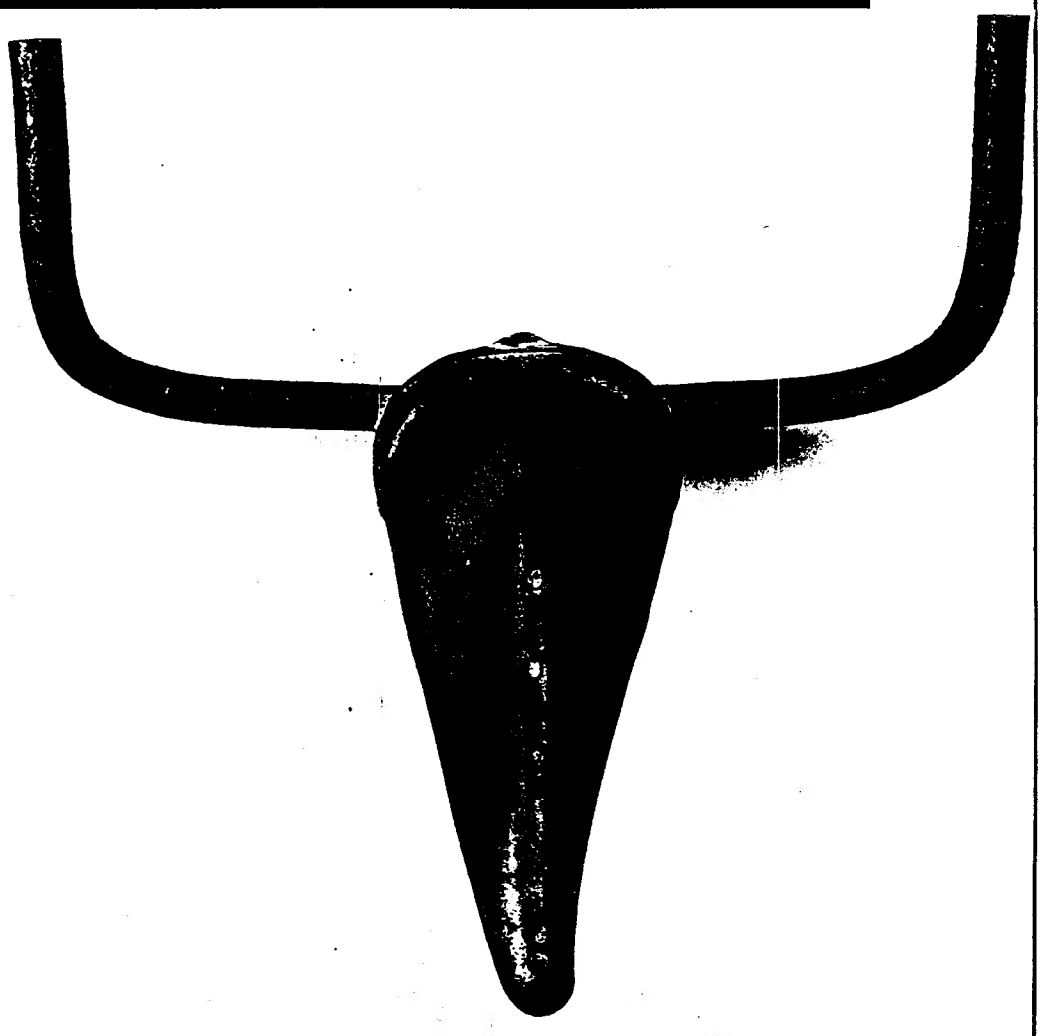
Depois, foi o cubismo que nas três dimensões da escultura se resignou da quarta, que a pintura não deu à ingenuidade de criadores dum novo sistema, afinal (e, como sempre, desde o renascimento renegado) bidimensional. O futurismo, ao mesmo tempo, simulou desenvolvimentos espaciais, afirmando o que, tanto na escultura como na pintura, deveria ter começado por perguntar; e o cubo-futurismo seguiu fatalmente a via ecléctica — até que o construtivismo de Kobro ou de Tatline lhe ajustou as ambições à realidade prática, a partir de chão tectónico ou de ângulos de paredes esvoaçados por estranhas aves geométricas.

A seguir, a exposição conta-nos como é que o outro jogo se formou, brincando, com Calder e Miró, ou metafórico — com os surrealistas e (sobre todos) com o Giacometti do objecto pendular do Desejo, em que tudo é fisicamente imaginativo. Que o ferro venha trazer novo material a Gonzalez e a Picasso, depois de Eiffel, o grande ausente da exposição, não é de admirar, numa necessária agressividade tecnológica assim já irrisória.

Outra secção da exposição intitula-se, à falta de melhor, «referências à pintura», designação que, como se vê, chega tarde, para Herbin ou Melotti. Referências só não as tem o Giacometti das figuras filiformes porque nunca a pintura as ousaria, com os fundos que tem que ter. Assim se passou o período de 40 a 50, quando a própria pintura buscava gestualidades impressionistas ou expressionistas, conforme a civilização (ou seja os espaços nacionais) donde vinha, aquém ou além Atlântico, ou Pacífico. O domínio das imagens «recuperadas» viria a seguir. «popmente», entre Oldenburg e Segal e Arman e a esperteza marselhesa de César. Porque recuperação propriamente dita, foi a do objecto rejeitado, ou «déchu», duma cultura que então se disse «junk» — designação bem esquecida hoje, mesmo que tenha sido, cerca de 1960, a mais significativa de todas aquelas que a estética ocidental entendeu ouu, pelo menos, propôs. Depois de Picasso, em 1943, com o seu selim de bicicleta — caveira de boi — é claro.

Novas «referências à pintura» regista então a exposição, em termos de «superfície-espaço-cor», mas não se vê bem como Jacobsen, Caro ou D. Smith encarnem tal coisa, com suas construções que, aliás, entretanto, Tinguely tinha definitivamente reduzido ao absurdo da autodestruição, em 1959.

Uma vez tal acontecido, pode voltar-se ao princípio, como se de um «Da Capo» se tratasse — como, afinal, ou num certo e importantíssimo sentido, se tratou. E foi, contra a Europa complicada (mesmo suiça), o «minimalismo» americano: Judd, Lewitt, Falvin. Esta diferença fundamental justifica, na economia da exposição, a mudança de andar, e do quinto passa-se à cave que serve igualmente de local à encenação de Beuys — que da sua presença necessariamente teria de viver. Falecido ele, fica a lembrança frustrada duma antimitologia sofrida ritualmente na pobreza propositada dos meios. «Arte Povera», vinda de Manzoni longamente esquecido, segue, sem sujeito em estado de choque, este mesmo caminho, como um pós-minimalismo americano, ambos em circunstâncias orgânicas — que um Mario Merz, apreciado por todos os museus europeus à moda uns dos outros (como se viu no seu encontro do ano passado no Centro de Arte Moderna), se esforça por multiplicar com desnecessária fantasia.



...Mas Agosto parisiense traz também consigo, no Museu Municipal de Arte Moderna, uma apresentação de móveis e objectos de arte dos anos 20 que vão até à expsição universal de 1937. Outro mundo de coisas de luxos, e de Ruhlmann, de Chareau, de Dunand, mobiliário precioso, grandes lacas douradas para a 1.ª classe do «Normandie»... No vizinho Museu Galliéra da Moda e do Trajo, Poiret «le magnifique» tira espartilhos às damas, já em 1906 (lembro-me, mais tarde embora), e no outro, da Moda também mas Nacional, Yves Saint Laurent estreia-se nos anos 50, «chez Dior», agora sem o «charabia» pretencioso que a inauguração do museu oferecera parisientemente. O génio, que Saint Laurent tem, num imaginário feliz, colado ao corpo das criaturas irreais que o seu lápis produz, com sedas, veludos, rendas e bordados como «media», vê-se na década seguinte, e até hoje vem, espectacular a raro, ao mesmo tempo.

...Disto tudo terá que se saber, vendo a exposição de Beaubourg, porque nisto tudo também está a resposta ao que é e pode ser a dita «escultura moderna» — do lado de dentro como do lado de fora da nossa vida. Já que tudo está sempre em tudo, na História que somos...

Os líderes intermediários

Gil Sequeira Teixeira

Publiquei algumas considerações que encimei com título os **Pequenos Líderes.** Posteriormente, e por uma **questão de relatividade,** acrescentei-lhe outras sore os **Grandes Líderes.** Deveria, para fechar o ciclo, pronunciar-me em favor dos líderes que estão no meio, e por isso podem ser chamados de **Líderes Médios.**

Desses, dos **Líderes que estão no meio,** seria fácil dar uma lista numerosa das figuras que os integram. Mas, por uma **questão de metodologia,** penso que melhor que os nomes dos **Líderes Médios,** interessa a análise do perfil desse tipo de liderança. Até porque os referidos **agentes políticos** podem adoptar (in)diferentes denominações, conforme as missões para que são predestinados. Assim, é frequente ouvir-se falar em **Adjunto do Secretário de Estado, Secretário de Estado para os Assuntos (...), Adjunto do Subsecretário de Estado, Chefe de Gabinete do Ministro, Secretário Adjunto do Chefe do Gabinete do Ministro (...), Secretário de Estado Adjunto do Ministro de Estado,** enfim toda esta panóplia de **Figuras de Estado** que fazem aumentar ou diminuir o Executivo, conforme as múltiplas (in)competências ou necessidades dos **Grandes Líderes.** É na verdade frequente, depois da constituição de qualquer Executivo, que nos é apresentado como o melhor dos que o precederam, «sofrer» pequenos ajustamentos ou alterações, que culminam sempre com a criação de novos postos de trabalho para os **Líderes Médios.** Note-se que a justificação que a maior parte das vezes nos é dada para o aumento dos quadros de pessoal do governo assenta na grande competência técnica dos indigitados, ou por estes serem **detentores de uma especial sensibilidade para as áreas para que foram recrutados.** Veja-se o caso da Saúde, da defesa Nacional e das Finanças.

É caso para dizer que um **Grande Líder,** para defender a sua posição, precisa de um ou mais **Líderes Médios.**

Por definição, poder-se-ia pensar que os Líderes Médios, porque estão no meio, não são grandes nem pequenos. Erro crasso. Esta última classe de líderes são uma espécie de **operacionais** que desempenham as missões que os **Grandes Líderes** não querem, não sabem, ou não podem desempenhar.

Curiosamente, os **Líderes Médios** embora estejam situados no **meio da liderança,** a sua posição não é equidistante relativamente aos **Pequenos** e **Grandes Líderes.** De facto, os **Líderes Médios** estão mais próximos dos **Grandes Líderes.** Pode até dizer-se que os **Médios** são quase os porta-vozes dos **Grandes** junto dos **Pequenos** para os assuntos mais incómodos, ou para que se requer alguma discrição... Não se conhecem movmentos opostos, quer dizer, os **líderes médios** só actuam num sentido, do **Centro do Poder** para a periferia.

Também já ouvimos classificar os **Líderes médios** de «public-relations». Em nossa opinião, discordamos dessa classificação. Pela função que desempenham, pela forma como são recrutados, pelas tarefas que executam, pelo que lhes é atribuído, os **Líderes médios** são os **«lugares-tenente» dos líderes que lhe estão acima, uma espécie de «guarda-avançada», cuja missão é a de fazerem as primeiras sondagens para os planos previamente gizados, ou receberem os primeiros embates dos projectos levados a cabo.**

Possivelmente, terão os mais atentos reparado que o nosso título faz referência aos **Líderes Intermediários** e até aqui temos vindo a debruçar-nos sobre os **Líderes Médios.**

Confusão, esquecimento ou intenção?

Confessamos a nossa intencionalidade.

Em rigor, era nossa intenção abordarmos apenas e só a questão dos **Líderes Médios.** Razões da nossa política interna fizeram com que comentássemos as duas classes de líderes. Fiquemos tranquilos que não irei nestas linhas traçar o perfil ou as características dos **Líderes Intermediários.** A nossa consciência impede-nos de tal fazer, o que não significa que não sintamos o dever moral de manifestarmos o nosso maior desapontamento, para não dizermos decepção, por na nossa Sociedade Política actual se vir a assistir a uma prática que não pode ser aceite e tem de ser denunciada como a actuação dos **Líderes Intermediários.**

Quem são afinal os **Líderes Intermediários?**

Frontalmente, os Líderes Intermediários são chamados **líderes naturais** que sem terem assumido, formalmente, qualquer papel ou função partidária são tratados, ou tidos, **como se de líderes assumidos se tratasse.**

Em nome da democracia que sempre tenho defendido, penso que o Povo Português merece um maior respeito dos seus governantes, e a nenhum cidadão, seja a que título for, pode ser reconhecido título diferente, salvo quando no exercício de competências específicas.

Para que nos entendamos melhor, e se a Imprensa não nos mentiu, não percebo como o Primeiro-Ministro deste país, do meu país convida um outro cidadão para a sua **residência oficial,** para tratar de assuntos ligados à acção do Governo, e de eventuais apoios partidários de que poderia dispor, sem que esse cidadão estivesse munido de qualquer credencial partidária que seja do domínio público, salvo a referência de **Líder Natural** de um Partido, (ou outros serão anti-naturais?) sem assento na Assembleia da República.

Respeitando o nome e as pessoas visadas, penso que posso manifestar publicamente a minha discordância por tal acto público, e quanto aos **Líderes Naturais,** seja-me permitido a opinião, mais me parece tratar-se de **líderes Intermediários,** atendendo ao papel que desempenham, e às tarefas que executam.

PS acusa Cavaco de pretender crise

O Secretariado Nacional do Partido Socialista disse esta madrugada considerar «cada vez mais notório que o Primeiro Ministro pretende abrir uma crise política artificial».

Em comunicado distribuido, aquele Secretariado que se reuniu ontem à noite em Lisboa, afirmou que o Primeiro Ministro Cavaco Silva atacou domingo a Oposição «em termos inaceitáveis, ousando mesmo imputar-lhe a proteção de clientelas, quando é o PSD, reconhecidamente, o maior partido de clientelas em Portugal».

Segundo o texto divulgado pelo gabinete de Imprensa do Partido Socialista, «este Governo tem procedido a inúmeras nomeações em todos os sectores da administração de partidários seus, e não enjeita mesmo fazer acordos com o Partido Comunista, como agora sucede na Região de Turismo do Algarve, onde tenta apoderar-se da presidência apesar de se tratar de uma região onde a larga maioria das câmaras é socialista».

O PS diz ainda que o Governo de Aníbal Cavaco Silva não contribuiu para a diminuição da inflacção «e tem baixado sucessivamente a norma salarial, como atesta a recente tentativa de impôr 13 por cento aos bancários».

Depois de afirmar que, apesar das condições económicas favoráveis, «a política do Governo não evitará que a parte de trabalho no rendimento nacional desça significativamente», o comunicado do Secretariado Nacional do Partido Socialista termina dizendo que «não serão os trabalhadores portugueses os beneficiados principais do efeito positivo da excepcional conjuntura internacional».

Fretilin: visita de Anacoreta é um marco

A Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) e a União Democrática Timorense (UDT), defendem que a visita de Anacoreta Correia a Timor-Lsete pode ser considerada «um marco» na descolonização do território.

Em comunicado divulgado em Lisboa a propósito do relatório apresentado por Anacoreta Correia, as duas organizações congratulam-se com o «relativo» êxito da visita, mas rejeitam «os aproveitamentos que possam fazer da viagem para reconhecer a legitimação da ocupação de Timor-Leste pela Indonésia, com base num duvidoso desenvolvimento económico que não beneficia o povo de Timor-Leste, mas antes os transmigrados de outras ilhas».

De acordo com o documento «esse aparente milagre económico operado eeem Timor-Leste não passa de uma miragem», pois «as construções que foram feitas para durar pertencem todas ao período da colonização portuguesa, como todos os edifícios públicos e hospitalares, tanto em Dili como nos concelhos».

Quatro dias sem mistérios em contactos com "fundações"

O Primeiro-Ministro escreve ao "DL"

Exmo. Sr. Director

«Acabo de ter conhecimento da notícia publicada na primeira página do 'Diário de Lisboa' de 14 do corrente sobre a viagem particular de 4 dias que, com a minha mulher e os meus dois filhos, efectuei à Alemanha.

«É lamentável que um jornal que julgo minimamente sério destaque como grande título de primeira página uma notícia que o seu autor sabe ser totalmente mentira: que eu tenha ido à Alemanha buscar fundos para preparar novas eleições.

«Senhor Director: não se pode deixar de exigir um mínimo de ética no exercício do jornalismo, mesmo quando por essa via se pretende atacar o Governo.

«Entristece ver o 'Diário de Lisboa' recorrer a métodos que até aqui têm estado quase exclusivamente associados a um matutino cujo nome V. Exa. não terá dificuldade em identificar.

«Sei que alguns jornalistas entendem que os membros do Governo não têm direito à privacidade de um cidadão comum na sua vida particular. Assim, dir-lhe-ei que, na sua quase totalidade, os pormenores da minha estadia na Alemanha não diferiram muito da vida de um português normal em férias com a mulher e os filhos, numa pacata vila estrangeira com arredores de grande interesse paisagístico e histórico.

«Quanto aos aspectos da minha estadia que podem ter algum interesse jornalístico, por não fazerem parte do itinerário das férias de um cidadão comum – as visitas do Ministro da Economia e do Professor Dahrendorf ao pequeno-almoço e almoço e a minha visita à fábrica Alusingen – junto envio o recorte do jornal "Südkurier".

«Confiante em que V. Exa. não deixará de mandar publicar amanhã, com idêntido destaque, o desmentido categórico da notícia em questão, apresento os meus melhores cumprimentos.»

N.R. – Estamos habituados a correcções e a desmentidos de informações que não agradam aos visados. Não lhes contestamos esse direito, mas pedimos-lhe que, por seu turno, compreendam que um jornal deve informar os seus leitores, que deve avisar a opinião pública. Depois – e como desabafo – desgosta-nos a invocação dos grandes princípios, a referência ao «mínimo de ética no exercício do jornalismo», quando se trata de «pequenas» rectificações ou de esclarecimentos marginais.

O essencial parece ser o seguinte: «a viagem particular de 4 dias que, com a... mulher e os... dois filhos», o Sr. Primeiro-Ministro efectuou na Alemanha proporcionou-lhe contactos com a Naumann Stiftung (Fundação), com a Friedrich-Ebert-Stiftung e pessoalmente com o Sr. Martin Bangemann. Além da esposa e dos dois filhos do Professor Aníbal Cavaco Silva, esteve, também, na RFA, o Dr. Manuel Dias Loureiro que, no recorte do «Südkurier» que acompanha a carta do Primeiro-Ministro, é apresentado como secretário-geral do Partido Liberal Português (sic).

A companhia do secretário-geral do PSD, na Alemanha referido como secretário-geral de um partido liberal, terá prejudicado as férias de um português normal, com a mulher e os filhos, e a administrativa visita a uma «vila estrangeira com arredores de grande interesse paisagístico e histórico». Acaso, também, teriam ficado prejudicadas as conversações relativas a um encontro de «liberais» europeus em território português.

Quanto a «financiamentos» não insistimos. Trata-se de «obras na sede» ou de «eventuais provisões para gastos eleitorais», o que importa, e esperamos vir a ter a cooperação do Primeiro-Ministro, nessa qualidade, é que se criem condições de transparência nesta matéria. É preciso saber quem financia quem...

Quanto às informações colhidas pelo «DL» junto de uma fonte próxima da Fundação Naumann, será o Sr. Scheiterbein a esclarecer o que lhe parecer carecido de esclarecimento.

E mais não cabe dizer. Aqui fica o «desmentido categórico» – que o não é – com a nossa reafirmação de que não fazemos campanhas, informamos. Informar é o nosso dever.

"DL"

Recortes de uma "estada familiar"

O prof. Cavaco Silva enviou-nos, juntamente com a sua carta, dois recortes de um jornal regional da RFA, o «Sudkurier». O jornal publica duas fotos, numa delas o Primeiro-Ministro está ao lado do secretário-geral do PSD, Dias Loureiro, em visita a uma grande empresa local. Nas duas noticias fala-se num encontro com o presidente do Partido Liberal e ministro da Economia da RFA, Martin Bangemann, e com os responsáveis da Federação Naumann, Fritz Fliszar e Rolf Dahrendorf.

No encontro falou-se da cooperação da Fundação Naumann com os institutos (IPSD e Fundação Oliveira Martins), controlados pelo «Partido Liberal Português» diz o jornal, referindo-se ao PSD.

Ainda no centro das conversações «esteve a preparação de uma conferência dos partidos liberais de todo o Mundo, a realizar em Lisboa no principio do próximo ano», informa noutro ponto o «Sudkurier», acrescentando que o PSD português quer ainda «em conjunto com a Fundação Naumann, estabelecer representações em países do Terceiro Mundo e na América Latina, para aí desempenharem actividades fora do campo parlamentar».

O Prof. Cavaco Silva, revela também o jornal da RFA, «manifestou a esperança de que os Governos de ambos os países se esforçarão, com o maior empenho, no estabelecimento de delegações da Fundação Naumann no estrangeiro».

Não estava previsto-escreve ainda o insuspeito jornal- que estes contactos «transparecessem para o público».

No essencial, o «DL» relatou nas suas edições de 13 e 14 do corrente este e outros pormenores que- considera o sr0 Primeiro-Ministro- «não diferiram muito da vida de um português normal em férias com a mulher e os filhos...»

André e Sara agradecem a Mota Amaral

Os duques de Yorque afirmaram, em carta dirigida ao Presudente do Governo Regional dos Açores, ontem divulgada, que houve «escrupuloso respeito» para com a privacidade da sua lua de mel nas ilhas.

Na missiva dirigida a Mota Amaral, os príncipes Sara e André expressam a «mais sincera gratidão pelo caloroso acolhimento» de que beneficiaram nesta região autónoma.

Depois de confessarem que levaram «muitas recordações dessa bela região e do seu povo, simpático e generoso», os príncipes britânicos «lamentam não ter tido tempo» de visitar cada uma das ilhas que consideram possuir uma «variedade maravilhosa».

Soares visita o Brasil no começo de 1987

Mário Soares deverá visitar oficialmente o Brasil no começo de 1987 — indicaram fontes de Brasília, na sequência da visita que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda iniciou oontem ao país irmão. A visita do PR português, correspondendo ao convite formulado por Sarney, é um dos assuntos que o ministro tem na sua agenda, para além do debate com o seu homólogo brasileiro, sobre a a reactivação das consultas políticas entre os dois países e de alguns temas internacionais, como a situação na África Austral, e a penetração comercial do Brasil na CEE via Lisboa.

Pires de Miranda foi recebido à chegada a Brasília pelo seu homólogo brasileiro, Abreu Sodré, e disse logo de seguida à Imprensa que a situação na África Austral deverá ser um dos principais pontos a tratar durante esta presença no Brasil.

«Os dois países recusam o «apartheid». Mas a comunidade internacional terá de ter muita cautela no desmantelamento apropriado do regime segregacionista sul-africano» — sublinhou Pires de Miranda, que evocou os quase 700 mil portugueses radicados na República da África do Sul.

O ministro português reuniu, almoçou e jantou hoje com Abreu Sodré, depois do que visita sucessivamente ao longo da tarde os presidentes da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, do Senado Federal, José Fragelli, e do Supremo Tribunal Federal, José Carlos Moreira Alves.

Problemas com a CEE

No almoço de hoje em Brasília, o MNE considerou que a consolidação do relacionamento entre Portugal e o Brasil dependee de «uma densa rede de interesses económicos e empresariais luso-brasileiros».

«Hoje — acrescentou — existem boas perspectivas neste campo, tendo em conta designadamente a entrada de Portugal para as Comunidades Europeias e o interesse já manifestado por empresas brasileiras em estabelecer operações em Portugal, visando a CEE».

Referindo-se às medidas proteccionistas que certos países desenvolvidos impõem no acesso ao seu mercado interno de exportações provindas de nações em vias de desenvolvimento, Pires de Miranda apelidou-as de «atitudes míopes» que, acusou, tanto têm atingido «exportações brasileiras» como «Portugal também tem sido vítima».

São «míopes», segundo o ministro «porque não só prejudicam o equilíbrio das contas externas dos países menos ricos — equilíbrio bem importante para a saúde do sistema financeiro internacional — como, também travam artificialmente uma mais racional aplicação de recursos nos países que recorrem ao proteccionismo».

Pires de Miranda sublinhou que as nações devem «encarar o problema da dívida externa com um novo espírito».

«Há que encontrar fórmulas de entendimento — preconizou — com credores externos que levem estes a reconhecer que, só por si, os esquemas deflacionistas e restritivos nada resolvem a prazo, pelo que têm de ser acompanhados de sólidas perspectivas de desenvolvimento económico e social».

Reactivar Tratado de Amizade

A reactivação do Tratado de Amizade que Portugal e Brasil assinaram em 1953 será um dos temas a analisar pelo ministro português, Pires de Miranda, durante a visita que faz ao Brasil.

A viagem do ministro português, a convite do governo brasileiro e a decisão de reactivar o Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e Brasil, foi tomada quando da visita do presidente José Sarney a Portugal.

O Tratado de Amizade e consulta entre Portugal e o Brasil foi assinado a 16 de Novembro de 1953 e nele se prevê que ambos os países «avancem decididamente para uma comunidade».

O documento refere que «tendo em mente reafirmar e consolidar a perfeita amizade que existe, os dois povos irmãos concordam que, de futuro, se consultarão sempre sobre os problemas internacioais do seu manifesto interesse comum».

«Cada uma das altas partes contratantes acorda em conceder aos nacionais da outra tratamento especial, que os equipare aos respectivos nacionais em tudo que de outro modo não estiver directamente regulado nas disposições constitucionais das duas nações, quer na esfera jurídica, quer nas esferas comerciais, económica, financeira e cultural, devendo a protecção das autoridades locais ser tão ampla quanto a concedida aos próprios nacionais» — afirma o documento.

O Tratado determina também que «as altas partes contratantes, como prova do elevado intuito que presidiu à celebração deste tratado, permitirão a livre entrada e saída, o estabelecimento de domicílio e o livre trânsito em Portugal e no Brasil aos nacionais da outra parte».

O documento acrescenta que «os benefícios concedidos por uma das altas partes contratantes a quaisquer estrangeiros no seu território consideram-se "ipso facto" extensivos aos nacionais da outra».

O Tratado, prorrogável por períodos de dez anos, foi assinado pelo então embaixador extraordinário e plenipotenciário de Portugal no Rio de Janeiro, António de Faria, e pelo ministro de Estado das relações exteriores do Brasil na ocasião, Vicente Rão.

Administração Pública: retrato de corpo inteiro

António Vinagre-Anop/DL

Uma «forte centralização» aliada a uma «grande dispersão» são duas características apontadas à administração pública portuguesa pela ex-directora-geral do Secretariado para a Desconcentração. Maria de Lourdes Monteiro, actualmente subdirectora-geral da Comunicação Social, apresentou esse trabalho num colóquio recente sobre regionalização, promovido em Faro pela Comissão Política Distrital do PSD, retratando nele os vícios de que enferma a administração pública sem omitir o que entende serem os caminhos da mudança.

À partida, Lourdes Monteiro considera que «muitas das actuais deficiências» que se apontam à administração pública, reflectem a filosofia em que assenta o sistema de administração napoleónica que a leva a caracterizar-se por «uma tendência para o robustecimento de poderes a nível central, a que se alia uma forte tradição municipalista, aparecendo o nível regional, mesmo quando apreciado em termos de simples serviços periféricos do Estado, com extrema debilidade».

A administração pública portuguesa, regista o documento, «é o resultado do somatório de soluções conjunturais e não evoluiu segundo um modelo de administração global, previamente definido, como se verificou na maior parte dos países da Europa».

A inexistência daquele modelo fez com que «a maior parte das reorganizações dos serviços públicos, dos últimos anos, se tenham orientado mais por modelos "ad hoc" ligados à hierarquização dos cargos de chefia e a pressões desenvolvidas no interior da administração, do que por objectivos de adequação das estruturas administrativas às missões do Estado».

Aquelas reorganizações foram, também, «utilizadas, as mais das vezes, como um mero instrumento para empolar quadros e satisfazer ambições pessoais», anota Lourdes Monteiro.

Afectos 10 por cento da população activa

A macro estrutura da administração pública portuguesa é caracterizada por ter «uma forte centralização de serviços ao nível central» e «uma grande dispersão, a nível central, do poder de decisão sobre as mesmas áreas funcionais, por um número excessivo de serviços públicos que, muitas vezes, não dispõem isoladamente de competência para orientação global dos assuntos».

O primeiro daqueles aspectos conduz à «elevada burocratização administrativa» do funcionamento dos serviços, enquanto o segundo provoca «a despersonalização e desresponsabilização pela decisão tomada ou, até, pela "ausência" dessa decisão».

«Sectorialmente tem-se funcionado de uma forma quase sempre isolada», diz Maria de Lourdes Monteiro, acrescentando que as políticas públicas sectoriais «em regra, surgem definidas de uma descendente administrativa, com graves desfasamentos e sem adequado seguimento entre as fases da concepção e formulação das propostas e as decisões finais».

No documento em questão, aponta-se a qualificação das chefias como «um aspecto que se tem descurado», que «condiciona gravemente o recurso à informação». A autora critica a inexistência, em Portugal, de uma escola orientada para a profissionalização dos seus dirigentes, resultando daí que «a maior parte não gere verdadeiramente e se limita às rotinas da própria administração».

Por esse motivo, Lourdes Monteiro afirma que «é preocupante, na administração pública, a forma ineficiente como se tomam decisões no campo das escolhas orçamentais sobre a utilização dos recursos públicos» e acrescenta que «a ideia de que se perdeu o controlo das despesas públicas é dominante, sentindo-se que são as despesas que determinam o Orçamento de Estado e não este que as define».

Abordando, de seguida, o problema da gestão dos recursos humanos, Lourdes Monteiro cita um inquérito aos serviços e organismos do Estado, realizado em 1983, que dá para a função pública um total de 438 mil efectivos, cerca de 10,2 por cento da população activa do País.

No documento não se analisa se aquela percentagem fica aquém ou além das necessidades, mas afirma-se que a distribuição de funcionários é «irracional e desequilibrada». Como exemplos, referem-se os ministérios da Educação e da Saúde, que á data do inquérito tinham mais de metade dos efectivos totais da Função Pública (55,8 por cento), a maior parte dos quais a trabalhar em Lisboa.

Ainda de acordo com o mesmo inquérito, 6 por cento dos efectivos não tinham a escolaridade obrigatória e apenas 14 por cento possuíam cursos superiores, estando estes na maior parte afectos ao ensino.

«As assimetrias não se esgotam aqui», lê-se no documento, que exemplifica: cerca de 82,4 por cento do pessoal pertencia à administração central e apenas 17,6 por cento à administração local (e o inquérito era omisso sobre a percentagem de funcionários existentes nos diversos serviços desconcentrados), 57,7 por cento encontravam-se em Lisboa e Porto e 43,3 por cento distribuíam-se por 16 distritos.

Referindo-se aos serviços periiféricos do Estado, a autora escreve que eles surgem subdimensionados também quanto às competências, recursos financeiros e estruturas, «prosseguindo essencialmente funções de mera execução e, salvo raras excepções, não estão preparados para garantirem eficácia à implementação da política de desenvolvimento regional».

Maria de Lourdes Monteiro indica que a reforma da administração ainda não se fez porque «as várias 'reformas administrativas' ensaiadas (incluindo os projectos de desconcentração) se traduziram em rotundos fracassos em termos de resultados finais».

«As desilusões que se acumularam foram de tal modo que as expressões 'reforma administrativa' e 'desconcentração' foram banidas da própria estrutura dos Governos, aparecendo agora apelidadas de 'modernização administrativa'», lê-se no documento.

Aqueles inêxitos são atribuídos fundamentalmente a «falta de continuidade governativa e pouco empenhamento político, que obstaculizam em especial a desconcentração da administração central», o facto de as experiências «se terem tornado em processos autónomos, auto-sustentados com objectivos próprios desfasados das necessidades da sociedade», e ainda por esses processos «utopicamente terem visado mudanças globais e instantâneas e pensado que as mesmas se poderiam consolidar através da publicação de simples diplomas legais, acreditando na força das leis».

«A mudança a empreender na administração pública não se decreta, realiza-se antes na prática do quotidiano», salienta Lourdes Monteiro, acrescentando que «o caminho para o êxito exige actuação gradativa».)Como motores da mudança indicam-se a evolução económica, social e cultural da sociedade, o processo de integração de Portugal na CEE e «implementação da nova política de desenvolvimento regional».

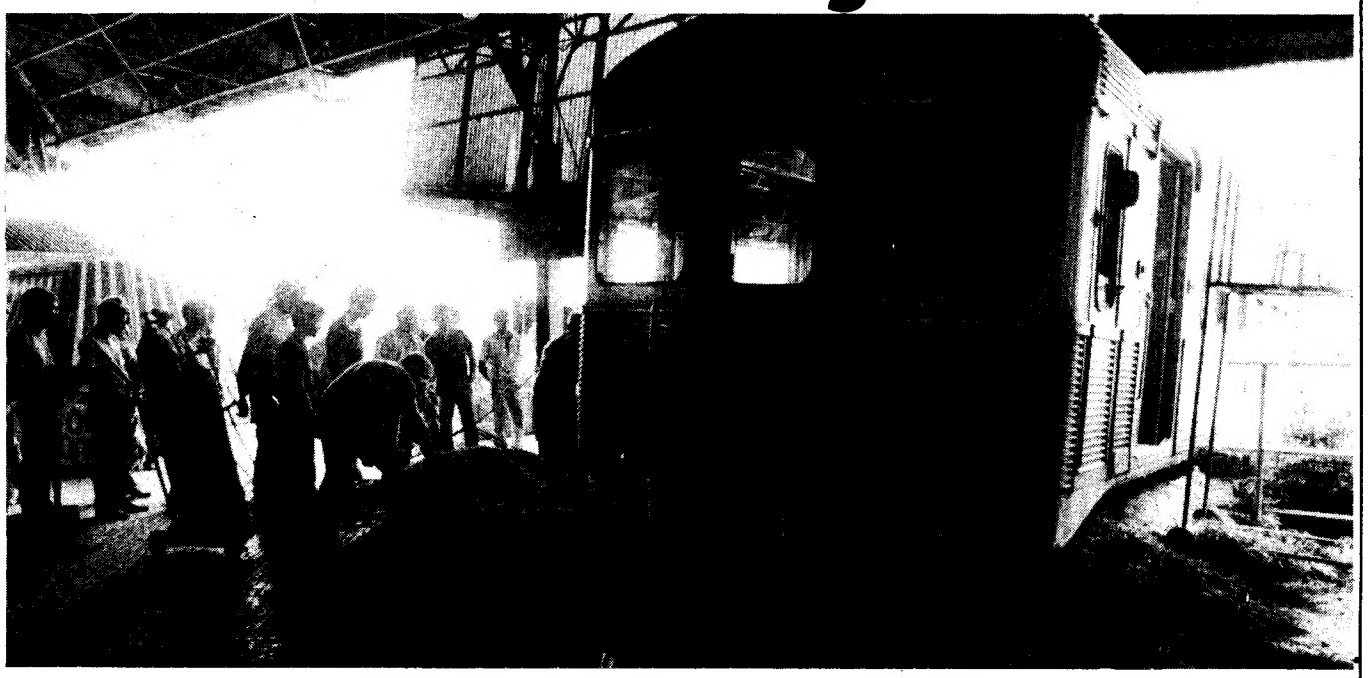
Na parte final do documento, a autora faz algumas considerações sobre a importância da desconcentração («peça fundamental») na modernização administrativa e no processo de desenvolvimento regional.

Maria de Lourdes Monteiro afirma existir consenso sobre a urgência de modernizar a administração pública, e que as condições actuais são-lhe favoráveis, rematando que «a vontade política e a capacidade de realização da própria administração têm, no entanto, a última palavra».

"Despiste" esta manhã no Cais do Sodré

Comboio sai da linha mas não fere ninguém

O comboio n.º 604 da linha de Cascais «despistou-se» esta manhã, no Cais do Sodré, mas não feriu ninguém — apurou o «DL» junto das Relações Públicas da CP. Não são ainda conhecidas as razões do acidente, esperando-se que a Comissão de Inquérito, nomeada pela administração da CP, as possa divulgar a curto prazo.



«Foi um milagre não haver feridos», disse um habitual passageiro daquela linha ao «DL», pouco antes das 8 horas. Segundo ele, trata-se de um período de relativo movimento, àquela hora, este mês, uma vez que são, ainda, muitas as pessoas que tomam o comboio para as praias da linha, a despeito da alegada poluição de algumas delas. No entanto, e ainda segundo o mesmo informador, não houve feridos porque «as pessoas que se encontravam na direcção do cais quando viram o comboio a galgar o encaixe, desviaram-se», acrescentou.

Faltavam poucos minutos para as 7 e 30 desta manhã quando, subitamente — e por razões ainda não determinadas — o comboio n.º 604 galgou o encaixe da linha n.º 4, que como a linha n.º 2, não tem resguardo de protecção. Se o tivesse, talvez a composição parasse no ponto de chegada — e de partida. «Em princípio, houve erro humano», disse, entretanto, um dos elementos da Comissão de Inquérito.

O comboio n.º 604 parte de S. Pedro do Estoril às 6 horas e 57 minutos e chega ao Cais do Sodré às 7 e 22. Esta manhã, todavia, a sua carruagem da frente «foi mais longe», galgando o encaixe cerca de dez metros. O elemento da Comissão de Inquérito, atrás referido, acrescentou que «inexplicavelmente, não houve feridos». O utente da linha de Cascais que assistiu ao «despiste», e o «DL» ouviu, foi categórico: «Parece que as pessoas que se encontravam na direcção daquela linha estavam a adivinhar... De repente, afastaram-se todas, se bem que o comboio tenha avançado poucos metros».

Não houve atrasos

De facto, quando os comboios se aproximam do cais, muitos passageiros encontram-se já de pé, junto às portas das carruagens. Acontece não apenas na linha de Cascais mas em todas as linhas suburbanas, em que a pressa dos utentes da CP é muita e esta raramente responde com a prontidão devida.

Pouco antes das 8 horas desta manhã havia pessoas apressadas no Cais do Sodré, algumas delas aguardando a composição que partira de S. Pedro do Estoril às 6 e 57 e que, minutos depois de chegar, devia partir em sentido contrário. Todos viveram alguns instantes de pânico, numa fracção de segundo. Foi o tempo do n.º 604 avançar e estacar, com duas rodas da primeira carruagem para além do terminal da linha, já no próprio átrio da estação.

Quatro elementos dos serviços técnicos da CP constituem a Comissão de Inquérito encarregada de averiguar as causas que estiveram na origem do acidente. Um deles afirmou, a meio da manhã, não ter ainda explicação para o acidente, congratulando-se pelo facto de não ter havido feridos.

O acidente não provocou atrasos na circulação, salvo no comboio n.º 604 que devia partir em direcção a S. Pedro do Estoril cerca das 7.30 desta manhã. A linha n.º 4 estava, inicialmente, fechada à circulação ferroviária, enquanto os membros da Comissão de Inquérito se encontraram no local.

Não houve desastres pessoais, mas foram elevados — basicamente por aquela linha não ter resguardo de protecção — os danos materiais, se bem que por avaliar à hora do fecho desta edição. Uma informação recolhida pelo «DL» no próprio local explica o facto: não é possível estimar com precisão os prejuízos materiais enquanto não for integralmente verificado o rodado da carruagem sinistrada.

Nono acidente este ano

O acidente desta manhã, no Cais do Sodré, eleva para nove o número dos que a CP registou já este ano, o mais grave dos quais ocorreu em 5 de Maio, às portas de Lisboa, na Póvoa de Santa Iria, no qual morreram dezanove pessoas — na sua maioria jovens estudantes — e mais de 80 ficaram feridas, algumas delas com deficiências físicas irrecuperáveis.

Cinco dos acidentes não provocaram vítimas e os quatro restantes mataram 20 pessoas e feriram quase uma centena.

A lista dos acidentes ferroviários deste ano começou em 5 de Fevereiro com o descarrilamento de dois vagões de um comboio de mercadorias, em Nine, no Minho. Não se registaram feridos. Em 3 de Abril verificou-se uma colisão de dois mercadorias, entre Vermoil e Albergaria. Também não houve danos físicos.

Em 5 de Maio, todavia, morreram 19 pessoas e mais de 80 ficaram, como atrás referimos, feridas, devido a um choque de dois comboios na Póvoa de Santa Iria.

Foi o maior acidente registado este ano.

No dia seguinte ocorreram dois acidentes: na Régua uma composição embateu na estação, ferindo quatro pessoas; e perto de Marinha das Ondas, na linha do Oeste, devido à fractura de um carril, um vagão e três carruagens descarrilaram sem provocar danos físicos.

Em 19 de Maio descarrilaram seis vagões de um comboio de mercadorias no Entroncamento, não se verificando danos físicos, felizmente. Dois dias mais tarde descarrilaram outros dois vagões de mercadorias, em Canas de Senhorim, igualmente sem que se registassem ferimentos.

Já este mês, numa passagem de nível sem guarda, em Darque, no Minho, um comboio bateu violentamente sobre um automóvel, matando um dos seus ocupantes.

Espanhóis descontaminam Tejo

Os afluentes do Tejo na região de Madrid vão ser limpos através de um sistema de depuradores, para descontaminação do rio, que nesta zona apresenta elevados índices de poluição, informaram fontes da empresa pública espanhola Canal Isabel II.

Esta empresa, responsável pelo abastecimento de água à capital espanhola e arredores, tem prevista a construção de 35 estações depuradoras em dois anos com a finalidade de limpar os rios da região.

A limpeza dos rios que desaguam com os resíduos das águas sujas de Madrid e subúrbios no Tejo, nas proximidades de Aranjuez e Toledo, onde passa altamente contaminado, supõe a descontaminação do rio que banha Lisboa.

Em virtude do longo percurso por zonas sem contaminação, as águas do Tejo chegam a Portugal com uma reduzida percentagem de poluição, na opinião dos especialistas, mas na sua passagem pela zona de Toledo e Aranjuez, onde recebe os afluentes que passam perto de Madrid, mostra elevados índices de poluição, denunciados com frequência pelas associações ecologistas e de defesa do Tejo.

A empresa Canal Isabel II já iniciou um plano, orçamentado em 21 000 milhões de pesetas, (mais de 21 milhões de contos) para a construção de 35 estações depuradoras, no período de dois anos.

Os afluentes do Tejo serão limpos e suas margens acondicionadas como áreas recreativas em algumas zonas.

As novas instalações farão com que os rios recuperem a sua personalidade como rio e deixem de ser simples leitos de águas sujas, diz o presidente da Canal Isabel II, Miguel Aguillo.

O plano de limpeza dos afluentes do Tejo é continuação complementar do plano de saneamento integral de Madrid, que supõe o tratamento das águas residuais da capital lançadas no rio Manzanares, através da construção de sete depuradores, já em funcionamento.

Concentração de ex-comandos africanos foi adiada

A concentração de ex-comandos africanos (militares e milícias), que, liderada pelo capitão Marcelino da Mata e pelo tenente Djaló, estava marcada para a manhã de ontem frente ao Estado-Maior-General das Forças Armadas, ao Restelo, foi adiada para as 14 horas da próxima quinta-feira no mesmo local.

Segundo afirmou ao «DL» um porta-voz dos promotores, o adiamento ficou a dever-se ao facto de na solicitação dirigida ao governo civil se ter apontado, por lapso, o local da concentração como sendo frente ao Estado-Maior do Exército quando na verdade se tratava do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

De referir que a concentração será integrada não só por ex-militares e milícias da Guiné, como também de Angola e Moçambique.

Português passa a ser obrigatório dos rótulos aos livros de instruções

O uso da lingua portuguesa passará a ser obrigatório nas informações prestadas em rótulos, embalagens, prospectos, catálogos e livros de instruções de mercadorias à venda no mercado nacional a partir de 1 de Novembro, segundo refere hoje o «Diário da República».

Um decreto-lei publicado na folha oficial enquadra a nova obrigatoriedade no direito à informação , «um dos mais relevantes direitos do consumidor».

O crescente alargamento do mercado nacional a produtos ou serviços de origem estrangeira, quando não acompanhado pelo uso da lingua portuguesa, inviabiliza na prática o exercicico do direito à informação, refere o decreto-lei.

o texto estabelece, ainda, que a prestação de informações em locais de venda, ou divulgadas por qualquer meio publicitário devem ser prestadas em língua portuguesa.

O mesmo deverá suceder a partir de 1 de Novembro, com contratos que tenham por objecto a venda de bens ou produtos, ou a prestação de serviços no mercado interno, bem como a emissão de facturas ou recibos.

o prazo é apenas dilatado por 18 meses para as informações apostas em tradução integral para português em embalagens estrangeiras já disponíveis antes de 1 de Novembro no mercado nacional.

Câmara de Lisboa

APU contesta declarações de Ribeiro Teles

«A APU absteve-se em relação à proposta em causa porque ela constituia, de facto, a revogação do actual Plano Geral de Urbanização, o que não pode ser feito pela Câmara, nos termos da legislação em vigor», sublinha uma nota do gabinete dos vereadores da Aliança Povo Unido referindo-se à posição daquela força política em relação a uma proposta do PPM sobre a divisão da cidade em quatro zonas.

Recorda-se que em conferência de Imprensa, o vereador popular-monárquico acusou a APU de, pela abstenção, dar tempo a Abecasis.

Sobre este ponto, os vereadores da Aliança Povo Unido reafirmam que a proposta apresentada para a elaboração de um «Plano Director», por já ter sido apresentada no mandato anterior, «é uma proposta fundamental que não criará qualquer vazio nem deixará tempo a Abecasis». «Não aceitamos, pois, a argumentação do PPM de considerar revogado logo, de imediato, o actual Plano Geral de Urbanização porque isso, além de incorrecto, fornece um bom argumento para que o Engo Abecasis o continue a desrespeitar», sublinha o comunicado.

Os vereadores da Aliança Povo Unido analisam, de seguida, a posição do vereador eleito pela lista «alfacinha» nas grandes questões da cidade, salientando que «o apoio ou abstenção face a importantes propostas da Direita como a Tarifa de Saneamento, o Luna Park, as Contas de Gerência de 1985, a eleição do Engo Abecasis para Presidente da EPUL e o Orçamento e Plano de Actividades de 1986» é contraditório com «a alegada oposição à política do Presidente da C.M.L.».

Na Costa da Caparica

Jovens dos "tempos livres" promovem limpeza das praias

Desde 7 de Julho do corrente que jovens integrados na Organização dos Tempos Livres têm vindo a desenvolver uma acção de limpeza e conservação dos areais da Costa da Caparica, no âmbito de uma «campanha de limpeza das praias» desencadeada a partir de Abril pela Câmara Municipal de Almada.

Divididos por turnos, e em grupos de 20, os 40 jovens afectos a esta campanha tentam que os banhistas, que produzem diáriamenete 50 toneladas de lixo, estejam sensibilizados para a conservação do seu espaço de lazer.

Recorda-se que, apesar de ao longo dos 20 quilómetros de areal existirem 30 mil sacos de plástico que são levantados diáriamente, ao fim do dia as praias apresentam um aspecto deplorável, devido à não alteração do comportamento dos banhistas.

Regulamento de Águas Residuais

Os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento da Câmara Municipal de Almada editaram o regulamento de águas residuais, um trabalho de grupo no qual participaram autarcas, técnicos e juristas de todos os Municípios do distrito de Setúbal.

A importância do volume de 244 páginas, advem de não existir no nosso País qualquer disposição legal respeitante à poluição do solo, e do facto de que, no referente à poluição hídrica e ao seu controle, apesar de alguns documentos importantes (Lei Orgânica da Direcção-Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos) não existir uma legislação completa.

Cantanhede tem nova freguesia

Sanguinheira: eleições dentro de 90 dias

Sanguinheira, no concelho de Cantanhede, tem a partir de hoje existência de lei, com a publicação no «Diário da República» da lei aprovada na Assembleia da República em 3 de Julho.

As eleições para a Assembleia da nova fregeuesia realizar-se-ão nos próximos 90 dias, sendo Sanguinheira governada até à posse dos orgãos autárquicos a eleger por uma comissão instaladora.

Esta comissão, terá nove elementos, sendo cinco deles cidadãos eleitores, e os restantes representantes da Assembleia Municipal de Cantanhede, da Câmara do mesmo concelho, da Assembleia de Freguesia de Cadima e da Junta da mesma freguesia.

Em todas as unidades hospitalares

Médicos do Centro quatro horas em greve

Os médicos da Região Centro cumpriram ontem quatro horas de greve e manterão essa forma de luta em todas as unidades hospitalares até que a ministra da Saúde dialogue com a classe. A paralisação deverá repetir-se amanhã, igualmente entre as 16 e as 20 horas, cumprindo-se nos moldes em que foi decidida: dia sim, dia não.

A greve respeita, por ora, apenas aos médicos policlínicos dos serviços de urgência de todas as unidades hospitalares e registou ontem uma adesão total. «Foi uma greve a cem por cento», disse ao «DL» um informador sindical da classe.

Os médicos da Zona Centro estão a fazer circular, por outro lado, um abaixo-assinado em que se solidarizam com as posições assumidas pelas estruturas representativas da classe e no qual repudiam a ausência de diálogo por parte da ministra da Saúde e a sua recusa ao debate público.

Mantém-se, no que toca aos médicos da Zona Sul, a greve convocada pela classe para o próximo dia 4 de Setembro, que não abrangerá, contudo, os serviços de urgência. A decisão, recorda-se, foi tomada em plenário promovido pela classe médica no Hospital D. Estefânia. A direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul pronunciou-se na altura a favor da extensão da greve administrativa dos policlínicos a todos os graus de médicos da Zona Sul.

Os médicos da Zona Sul apelaram entretanto para que a população utente dos hospitais boicote o pagamento da taxa moderadora.

Há várias formas de subir na vida! –aceite a nossa proposta

Conta Poupança-Emigrante

Senhor Emigrante:

Para subir na vida, é preciso esforço, qualidades... Não duvidamos do seu esforço e das suas qualidades!
Portugal precisa dos seus emigrantes! E eles também precisam de **um sistema de poupança e de crédito sólido como uma rocha!** E que não dê lugar a abusos por parte de **falsos emigrantes!** Foi precisamente por isso que criámos a **Conta Poupança-Emigrante**, que vem substituir o velho e gasto «Poupança Crédito».
As vantagens são grandes. Para empréstimos acima de 5 anos, a taxa de juro normal é 21,5%, mas para os titulares da Conta Poupança-Emigrante será:

- 12,5% para empréstimos a conceder até 30 de Setembro.
- 16,125% para empréstimos a conceder depois daquela data.

Dirija-se ao seu Banco.

Mas atenção: Não podem ser feitos depósitos com notas estrangeiras. Apenas o podem ser com cheques ou com transferências feitas do estrangeiro através do sistema bancário.

A decisão é sua!
O bem é de todos!

Ministério das Finanças

Testemunhas de defesa começaram a ser ouvidas em Monsanto

Manuel Serra foi acareado com o 'poeta' e 'arrependido'

Manuel Serra, ex-dirigente da FUP, foi uma das nove testemunhas de defesa do réu Pedro Goulart ontem ouvidas pelo Tribunal de Monsanto, onde continua o julgamento do chamado caso FUP/FP-25. Na generalidade, as testemunhas, interrogadas pela defesa, garantiram que o perfil do réu em nada deixava prever que ele pudesse pertencer a uma organização como as FP-25. Bem pelo contrário: a acreditar na imagem traçada pela maioria dos que ontem foram chamados à barra do tribunal, Goulart foi «sempre uma pessoa modesta, pacífica, calma, com uma vida muito simples, que em nada levantava suspeitas de poder participar em actos violentos».

A parte mais «interessante» da sessão de ontem resultou do depoimento de Manuel Serra, que acabou por ser acareado com o «arrependidíssimo» Macedo Correia, «o Poeta», como se sabe.

Serra afirmou desconhecer a existência do Projecto Global: «Nunca ouvi falar do PG enquanto estive na FUP e ainda hoje não sei bem o que é» — disse a certa altura esta tesmunha, que sublinhou ainda ignorar igualmente que a FUP fosse uma componente do PG, conforme refere a contestação do réu Otelo Saraiva de Carvalho.

Estas afirmações foram depois contestadas por Macedo Correia — a acareação referida foi pedida pela acusação — o qual disse ao tribunal terem ambos (Macedo e Serra) «conversado uma vez sobre o Projecto, conhecendo Manuel Serra, pelo menos, as linhas mestras».

Macedo Correia salientou que Serra «tinha que saber que eu era membro do Secretariado Permanente da OUT», facto que em declarações ao tribunal aquela testemunha afirmara desconhecer.

«Até Dezembro de 80, data em que abandonei a FUP, Macedo Correia nunca representou a OUT na FUP ou sequer participou em qualquer reunião comigo» — disse por sua vez Manuel Serra, que garantiu ter apenas conhecido o «Poeta» quando uma vez se deslocou ao Norte para sessões de esclarecimento da campanha presidencial de Otelo.

Interrogado pelo juiz-presidente, Serra disse ter integrado a FUP, na qualidade de independente, a convite de Otelo Saraiva de Carvalho, que conhecia muito bem e de quem era amigo.

A testemunha, que referiu ter participado no primeiro Congresso da OUT, em Abril de 78 na Marinha Grande, disse nunca se ter dado conta da formação de estruturas, nomeadamente da ECA (Estrutura Civil Armada), e considerou que as expressões «violência armada» ou «exército revolucionário» eram «apenas literatura».

«Isso é semântica revolucionária que nem sempre se traduzia na prática política» — salientou.

Instado a pronunciar-se sobre as consequências, no seio da FUP, da emissão de um comunicado condenando as FP-25, Manuel Serra disse ter sido um dos que se opôs a que ele saísse, mas uma vez decidido pela direcção o seu lançamento, o facto não teve quaisquer repercussões no seio da organização.

«Esse comunicado não teve importância nenhuma dentro da FUP» — disse ainda Manuel Serra, que, instado a pronunciar-se sobre as FP-25, considerou «difícil enquadrar politicamente as acções» que lhe eram atribuídas e, portanto, aceitar que algo as justifique.

O julgamento prossegue esta tarde. Continuarão a ser ouvidas testemunhas de defesa do réu Pedro Goulart, seguindo-se-lhes as arroladas pelo réu Otelo Saraiva de Carvalho.

Destruídos na Madeira 450 quilos de atum

Cerca de 450 quilos de atum, no valor de 202 contos, foram apreendidos a semana passada, na Madeira, por terem sido considerados impróprios para consumo, tendo posteriormente sido inutilizados por funcionários da Fiscalização Económica.

No mesmo período, os serviços de Fiscalização Económica detectaram, ainda naquela Região Autónoma, oito casos de especulação na venda de produtos alimentares, um caso de matança clandestina de bovinos e ainda onze casos de venda de produtos deteriorados.

Foram ainda instaurados oito processos por falta de afixação de preços em produtos à venda, por falta de higiene e por falta de boletins de sanidade.

Vai cortar cabelos de olhos fechados

Fernando Costa, um cabeleireiro para homens com salão na Avenida Marginal, em Cascais, irá tentar entrar no «Guiness», a partir de uma prova a realizar no próximo dia 1 de Setembro em que procurará estar durante seis horas a cortar cabelos de olhos vendados.

Tendo batido há cerca de um ano o recorde mundial de permanência a cortar cabelos (100 horas), Fernando Costa disse estar a sentir dificuldades «em arranjar clientes que desejem submeter-se à experiência».

"Morto a tiro no Estoril"

Na notícia que ontem publicámos, sob o título «Morto a tiro no Estoril por gerente de casa de jogos», referimos, por lapso da fonte de informação, que Daniel das Neves, o autor dos disparos que vitimaram Manuel da Silva Lajes, era gerente do bar e salão de jogos do Clube de Futebol Estoril-Sol. Na verdade trata-se do Clube Estoril-Sol que nada tem a ver com o Grupo Desportivo Estoril-Praia, presentemente na 2.ª Divisão. Aqui fica pois a rectificação.

Envolvendo em ambos os casos automóveis e camiões

Cinco mortos e seis feridos graves em dois acidentes no distrito de Setúbal

Cinco pessoas morreram ontem no distrito de Setúbal e seis ficaram em estado grave em dois acidentes de viação ocorridos respectivamente no lugar da Loja Nova, próximo de Pegões, no concelho do Montijo e no Forno da Cal (Coina), no concelho do Barreiro.

Em Pegões (Estrada Nacional n.º 4), às 10 e 45, um automóvel «Peugeot 305», de matrícula 982ELX75, chocou frontalmente com um camião de transporte de carnes, tendo morrido o condutor João Borreicho Barrão, de 56 anos, a sua mulher Maria Mota Ferreira, de 54 anos, emigrantes em França e ainda uma criança francesa, Jean Pierre, de dez anos, tendo ficado feridas Sofia Ferreira Barrão, de 13 anos, filha do casal, e Mónica Santos Silva, da mesma idade, residente no Montijo. No embate ficaram ainda bastante traumatizados o motorista do camião, Manuel Costa, de 37 anos, morador no Montijo, e o seu adjunto Manuel da Costa Gil, de 28 anos, residente no Samouco.

No que se refere ao acidente ocorrido no Forno da Cal (Estrada Nacional 10/3) envolveu também um automóvel e um camião da empresa Secil, carregado de betão, tendo morrido o condutor do veículo ligeiro, António Jesus Ferraz, que residia em Santo António da Charneca, a sua esposa, Gilberta da Conceição Vicente Ferraz, tendo ficado feridos António Francisco Vicente Ferraz, filho do casal, e a francesa Rossete Sylvie Ginette. O condutor do camião saíu ileso.

Quando roubava gasolina em Quarteira

Evadido da cadeia de Coimbra capturado com haxixe e caçadeira

A Polícia Judiciária deteve em Quarteira três indivíduos de 24, 30 e 32 anos, surpreendidos a tentar transferir para o automóvel em que viajavam gasolina de um outro veículo estacionado naquela vila algarvia.

No carro apreendido foram encontrados cerca de 100 gramas de haxixe, vários cartuchos de espingarda caçadeira e grande quantidade de ferramentas cuja origem não quiseram explicar.

Um dos detidos estava evadido da cadeia de Coimbra e outro tinha um mandado de captura, tendo todos eles sido presentes ao juíz de Instrução Criminal da Comarca sob a acusação de «furto qualificado e tráfico de estupefacientes».

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

A bandeira nacional. A bandeira nacional é símbolo da nossa Pátria. No entanto, está averiguado que poucos portugueses entendem amplamente o código deste símbolo.

Para muitos, o encarnado não representa a decisão de dar o sangue, se necessário, pela independência de Portugal, e o verde não representa a esperança no porvir. Para muitos, o encarnado representa o Benfica e o verde representa o Sporting.

Há quem pense que aquela roda ao meio lembra os feitos de Joaquim Agostinho. Se a maior parte dos portugueses ouvisse a história das cinco chagas ia fartar-se de rir. Se sem razão ou com ela, enfim, não quero discutir agora.

Alguns indícios apontam para um esquecimento progressivo da bandeira nacional. Até com pormenores altamente chocantes.

Sabe-se, por exemplo, que muitas bandeiras hasteadas em repatições públicas se encontram sujas, cheias de nódoas de champanhe, lagosta, impostos e cassetetes. Chamada a atenção dos respectivos serviços, foi respondido, em papel selado, que não havia dinheiro para comprar sabão e que, além disso, nos últimos anos, o verde tem desbotado imenso.

O desleixo leva a que as bandeiras se encontrem amarrotadas, cheias de vincos e até de rasgões. Ou seja, as bandeiras portuguesas têm sofrido mais em paz — do que em guerra! Fala-se mesmo de casos em que as bandeiras têm aparecido roídas, ou melhor, retraçadas pelos dentes dos tubarões!

Acaba o governo da Nação de baixar uma lei tornando obrigatório o hastear da bandeira em todas as escolas, mesmo naquelas em que todos os dias se verificam actos de vandalismo. Ela será hasteada igualmente em todos os bairros, com particular incidência nos bairros de lata. Neste caso, porém, hastear-se-á uma bandeira especial, construída à base de folha de flandres.

O Governo providenciará no sentido de a guarda de honra à bandeira ser feita, prioritariamente, pelos desempregados mais recentes.

Para esta semana escalou os mineiros da Borralha, os quais nem sabem como agradecer a honra concedida.

Se me pedem a minha opinião, direi que uma bandeira só é bandeira, quando o povo agarra no pau.

Mineiros em luta de uma semana contra o encerramento de minas e os despedimentos colectivos

Os mineiros iniciam hoje, em coordenação da Federação Nacional dos Sindicatos de Metalurgia, Metalomecânica e Minas, uma semana de luta em protesto contra a política do Governo no sector e, nomeadamente, a autorização e apoio ao patronato para encerrar várias explorações mineiras e despedimentos colectivos noutras.

Em comunicado ontem distribuído, a Federação especifica em concreto «a vasta ofensiva contra os interesses nacionais e os direitos sociais dos trabalhadores» em que se traduzirá a política para o sector:

— fecharam as minas do Arcozelo, restando apenas seis trabalhadores em tarefas de manutenção;

— as minas da Borralha estão encerradas desde Janeiro com os seus 500 mineiros no desemprego;

— também foram recentemente encerradas as minas de Montezinho e Vale das Gatas, onde se encontram apenas 10 e 24 trabalhadores, respectivamente, encarregados da manutenção;

— nas minas da Panasqueira, a multinacional Beralt Tim and Wolfram (Portugal) pediu e obteve do Governo autorização para o despedimento colectivo de mais de um quinto dos trabalhadores ali em actividade.

«Se em vez da demagogia o Governo ouvisse os representantes dos trabalhadores e tomasse em consideração as suas propostas — diz a Federação de Sindicatos do sector mineiro — a situação seria diferente».

Para hoje estão programadas reuniões dos mineiros de Vale das Gatas e das empresas mineiras do distrito de Vila Real. Durante toda a semana suceder-se-ão outras reuniões plenárias de trabalhadores, manifestações e acções junto da população para denúncia e combate às contestadas decisões governamentais e patronais.

Isto porque, segundo diz a Federação, em vez de promover o desenvolvimento das explorações mineiras indispensáveis ao desenvolvimento regional e à economia do País, o Governo dá dinheiro aos patrões para o encerramento das minas (40 mil contos no imediato e previsão de, pelo menos, mais 100 mil para o próximo ano).

«A ofensiva do patronato e Governo — conclui — traduz-se no despedimento de 3000 trabalhadores das minas, no encerramento parcial e/ou total das empresas metalúrgicas de transformação (nomeadamente estanho) pelo que o Estado gastará milhares de contos em divisas na importação de estanho, designadamente, para a Siderurgia Nacional.»

Menos de um terço do total

Só cem mil desempregados recebem subsídio

O número de inscritos nos centros de emprego no fim de Junho baixou 0,23 por cento em relação a Maio mas aumentou 9,18 por cento relativamente a Junho de 1985 — indicam dados ontem divulgados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional.

A informação mensal do mercado de emprego refere que no final de Junho de 1986 estavam inscritas 381.684 pessoas nos centros de emprego, das quais 371.729 desempregadas, sendo de 103.553 o número dos que recebiam subsídio de desemprego (27,86 por cento dos desempregados inscritos).

As 197.620 mulheres inscritas representam 53,16 por cento dos desempregados recenseados nos Centros de emprego, enquanto 59.592 pessoas inscritas procuram o primeiro emprego.

Em Junho, os Centros de emprego receberam 4655 ofertas de emprego — um acréscimo de 309 relativamente ao mês precedente.

Enatur: 50 mil contos de lucro

Por despacho conjunto dos secretários de Estado do Turismo e do Tesouro foram aprovadas as contas relativas ao exercício do ano passado da Empresa Nacional de Turismo-Enatur, com o item mais importante de quase 50 mil contos de lucros.

Estes resultados líquidos (exactamente 49.362 contos) são bastante superiores aos de 84 (24 mil) mas ligeiramente inferiores aos de 83 (55.800).

A Enatur é uma empresa pública criada para gerir os empreendimentos hoteleiros do Estado, nomeadamente a rede de pousadas (29 no total), dois hotéis (o de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e o de Manteigas) e cinco restaurantes de prestígio entre eles a Cozinha Velha, de Queluz, e a Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge.

Para travar as exportações

Têxteis e vestuário portugueses controlados pela Comunidade

« A CEE em vez de promover a expansão das modas e têxteis portugueses uniu as suas forças para garantir que as exportações de Portugal sejam vigorosamente controladas» comenta o jornal londrino «Guardian».

Sarah Mower, correspondente de modas daquele jornal acrescenta que «Portugal por não ser um país rico não tem uma educação de moda razoável e poucos jovens parecem dispostos a acordar a nação para as possibilidades abertas no sector».

A propósito, o director da delegação do ICEP em Londres, Viana Simões, disse que «é a primeira vez que o número de peças que Portugal pode vender nos países da CEE é delimitado por cotas, pelo menos durante os próximos quatro anos».

«Tais condições — comenta Viana Simões — são uma aberração dentro da CEE que devia auxiliar os seus membros e o caso é ainda mais grave porque Portugal é o país mais pobre da Comunidade.»

«O resto da Comunidade atou as mãos da indústria da moda portuguesa porque a considera uma grande ameaça como produtora de modas em massa para o mercado» — referiu.

Jeff Banks da empresa Warehouse é um dos que se mostra estusiasmado pelas capacidades de Portugal e recorda que muitas empresas francesas e italianas encomendam vestuário aos portugueses.

O jornal «Guardian» observa que Ana Salazar é uma «desenhadora que tirou vantagens das suas capacidades» referindo que ela principiou importando vestuário para jovens de desenhadores britânicos como Mary Quant e Janice Winwright em 1960 e actualmente foi obrigada a desenhar os seus modelos.

Acrescenta o jornal londrino que «o governo português está a fazer o que pode com um orçamento limitado e concedeu bolsas a seis estudantes portugueses para o Real Colégio de Arte».

Sarah Mower, refere ainda que as modas de Portugal vão para o estrangeiro confeccionadas sob etiquetas Pierre Cardin, New Man e Gaston Jaunet.

«Os portugueses podem cumprir as exigências bem severas dos desenhadores franceses, mas permanece a incógnita se eles têm capacidade para dirigir a sua perícia para uma criatividade sua e consequente vantagem económica» — conclui a jornalista.

Bancários contra a passagem dos bancos a sociedades anónimas

A direcção do Sindicato dos Bancários do Centro discorda do projecto de transformação de bancos públicos em sociedades anónimas, que considera inconstitucional num parecer enviado ao ministro das Finanças, ontem divulgado.

A direcção sindical critica a época do ano em que os projectos foram lançados à discussão pública, o prazo extremamente curto concedido para a emissão de pareceres e a «escassez de estudos técnicos».

O parecer do Sindicato Bancário do Centro, filiado na UGT, acrescenta que tudo parece conduzir a que «a discussão não ultrapasse a superficialidade, autolimitando-se ao «slogan» propagandístico mais ou menos ideologicamente sustentado, deliberadamente para esconder uma estratégia coerentemente delineada».

O parecer considera que o projecto goveramental é inconstitucional quer sob o ponto de vista formal (falta de autorização legislativa da Assembleia da República) quer do ponto de vista substancial (irreversibilidade das nacionalizações, consagradas no artigo 83 da Constituição da República).

O sindicato salienta que «ao abrir uma empresa nacionalizada, pública, à participação de capitais de outras empresas, mesmo que públicas e aceitando serem estas meras accionistas, opera-se ipso facto uma mudança objectiva do seu titular que deixa de ser o Estado, como do seu escopo, que deixa de ser nacional».

Assinala que «não se vislumbram no projecto de diploma fundamentos que justifiquem uma alteração tão radical quanto apressada» pelo que não pode deixar de concordar com «aqueles que afirmam não ser este projecto mais do que um balão de ensaio de pretensões muito mais gravosas, porque muito mais vastas».

O parecer do Sindicato dos Bancários do Centro indica que a transformação de empresas públicas de «um sector essencial para a economia do país em «sociedades anónimas de responsabilidade limitada» pretende limitar ou mesmo impedir a acção do Estado na gestão dessas empresas.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	36$15	42$15
ALEMANHA FED. (marco)	69$95	71$15
ÁUSTRIA (xelim)	9$90	10$10
BÉLGICA (franco)	3$171	3$421
BRASIL (cruzado)	3$90	6$40
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	103$60	106$10
(notas de 5 a 1000)	104$10	106$60
DINAMARCA (coroa)	18$60	19$00
ESPANHA (peseta)	1$053	1$173
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	144$60	148$10
(notas de 5 a 1000)	145$10	148$60
FINLÂNDIA (marka)	29$35	29$95
FRANÇA (franco)	21$50	22$20
HOLANDA (florim)	62$10	63$20
IRLANDA (libra)	194$95	198$95
ITÁLIA (lira)	$092	$107
JAPÃO (iene)	$895	$950
NORUEGA (coroa)	19$70	20$20
REINO UNIDO (libra)	216$70	221$20
SUÉCIA (coroa)	20$85	21$35
SUÍÇA (franco)	86$65	88$15
VENEZUELA (bolívar)	5$90	6$90

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRÁS-OS-MONTES MINHO E BEIRAS
EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
HOTÉIS SELECCIONADOS
6 DIAS
PARTIDAS: 24 DE AGOSTO 7 SETEMBRO
Visitando: COIMBRA, BUÇACO, VISEU, VILA REAL, BRAGANÇA, CHAVES, BRAGA, GERES, VIANA DO CASTELO, TUY E PORTO
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473 85

MOSTEIROS DE ESPANHA E ANDORRA
EXCURSÃO EM AUTOPULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
HOTÉIS SELECCIONADOS
10 DIAS
PARTIDAS: 22 8 • 5 e 19/9
Visitando: MADRID • ZARAGOZA • LOURDES • MONTSERRAT • BARCELONA • VALÊNCIA • BARCELONA
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
CROSSISTA 473 85

Lorca foi assassinado há 50 anos

Poetas e artistas desfilaram no barranco de

Poetas, artistas e amigos de Federico Garcia Lorca reuniram-se na madrugada, de ontem no Barranco de Viznar, o lugar em que o poeta foi fuzilado há 50 anos pelos nacionalistas.

Até ao nascer do sol, admiradores e amigos de Lorca desfilaram à luz de velas no grande Barranco de Viznar, onde estão sepultadas 4.000 vítimas da repressão franquista em Granada.

Estiveram presentes dois sobreviventes do grupo teatral «A Barraca», fundado por Lorca, e a companhia que tem actualmente o mesmo nome e que representou duas das suas obras, «El retabillo de don Cristóbal» e «Teatro impossible, teatro possible».

A homenagem foi organizada pela Câmara Municipal de Viznar, povoação situada a 7 quilómetros de Granada, e marcou o início de uma semana cultural comemorativa do cinquentenário da morte de Lorca.

O espanista Ian Gibson profere durante a semana uma conferência sobre «porquê e como mataram Garcia Lorca», e o poeta Rafael Arberti, seu amigo e conterrâneo, recordará «Garcia Lorca, poeta e amigo».

Viznar será também palco da representação de numerosas peças de Lorca, nomeadamente «Yerma» e «Bodas de Sangre», bem como de espectáculos de fantoches.

Além da poesia e do teatro, a actividade criadora de Lorca também abrangeu a música e as artes plásticas.

No pátio central da casa natal de Lorca, na localidade granadina de Fuentevaqueros, realiza-se um encontro das suas canções, enquanto na «Huerta de San Vicente», a casa de Verão da família, começa a rodagem de um filme de Juan Antonio Bardem sobre a vida e a morte do poeta.

Federico Garcia Lorca saiu da «Huerta de San Vicente» em 9 de Agosto de 1936, para se esconder na residência de outro poeta granadino, Luís Rosales, considerada segura por dois dos seus irmãos serem conhecidos falangistas.

Seis dias depois, um comando apresentou-se na «Huerta» com uma ordem de prisão e forçou a família a revelar o paradeiro de Lorca. Detido em 16 de Agosto em casa dos Rosales, Lorca esteve dois ou três dias no Governo

Evocação da morte selvagem de um poeta

Rafael Ortiz

Exclusivo Ardopress/«DL»

Fu zilar, mandar assassinar um escritor, para mais um poeta, nunca fez a glória de um país, de um regime, de um homem, e fica como uma mancha vermelha na sua consciência, na sua história. O facto de ele se suicidar porque abraçara uma má causa, de ele passar anos na prisão, não destói a imagem de marca de um poeta. Alphonse de Chateaubriand e outros, que acreditaram demasiado em Hitler, mataram-se depois da última guerra. Mas a posteridade ainda censura ao general de Gaulle o ter deixado executar, em 1945, Robert Brasillach, que esteve ligado ao nazismo durante a ocupação, e cem vezes mais a Estaline, a morte, pelo GPU, o KGB ou em campos da Sibéria, de tantos romancistas e poetas russos, judeus e outros, ou ainda ao Terceiro Reich por crimes semelhantes.

A terrível guerra civil de Espanha, que estalou há cinquenta anos, fez mais de um milhão de mortos, com actos terríveis, bárbaros, de ambos os lados. No entanto poucos pesam tanto na memória colectiva desses anos como o assassínio, a 19 de Agosto de 1936, do maior poeta espanhol do século, talvez de todos os tempos: Frederico Garcia Lorca.

Cervantes, Lope de Vega, Calderon

Essa morte absurda gratuita nunca foi reivindicada nem reconhecida como de inspiração política. Tanto foi atribuída aos costumes «especiais» da vítima como a uma baixa vingança pessoal. Não é de excluir que ambas tenham tido um certo papel acessório, motivos que, em todo o caso, não teriam chegado ao acto trágico, fora do contexto passional da época.

Três grandes figuras literárias saem da história milenar da Espanha, influenciada, dominada pela Igreja, muito mais do que em Itália ou na França: Miguel, de Cervantes («Don Quixote de La Mancha»), Lope de Vega («O Estrangeiro na sua pátria»), ambos na segunda metade do século dezasseis e princípio do dezassete, e depois, no século dezassete, Pedro Calderon («A vida é um sonho»). Os outros eram principalmente filósofos ou autores religiosos.

Entre eles, muito curiosamente, dois judeus (antes da expulsão dos seus correligionários da península), Salomão Avicebron e Moisés Maimonide, e ainda, muito diferente deles, Santa Teresa de Ávila.

Nascido num ano negro

Se pusermos de lado o romancista quase contemporâneo Vicente Blasco Ibañez, celebrizado sobretudo pelo cinema («Arenas sangrentas» e «Os quatro cavaleiros do Apocalipse») e hoje bastante esquecido, teremos de esperar pelo fim da segunda década do nosso século para ver um novo génio agitar a mediocridade da literatura hispânica na poesia e no teatro.

Federico, que segundo o uso ibérico tomou os apelidos do pai e da mãe, Federico Garcia Rodriguez, rico proprietário agrícola e Vicenta Lorca, professora primária, nasceu em Fuentevaqueros, perto de Granada, no dia 11 de Junho de 1898. Ano negro para a Espanha, que na guerra desastrosa (cem mil mortos) contra os Estados Unidos, perdeu o essencial do seu império colonial: Cuba, Porto Rico e as Filipinas.

Talvez por isso ou por confusão dos seus papéis, Lorca situava frequentemente a data do seu nascimento em 5 de Junho de 1899. Era dotado para o canto e para a música, e os pais mudaram-se em 1908, para que os filhos (outro rapaz e duas meninas) pudessem fazer os seus estudos, primeiro secundários e depois universitários, em Almeria e em Granada. Ao mesmo tempo Federico aprendia piano e guitarra.

A primeira peça representada aos 22 anos

Filho de pais ricos, viaja por grande parte da Espanha, conhece escritores, músicos, actores, como o poeta Machado e o compositor Manuel de Falla, que, apesar de uma diferença de quase vinte anos, se torna seu grande amigo.

Aos dezanove anos começa a escrever em revistas e aos vinte publica o seu primeiro livro sobre as suas viagens «Impressões e Paisagens». No ano seguinte instala-se na Residência Universitária de Madrid onde conhece, entre outros, Luís Buñuel. Desde, então, estimulado pelo ambiente artístico da capital, Lorca não para de escrever: poemas, prosa, peças de teatro, todos num tom, numa linguagem nova, que fazem dele, bem depressa, a **grande esperança** da jovem literatura espanhola.

Em Março de 1920 — tem então 22 anos — é apresentado no Teatro Eslava, de Madrid, a sua primeira peça, **El Maleficio de la Mariposa**, síntese de poesia, de canto e de comédia. Esboça outras, em colaboração com Manuel de Falla, com quem, para a festa dos Reis de 1923, monta em Granada um espectáculo.

Uma estranha cidade de contrastes

Granada, estranha cidade de cento e cinquenta mil habitantes, capital de um pequeno Estado muçulmano durante dois séculos e meio, tempo em que foi construída a célebre Alhambra, obra-prima da arquitectura mourisca. E na outra ponta da cidade, na sua belíssima catedral, repousam Fernando e Isabel, os reis católicos.

Os burgueses de Granada, mais inclinados para o comércio do que para as artes, desconfiam dessa efervescência de jovens e toleram-nos contra vontade. Os ciganos, que habitam um bairro inteiro, são-lhe mais sensíveis.

Lorca estaria certo de poder viver um dia da arte? Em 1923, faz, então com 25 anos, a sua licenciatura em Direito. Na universidade conhecera Salvador Dali, mais ou menos da sua idade, que o incita a preservar.

A escolha não se faz esperar. O génio do poeta explode verdadeiramente nesses anos com o **Romancero Gitano, Mariana Pineda**, um libreto de ópera para Falla, **La Comediante**, sem esquecer a sua obra lírica. Em 1926 escreve a **Ode a Salvador Dali** seu novo grande amigo em casa de quem **passa** vários meses, em Cadaquès.

Trabalha muito, como se sentisse que a sua vida será breve. Ao mesmo tempo que no teatro Goya, de Barcelona, se representa **Mariana Pineda** (ele e Dali fazem os figurinos e os cenários), peça acolhida triunfalmente pelos jovens, friamente pelo resto da sala, expõe os seus belos desenhos numa galeria da capital catalã, e lança uma revista literária, «El Gallo», que só publicará dois números.

Descoberta da arte negra

Apaixona-se pela política, como todos os jovens, assina um manifesto contra a ditadura de Primo de Rivera, cuja queda, em 1930; lhe causa grande alegria. Antes, em 1929, vai a Nova Iorque via Paris onde triunfa o surrealismo com Paul Èluard, Miró, Tristan Tsara.

Em Nova Iorque descobre Harlem, a música negra, o jazz, o cinema sonoro, todo um mundo novo, misterioso, extraordinário. No seu regresso a Cadaquès assiste ao rapto pacífico de Gala, a linda esposa russa de Éluard, que Salvador Dali lhe rouba para fazer dela, durante meio século, a sua musa.

Aos 32 anos, Lorca, agora célebre em todo o universo hispânico, é convidado para ir a Cuba, antes de fazer conferências e leituras de poemas através da Espanha. É, no entanto, em Madrid, que no dia 14 de Abril de 1931 ele participa na alegria popular, para festejar a proclamação da República, sem suspeitar que a insurreição contra essa nova Espanha, aparentemente acolhida na alegria por todo um povo, mas que desconsolará muita gente, lhe será fatal cinco anos e meio depois.

Bodas de sangue

Entretanto, a república ajudá-lo-á a fundar, em Março de 1932, **La Barraca**, teatro universitário popular, de que será director, e que representará, sobretudo no campo, peças de Calderon, Lope de Vega, Cervantes.

Isto não o impede de trabalhar arduamente nem de ver representar, em Março de 1933, num grande teatro madrileno, o que restará da sua obra prima **Bodas de Sangue**, primeira peça da trilogia de que farão parte **Yerma** e **La Casa de Bernarda Alba**. A qualidade do tema e a beleza da língua são tais que, desta vez, o êxito é quase unânime.

«O teatro é a escola das lágrimas e do riso», escrevia o próprio Lorca. O poeta António Machado acrescentaria que 'Bodas de Sangue' o ensinara a chorar sem dar por isso» — o que não tira nada ao carácter de sátira mordente da sociedade espanhola, tudo isso — os críticos estão de acordo — numa bela linguagem abrupta, metálica, quase sem verbos.

Drama no drama: o seu autor termina «La Casa de Bernarda Alba» a 19 de Junho de 1936, dois meses certos antes de ser assassinado. A peça só, no entanto, foi representada nove anos depois, a 8 de Março de 1945, em Buenos Aires. Durante muito tempo julgou-se que o seu único exemplar se perdera.

Antes, em 1935, termina a sua tragédia «La Destruccion de Sodoma», mais uma obra em prosa, «Poeta in New York», as suas impressões americanas.

A guerra civil

- Esses anos fecundos, felizes, de glória, não durarão, porém, muito. Em Fevereiro de 1936 é a vitória da Frente Popular nas eleições legislativas. Ora embora Federico Garcia Lorca não seja membro de nenhum partido, ele não esconde que é um escritor «politicamente empenhado», que participa em certos comícios, assina manifestos, escreve em revistas. Os que têm inveja dele, os seus inimigos, não políticos mas pessoais não esquecem isso.

No princípio de Julho, está em Madrid onde dá ennntrevistas, faz declarações, lê os seus últimos poemas aos amigos. Desconfiará do que o espera quando, antes de partir para Granada, confia um embrulho a um amigo, com «papéis para destruir» e o manuscrito da sua última obra, «Público»? Ou estaria simplesmente impressionado pelos rumores de golpe de Estado que já circulavam? Alguns asseguram-lhe que em sua casa, em Granada, estará melhor, mais seguro do que na capital onde muita gente lhe quer mal.

Segundo uma terceira versão ele queria muito simplesmente passar com os seus o dia 19, dia de São Frederico.

Os comboios espanhóis sempre foram lentos. Toma um «wagon-lit» e chega a Granada — estranha fatalidade — na manhã de 17 de Julho, dia em que estala a insurreição, primeiro em Marrocos, antes de, no dia seguinte, o general Franco, chegado das Canárias, passe por lá para desembarcar no continente desencadeando a terrível guerra civil.

Se Lorca tivesse ficado mais vinte e quatro ou quarente e oito horas em Madrid, teria escapado aos que esperavam por ele. Vencidos os republicanos ele ter-se-ia provavelmente refugiado em França, nos Estados Unidos ou noutro país. Mas, disse um dia André Malraux: «O seu fim foi digno de um poeta da Tragédia, mesmo que tenha sido uma perda incomensurável para a literatura espanhola.»

Logo no dia 19 de Julho houve em toda a Andaluzia e noutras províncias combates de rua ferozes. Em Granada esses combates terminaram com vantagem para aqueles que se diziam «franquistas». O general Valdés, nomeado governador da cidade, não era muito versado nas artes nem na literatura. Mandou assim prender o maior compositor de Espanha, Manuel de Falla, a quem ouvira chamar mestre Falla. Ora, aos seus olhos todos esses mestres-escola eram... vermelhos.

Mas teve mais sorte do que Garcia Lorca e foi por fim posto em liberdade. A repressão, para não dizer o terror era, com efeito, mais sangrenta na Andaluzia, onde os temperamentos são mais passionais. segundo os cálculos, teria havido aí, desde 1936, uns vinte mil mortos, número esse que estaria abaixo da realidade.

Os assassinos do esquadrão Negro

Foi um antigo tipógrafo do jornal de Granada «El Ideal», Ramon Ruiz Alonso quem fun-

de Viznar

Civil, antes de ser fuzilado na madrugada de 18 ou 19 de Agosto.

As comemorações do cinquentenário do fuzilamento de Lorca iniciaram-se no princípio deste ano e são organizadas por uma comissão nacional constituida com este objectivo.

O governo argentino também promoveu uma homenagem nacional a Garcia Lorca, que viveu vários meses em Buenos Aires, durante os ensaios do seu drama «Bodas de Sangre», interpretado por Margarita Xirgu.

O município de Granada subvencionou um voo «charter» para permitir aos estudiosos e admiradores de Lorca assistirem às comemorações em Buenos Aires.

dou logo a 18 e 19 de Julho **L'escuadra negra,** equipa de assassinos sequiosos de morte, de destruição, de crueldade, e que estaria na origem da morte de Lorca. Talvez fosse mesmo ele o assassino, como vários indícios fazem supor.

Como ele era homossexual houve toda uma literatura que entre 1936 e 1950 tentou dar a esse crime uma coloração particular, dados os costumes especiais bem conhecidos do poeta. O que teria desculpado; pelo menos parcialmente, as autoridades franquistas, a começar pelo general Valdés em pessoa, que, na verdade, tinha toda a responsabilidade no caso.

Para voltar aos factos, perante os banhos de sangue cujas dimensões ainda eram aumentadas pelos boatos, Federico refugiara-se em casa de amigos, os irmãos Rosales; altos dignatários da Falange, organização da vanguarda franquista, onde julgava estar em segurança. Nas ruas, dentro das casas, nos arredores da cidade, abatiam-se vítimas (mais de uma vez por erro), de mãos ligadas. Uma testemunha diz que «só os conselheiros municipais tinham direito de acender um cigarro antes de morrer». entre eles o alcaide de Granada, Manuel Montesinos, cunhado de Garcia Lorca.

Enterrem-me com a minha guitarra

Depois de quinze dias de espera, Ruiz Alonso, que queria a morte de Federico, e furioso por não o ter podido capturar em sua casa, acabou por encontrar um denunciante do seu esconderijo, talvez um dos próprios Rosales, que, para salvar a própria família «deu» o amigo.

A mãe dos Rosales recusou-se a abrir a porta ao comando de assassinos. Teve por fim de obedecer a uma ordem de prisão assinada pelo general Valdés, o que constituía ao mesmo tempo a prova formal do carácter político da morte de Lorca.

Uma noite passada no Governo Civil e, sem dúvida, depois de horríveis torturas, mas de que não houve — naturalmente — testemunhas, e o maior poeta de Espanha foi fuzilado na madrugada do dia 19 de Agosto de 1936, perto de Viznar, nos arredores da cidade.

«Quando eu morrer,
Enterrem-me com a minha guitarra
Sob a areia».

escreveu ele num dos poemas de **Cante Jondo.**

Um acto de horror imperdoável

Como numa das suas outras obras ele desejara repousar sob as oliveiras, afirmou-se, para edulcorar, atenuar um pouco o horror da sua morte, que o seu voto se realizara. Na verdade o seu corpo foi atirado com milhares de outros corpos, para uma vala comum.

Nessas primeiras semanas de guerra civil as notícias chegavam com grande atraso. quando a do assassínio de Lorca chegou a Madrid, em Setembro, os jornais, no entanto sobrecarregados com as notícias da frente, anunciaram-na em edições especiais. A emoção, a estupefacção, a indignação eram imensas tanto em Espanha como no mundo inteiro. Cinquenta anos depois esse assassínio sádico de um poeta continua a ser um dos horrores inexplicáveis e imperdoáveis desses Anos Negros.

A visita de Jesse Jackson a Angola

Eduardo dos Santos quer retomar diálogo com os Estados Unidos

Com vista a retomar as consultas conducentes à paz, Angola solicitou um encontro com Ronald Reagan, Presidente dos Estados Unidos — informa um documento ontem à noite divulgado em Luanda. Trata-se do acordo a que chegaram o presidente José Eduardo dos Santos e o reverendo Jesse Jackson, que ontem terminou uma visita a Angola.

«O estabelecimento de relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a República Popular de Angola é uma urgente prioridade e poderá resolver muitas dificuldades pendentes entre os dois países» — diz o acordo a que chegaram o presidente angolano e o visitante norte-americano.

«A África do Sul constitui uma ameaça directa para a segurança de Angola e o recente fornecimento de armas à UNITA, pelos Estados Unidos aumentará as destruições no interior de Angola, pondo igualmente em perigo os trabalhadores americanos» que aqui laboram prossegue o documento, distribuído pela agência ANGOP.

«Os Estados Unidos deverão modificar a sua política de participação na desestabilização militar de Angola e procurar, ao invés disso, impedir futuros ataques da África do Sul. Etapa que só por si poderia originar outras susceptíveis de garantir a segurança da RPA e, consequentemente, possibilitar a redução das tropas estrangeiras no solo angolano» — continua o texto.

Angola pediu o encontro com o presidente Reagan «para discutir o estado das relações» entre os dois países e as formas de resolver a tensão entre ambos.

Além disso, solicitou a todos os demais países da Linha da Frente (Moçambique, Zimbabwe, Zâmbia, Tanzânia e Botswana) que procurem reunir com o presidente Reagan para bordar os problemas da região e para o convidar a visitar estes mesmos países, «a fim de observar no terreno os efeitos da política norte-americana».

José Eduardo dos Santos e Jesse Jackson concordaram que existe um potencial para relações proveitosas no domínio agrícola entre agricultores norte-americanos e angolanos, nas áreas da comercialização de produtos, transferência de tecnologia agrícola e outras formas de trocas recíprocas.

As duas partes também concordaram em que homens e mulheres de negócios dos Estados Unidos, em particular da comunidade de origem africana, podem desenvolver um relacionamento proveitoso com Angola através de investimentos directos ou indirectos, na área do comércio.

Durante a audiência que concedeu ao reverendo Jesse Jackson, o presidente angolano disse que, caso o governo de Washington o convide, está na disposição de ir aos Estados Unidos, conferenciar com o presidente Reagan e falar ao povo norte-americano.

No entender de alguns observadores da situação na África Austral, as afirmações de José Eduardo dos Santos e o texto do documento que assinou com o reverendo Jesse Jackson parecem marcar uma fase substancialmente nova quanto a hipótese de novas conversações entre os Governos de Luanda e Washington.

Angola cortara há meses o diálogo com os Estados Unidos, depois de estes terem recebido na Casa Branca o chefe da UNITA, Jonas Savimbi, e dado ao respectivo movimento um substancial apoio.

Washington rejeita proposta de moratória apresentada por Gorbachev

Os Estados Unidos rejeitaram o apelo feito ontem pelo líder soviético Mikhail Gorbachev, para aderirem a uma moratória na realização de ensaios nucleares.

A posição da Casa Branca sobre uma eventual moratória dos ensaios nucleares continua a ser a de que «essa medida não beneficia os interesses de segurança dos Estados Unidos, dos nossos amigos ou países aliados», disse o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes.

A reacção da Casa Branca foi imediata ao discurso que Gorbachev efectuou via Televisão para anunciar a sua disposição de prorogar até 1 de Janeiro de 1987 a suspensão dos ensaios nucleares soviéticos.

Gorbachev deu a entender que estava disposto a aceder à proposta do presidente norte-americano, Ronald Reagan, para uma reunião conjunta antes do fim do ano, afirmando que «Moscovo tem a certeza de que é possível chegar rapidamente a um acordo sobre a cessação de ensaios nucleares e assiná-lo já este ano, numa cimeira soviético-norte-americana».

Speakes não rejeitou a sugestão de Gorbachev sobre a possibilidade de um acordo na suspensão de ensaios nucleares na cimeira com Reagan, mas também não aceitou as afirmações do líder soviético.

«Sempre estivemos interessados num acordo sobre testes que inclua alguns métodos de verificação, que foi o principal ponto de divergência e sobre o qual gostaríamos de discutir com os soviéticos», disse o porta-voz.

«Que eu saiba Wahington e Moscovo não chegaram a consensó sobre qualquer tema relacionado com a questão da verificação (de acordos)», acrescentou Speakes, referindo-se às afirmações de Gorbachev nesse sentido.

Aludindo à moratória adoptada por Moscovo, Speakes reafirmou que «no futuro imediato, os armamentos nucleares serão necesários para assegurar a viabilidade, continuação e eficiência da estratégia de dissuasão» norte-americana.

Speakes rejeitou corroborar as afirmações do porta-voz da Secretaria de Estado, Charles Redman, de que se tratava de mais «uma acção de propaganda soviética», salientando no entanto que o anúncio de Gorbachev coincidiu com a adopção de certas medidas sobre controlo de armas na Câmara dos Representantes.

«Os soviéticos reagem com muita subtileza quando existe oposição do Congresso a alguns aspectos de propaganda (militar) do presidente», disse o porta-voz.

A União Soviética principiou a sua moratória de testes nuclares em 6 de Agosto de 1985 e prolongou a sua vigência por duas vezes. Devia ter expirado em 6 de Agosto, no quadragésimo primeiro aniversário do lançamento da bbomba atómica sobre Hiroshima, durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas Gorbachev declarou que o Politburo tinha chegado à decisão de prolongar a proibição com dificuldade e que a tomara apesar do «tom de alarme» detectado em cartas de cidadãos soviéticos preocupados pela eventualidade de a moratória estar a prejudicar a segurança nacional.

A Grã-Bretanha por seu turno lamentou a decisão soviética de prolongar a moratória unilateral de testes nucleareeeees até ao fim do ano, alegando que esta não é a melhor forma de se chegar a acordos sobre desarmamento.

Todavia, os partidos da oposição britânica congratularam-se com o anúncio feito em Moscovo pelo líder Mikhail Gorbachev, que simultaneamente apelou aos EUA e à Grã-Bretenha para aderirem à moratória.

URSS e Israel interrompem conversações em Helsínquia

A União Soviética e Israel principiaram ontem as suas primeiras conversações oficiais em 19 anos, que conheceram um fim abrupto ao fim de hora e meia, confirmou em conferência de Imprensa um porta-voz israelita.

«Encontrámo-nos durante hora e meia. Decidimos que não teremos mais qualquer reunião aqui em Helsínquia», afirmou o porta-voz do Ministério israelita dos Negócios Estrangeiros, Ehud Gol.

Qualificou as conversações, cuja duração prevista era de dois dias, como «muito francas e concretas», desmentindo que tivesse havido um fracasso. Assinalou que as duas delegações tinham considerado suficiente um encontro para expor os seus pontos de vista.

«Concordámos, em princípio, em continuar as discussões» através de canais diplomáticos, acrescentou.

A Holanda representa diplomaticamente Israel em Moscovo, ao passo que a Fiinlândia presta à União Soviética o mesmo serviço em Telavive.

Gol declarou que as duas partes apresentaram declarações sobre assuntos consulares, propriedades da Igreja Ortodxa russa em Israel e a situação de judeus soviéticos que desejam emigrar para o Estado judaico.

O porta-voz recusou-se a comentar especulações de que as conversações terminaram pelo facto de as duas partes não poderem chegar a acordo quanto a uma agenda.

«Manifestámos a nossa posição quanto aos judeus na União Soviética que pretendem emigrar para Israel», disse Gol. Os delegados soviéticos não fizeram qualquer declaração sobre este assunto.

A reunião entre funcionários de nível intermédio — quatro israelitas e dois soviéticos — realizou-se num edifício do governo finlandês, e as conversações decorreram em inglês, dispensando o recurso a intérpretes.

Moscovo tinha afirmado antes das conversaçês que confinaria qualquer debate em Helsínquia a assuntos não políticos.

Árbitro dirigiu jogo com pistola e punhal

De pistola à cintura e punhal na mão, foi como Aurélio Lopez arbitrou um jogo de futebol na cidade de San Pedro Sula, no norte das Honduras. Os apetrechos com que Aurélio decidiu acompanhar o tradicional apito foram decisivos para que se não tivessem verificado actos de violência, nem entre os jogadores nem contra o árbitro.

O encontro terminou com uma vitória (3-0) da Secretaria das Comunicações sobre o Instituto Nacional de Formação Profissional.

Escândalo: selecção romena abandona jogo de futebol

A selecção da Roménia abandonou o campo durante um jogo de futebol que disputava com a selecção da Indonésia, integrado no Torneio Internacional de Jacarta, por discordar da actuação do árbitro do encontro. Os romenos saíram do campo no jogo disputado ontem, quando o árbito Steven Ovinis (da Malásia) validou o golo da Indonésia, marcado seis minutos depois do tempo regulamentar e que obrigaria a um prolongamento, pois as duas equipas ficavam empatadas (1-1).

Os cerca de 25 mil espectadores que assistiam ao encontro no Estádio Sanayam (de Jacarta) manifestaram o seu desagrado pela atitude dos romenos, tendo a polícia evitado a invasão do terreno de jogo.

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1017, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Mação, de uma linha aérea a 30 Kv, com 388 metros, do poste n.º 4 da linha para o PT MAC 85 de Mantela ao PT MAC 16 C da C.M. de Mação.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 10 de Julho de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
Joaquim Gonçalves dos Santos

Os 175 homens do apito

São eles que vão fazer respeitar as 17 leis de jogo, decidir em fracções de segundo o mais duvidoso dos lances, certamente provocarem algumas polémicas que tornarão efervescentes semanas em que o futebol será tema obrigatório por essas terras fora. Respeitando-os, prestigia-se o futebol: e será sempre bom lembrar, especialmente aos atletas, que de pouco valerá protestar uma decisão, já assumida pelo juíz de campo, pois ele raramente a modifica e, na esmagadora maioria dos casos, um cartãozinho colorido sai do seu bolso para castigar o contestatário.

1.ª Categoria

Alder Dante da Silva Santos ..... SANTARÉM
José Rosa dos Santos ..... BEJA
Fernando Alberto Bastos da Silva ..... PORTO
Joaquim do Carmo Gonçalves ..... PORTO
António Azevedo Duarte ..... BRAGA
Vítor Manuel Fernandes Correia ..... LISBOA
Raul Jorge de Sousa Ribeiro ..... AVEIRO
Ezequiel Gonçalves Feijão ..... SETÚBAL
Manuel Miranda Dias ..... COIMBRA
Carlos Alberto da Silva Valente ..... SETÚBAL
João Rosa Penicho ..... ÉVORA
Ramiro dos Santos Ruivo ..... SANTARÉM
José Guedes ..... PORTO
José Francisco da Conceição Silva ..... FARO
José Xavier da Silva Oliveira ..... PORTO
Carlos Alberto da Fonseca Esteves ..... LISBOA
José Alberto Veiga Trigo ..... BEJA
Fortunato Alves de Azevedo ..... BRAGA
Carlos Alberto Sepa Santos ..... LISBOA
António José Almeida Marçal ..... LISBOA
Manuel Pinto Nogueira ..... PORTO
José de Jesus Silva Alves ..... BRAGA
Heliodoro Mário Ribeiro Saraiva ..... SETÚBAL
José Fernando Anjinho Garcia ..... SETÚBAL
Carlos Manuel Carvalho ..... PORTO
Jorge Emanuel Monteiro Coroado ..... LISBOA
José Martins Pinto Correia ..... LISBOA
Joaquim José Bento Marques ..... ÉVORA
Francisco Rodolfo Fernandes Caroço .. PORTALEGRE
Evaristo Parente de Carvalho ..... V. CASTELO

2.ª categoria

Manuel Dias dos Santos ..... PORTO
Isidro José Santos Oliveira ..... PORTO
Manuel Pereira Correia ..... FUNCHAL
Francisco Gonçalo Silva ..... BRAGA
Júlio Paiva Dinis Mouco ..... LEIRIA
Ramiro da Costa Gomes Santiago ..... COIMBRA
Gil José Rosa ..... SETÚBAL
Hernâni José Peixoto Ribeiro da Silva ..... PORTO
José Pimenta Alves ..... BRAGA
Agostinho de Jesus Santos ..... LEIRIA
Júlio da Silva Bastos ..... COIMBRA
Joaquim Castanheira da Silva Grilo ..... AVEIRO
Aníbal José Pereira ..... PORTO
Fernando das Dores Mendes ..... FARO
Fernando Almeida Costa ..... LISBOA
Serafim José Martins Alvito ..... ÉVORA
Manuel Simplício Varandas Pinheiro ..... ÉVORA
Frederico Alberto Gonçalves Lourenço ..... LISBOA
Sérgio António Pinto de Miranda ..... V.CASTELO
Fernando António Rodrigues Correia ..... LISBOA
Ramiro Gomes Viana ..... BRAGA
Fernando Almeida Rodrigues Rodolfo ..... LISBOA
João Carneiro Gonçalves ..... V.CASTELO
António Manuel Lopes Galrinho ..... SETÚBAL
José Vitorino do Carmo Filipe ..... FARO
Agnelo da Piedade Alexandre ..... SANTARÉM
Manuel Augusto dos Santos Soares Dias ..... PORTO
José João Mendes Pratas ..... ÉVORA
João Soares Mesquita ..... PORTO
José Bernardino Almeida Martinho ..... SETÚBAL
Fernando Ilídio da Cunha Cardoso ..... PORTO
José Manuel Silvano ..... V.REAL
Henrique Rosa Santos ..... SANTARÉM
Américo Francisco da Mota Ferreira Santos .... PORTO
Evaristo Correia Faustino ..... LEIRIA
José Maria Oliveira Guímaro ..... COIMBRA
Donato Duarte Ramos ..... VISEU
Fernando Castela Parreira ..... LEIRIA
António Manuel Miranda de Sousa ..... PORTO
João Carlos dos Santos Simãozinho ..... LEIRIA
António da Cruz Jorge ..... SETÚBAL
Jorge Manuel da Cunha Rodrigues ..... BRAGA
Manuel Teixeira Dória ..... FUNCHAL
Ilídio Gomes Rodrigues ..... SETÚBAL
Adão Ribeiro Mendes ..... BRAGA

3.ª categoria

José Vassalo Duarte ..... SANTARÉM
Alfredo Pereira ..... LISBOA
José Carlos dos Santos Luís ..... COIMBRA
Francisco Passeiro ..... LISBOA
José António Ribeiro Santos ..... V.REAL
Luís Eugénio de Morais Bento Alves ..... V. CASTELO
António Agostinho Marques Lucas ..... COIMBRA
Francisco Lopes Fernandes ..... BRAGA
Artur de Sousa Pinto ..... PORTO
João do Carmo Santana ..... SANTARÉM
Apolino Manuel dos Santos Pereira ..... COIMBRA
José Martins Fernandes Neves ..... LEIRIA
Andrelino Cabrita Pena ..... FARO
António Angélico Nunes ..... LISBOA
Ângelo Soares Neves e Santos ..... AVEIRO
Manuel Marques Ferreira ..... BRAGA
Vítor Manuel Baptista Nené ..... FARO
Manuel Sebastião Amores Montes ..... FARO
Joaquim Manuel Gomes Heitor ..... LISBOA
Fernando Tavares da Silva ..... AVEIRO
Manuel Oliveira Campos de Pinho ..... AVEIRO
Reinaldo Ferreira Santos ..... BRAGA
Amílcar da Fonseca Moreira ..... COIMBRA
José Elviro Almeida Serra ..... ÉVORA
José Viegas Rufino ..... FARO
Aníbal de Jesus Guerreiro ..... LISBOA
José Maria Blanco Miranda ..... PORTALEGRE
Albino Alberto Pinto Nogueira ..... PORTO
Jacinto Lourenço Roque ..... SETÚBAL
António Pinheiro Gonçalves ..... BRAGA
Carlos Dias ..... COIMBRA
Manuel Cardoso Rodrigues da Silva ..... GUARDA
Joaquim Aldino Magalhães Monteiro ..... PORTO
António Manuel Rola ..... SANTARÉM
Alberto Madeira Rodrigues ..... SETÚBAL
Manuel Coelho de Sousa Amendoeira ..... SETÚBAL
José Pires Alves ..... LISBOA
Manuel Nuno da Cunha Antunes ..... BRAGA
Armando João Gomes Portulez ..... COIMBRA
Licínio da Silva Costeira ..... COIMBRA
José António Alves Mendes ..... ÉVORA
Virgílio José Ribeiro Serôdio ..... FARO
Mário Pinheiro Leal ..... LEIRIA
João Francisco Cardoso Morais ..... LISBOA
Manuel Joaquim Leite ..... LISBOA
Júlio Francisco Blanco Miranda ..... PORTALEGRE
António Domingos Barbosa ..... PORTO
Casimiro Gomes da Costa Martins ..... PORTO
Francisco Marques Barão ..... SETÚBAL
José Costa Valente ..... V.CASTELO
Manuel Ferreira Brás ..... V.REAL
Miguel da Costa Mendonça ..... VISEU
Francisco José Freitas Graça Pereira ..... BRAGA
José Maria Salsinha Ourives ..... ÉVORA
Álvaro Juvenal de Jesus Gonçalves ..... FUNCHAL
José Carlos Guerreiro Castanheira Oliveira .... LISBOA
João Carlos Moreira Miguel ..... LISBOA
Manuel Valentim Matos Pereiro ..... PORTO
Fernando Manuel da Silva Baltasar ..... SETÚBAL
José Guilherme Correia Tavares ..... V. REAL
Francisco Paulo Correia Goulart ..... A.HEROISMO
Bernardino Januário Fontes Castanheira ..... AVEIRO
Abel Ventura Fernandes ..... COIMBRA
Carlos Alberto Pereira de Oliveira ..... AVEIRO
António Alberto Ferreira da Costa ..... AVEIRO
António Teixeira Correia ..... BEJA
José Monteiro da Silva ..... BRAGA
António Francisco Santos Rocha ..... BRAGA
António Augusto dos Santos ..... BRAGANÇA
António Jesus Santos ..... C.BRANCO
Licínio Dias Torreiro ..... COIMBRA
José Manuel Santos Monteiro ..... COIMBRA
Joaquim José Fonseca Franco ..... ÉVORA
Cesário Sertório Matado Evaristo ..... FARO
Cândido de Gouveia ..... FUNCHAL
Joaquim António Henriques Monteiro ..... GUARDA
Lourenço Coelho Ferreira ..... LEIRIA
Vítor Manuel dos Reis ..... LISBOA
Carlos Manuel Pinheiro Sales ..... LISBOA
António Jorge Martins Marques ..... PORTALEGRE
Vitorino Lourenço Serafim Gonçalves ..... PORTO
Vítor Armando Cunha Miranda ..... PORTO
José Alves Jesus Almeida ..... PORTO
Francisco Alexandre Nunes ..... SANTARÉM
Juvenal Neves Silvestre ..... SETÚBAL
Belmiro Celso de Oliveira ..... SETÚBAL
José Manuel Anjos Veiga Rodrigues ..... V.CASTELO
Armandino Matos Nunes ..... V.REAL
Luís de Paiva Lemos ..... VISEU
Celso Alves Pinto ..... AVEIRO
João Pereira da Silva ..... BRAGA
Alcides Taborda Barreto ..... COIMBRA
José Ruivo Coelho ..... LEIRIA
Manuel Santos Abrunhosa Rebelo ..... LISBOA
José Manuel Costa e Silva ..... LISBOA
Armando Lopes Malheiro ..... PORTO
Alexandre Morgado Gonçalves ..... PORTO
José Maria Jesus Leitão ..... SANTARÉM
João Manuel Bogia Ribeiro ..... SETÚBAL

Michel Platini:
500 mil contos por ano

Na bolsa de valores

Platini vale dois Maradonas

O futebolista francês Michel Platini ganha cerca de 500 mil contos por ano, o dobro do argentino Maradona, pelas suas actividades dentro e fora dos campos de futebol. A revelação foi feita por Jean-François Bourg, professor da Universidade de Limoges (em França), num livro sobre a indústria do futebol intitulado «Football Business».

Um dos nove capítulos da publicação é totalmente dedicado a Platini (a maior vedeta francesa da actualidade) que, desde 1981, joga na equipa italiana da Juventus. Segundo escreve Jean-François Bourg, Michel Platini aufere 500 mil contos por ano, entre ordenados, publicidade e lucros de sociedades em que tem interesses. O catedrático francês revela também pormenores relativos à renovação do contrato entre Platini e a Juventus (na primavera passada) garantindo que o futebolista recusou uma quantia equibalente a cerca de 2 milhões de contos para representar o Milão (também de Itália), durante dois anos.

A oferta foi feita a Michel Platini, pelo empresário italiano Silvio Berlusconi, magnata das televisões privadas francesa e transalpina e que no final da época passada assumiu a presidência do clube milanês. No entanto, a «milionária» proposta de Berlusconi, não conseguiu seduzir Michael Platini, que preferiu aceitar a de Gianni Agnelli (presidente da Fiat e da Juventus) que, além da verba contratual, lhe ofereceu uma percentagem nas vendas de um novo modelo do clássico «topolino»: o primeiro carro utilitário fabricado em Itália, nos anos 40, a lançar nos próximos meses.

A acreditar nos cálculos de Jean-François Bourg, Platini ganhará o dobro daquele que é considerado unanimemente o melhor jogador do mundo da actualidade, o argentino Diego Maradona. Apesar de Maradona ter assinado em 1984 um contrato com o Nápoles por 7 milhões de dólares (a mais elevada verba de sempre), Jean-François Bourg garante que o futebolista argentino ganha pouco mais de 200 mil contos por ano, entre ordenados e contratos publicitários.

Nacional de futebol abre com 66 chutadores estrangeiros

Ralph Meade ou Robert McDonald, ou ainda, Douglas arriscam-se a discutir entre si o honroso privilégio de dar o pontapé de saída de um campeonato de futebol que, quase por acaso, é português: e de primeira. Os nomes até nem são desconhecidos, andam numa roda viva na Imprensa mas o curioso é que, qualquer uma daquelas três assinaturas, estranhas às origens lusitanas, pode brilhar na 1.ª página da história da época de 1986/87.

A resposta ao «contrasenso futebolístico» do ano pode ser dada já amanhã, quando Sporting e Chaves subirem ao estádio José Alvalade, para iniciarem mais uma temporada futebolística do melhor que Portugal pode oferecer. Os britânicos Meade e McDonald (do Sporting) ou Douglas (que a turma de Trás-os-Montes decidiu ir buscar ao Canadá) são apenas três das mais de seis dezenas de intérpretes estrangeiros que vão representar, esta época, nos relvados portugueses da divisão superior.

O campeonato português número 52 do escalão primodivisionário inclina-se para abrir a sua palestra num inglês genuíno ou em pronúncia nasal norte-americana, quando a predominância se situa um pouco mais abaixo, concretamente no continente brasileiro.

Torrentes de brasileiros voltaram a atravessar o Atlântico para, em 30 jornadas do futebol português, procurarem manter ou quebrar a invencibilidade das três «multinacionais» do nacional da 1.ª divisão: Porto, Benfica e Sporting.

As teorias e previsões repetem-se, com o favoritismo a recair no triunvirato de potentados do futebol português e os restantes dividem-se entre as competições europeias e o espectro da descida de divisão. No total, continuam a ser 16 os pretendentes à glória, mas a realidade nada tem a ver com as esperanças e as promessas de quem sabe ser difícil cumprir.

Na época de 86/87, a «legião estrangeira» invadiu o campeonato nacional, mas poucos são os nomes que oferecem garantias de sucesso. Até ao momento, são 66 os estrangeiros que vão actuar esta temporada no futebol português e nada garante que até amanhã ou mesmo durante o campeonato não surjam mais candidatos a impedir a evolução do jovem jogador português. Polacos, búlgaros, finlandeses, ingleses, belgas, espanhóis, irlandeses, escoceses, argentinos, argelinos, jugoslavos e, mais recentemente, zairenses, paraguaios, canadianos e mexicanos, eis o que aguarda a nova época futebolística em terras de Viriato.

De brasileiros é escusado falar e, de portugueses, poder-se-á dizer que alguns ainda têm lugar disponível e dicionário no contrato para combinar esquemas e tácticas com colegas e treinadores.

Alvalade, amanhã, à noite: o Sporting será o primeiro clube recepcionista no «nacional», cabendo-lhe atender os pupilos flavienses de Raul Águas.

Os árbitros (por obra do acaso, todos portugueses) continuam com a missão de bodes expiatórios de todos os males por que enferma a modalidade em Portugal: mais deles raro reza a história. E quando fala, normalmente é para citar actuações pouco felizes.

A nova época futebolística em Portugal, para além de poliglota, poderá transformar-se numa incógnita em exclusivo, relativamente à próxima aparição da selecção nacional, depois do «sururu» causado pelos incidentes ou acidentes verificados no «mundial» do México. Com oito dos principais futebolistas excluídos (administrativamente...) da selecção pela Federação respectiva e com tantos estrangeiros a fazer rolar o esférico, o adepto mais sisudo sorri irónico ante a perspectiva de ver uma selecção nunca vista! Ainda a procissão está longe do adro e o seleccionador (civil) é contestado, o «treinador» também, da Federação nem se fala, dos jornalistas idem: e a bola nem começou a rolar.

Antecipado para amanhã o nacional da 1.ª divisão abre com o Sporting-Chaves para prosseguir sábado às 17 horas com o «derby» minhoto (Braga-Guimarães) e terminar domingo, com os restantes seis encontros, entre os quais sobressai o Porto-Benfica das multidões, a jogar em Braga pelas 21 horas.

O FC Porto (comandado por Artur Jorge) arranca com todas as virtudes que o levaram na temporada passada a conquistar o seu 9.º título: e pertence ao clube da cidade invicta o maior cunho de favoritismo para a revalidação. Foi, precisamente no Sporting, que a turma portista voltou a colher os seus melhores frutos, com os «internacionais» Jaime Pacheco e Sousa a regressarem ao lar nortenho, num dos mais importantes fortalecimentos da época, para quem de há muito está reforçado.

A jornada de abertura da época 86-87 é (curiosamente) marcada pelo encontro entre os dois primeiros classificados da temporada transacta, divididos por apenas dois pontos.

Porto e Benfica começam como terminaram: em luta acesa mas, desta feita, reservada para o estádio «Primeiro de Maio» (em Braga) por culpa das obras de abaixamento do relvado do Estádio das Antas.

O Benfica (do inglês John Mortimore) teve na renovação do contrato com o dinamarquês Manniche a sua principal «contratação» e, enquanto se mantém a dúvida sobre o ingresso do jugoslavo Zivkovic, continua a sonhar-se com o peso das camisolas «encarnadas». A equipa da Luz, renovada pelo brasileiro Chiquinho, por Dito, Edmundo e Silvino, e com o zairense Tueba na expectativa, procura reconquistar o título ao FC Porto, e manter intacto o mais rico historial do futebol português.

A tarefa não se apresenta nada fácil para a equipa da Luz, a atravessar uma crise de identidade, sobretudo a nível internacional, sem os valores de outros tempos, apesar de incomodativos para as tarefas caseiras. Contra os 9 títulos do Porto e os 16 do Sporting (que não sente esse sabor desde 81-82) o Benfica leva 26 campeonatos no activo, mas o Porto continua com mais tendência para a aritmética positiva que os seus dois fortes adversários.

O Sporting, depois de perder o concurso de Pacheco e Sousa e, em breve, do seu «histórico» presidente João Rocha, conseguiu a contratação da vedeta mexicana Manuel Negrete, do inglês McDonald, e do guarda-redes Vital, para além da tendência brasileira sempre manifestada através dos tempos.

Silvinho, Mário, Zinho e (possivelmente) Marlon procurarão, com o que sobrou de portugueses, apagar a frustração da época passada (3.º lugar) mas nota-se enorme efervescência nas hostes leoninas, traduzida por alguns, em falta de confiança no trabalho do técnico Manuel José e nas suas relações com diversos jogadores: caso de Jordão, afastado do «plantel» mas com o Sporting a ter de lhe pagar ordenados e «luvas» até ao termo de um contrato ainda válido por mais um ano.

Qualquer dos três grandes clubes do futebol português voltam a ter a responsabilidade de defender a imagem nacional nas competições europeias. O Porto (na Taça dos Campeões) recebe os malteses do Rabat Ajax e o Benfica encontra-se na Taça das Taças para defrontar o Lillestrom (da Noruega) enquanto o Sporting vai à Islândia confrontar-se com o Akranes para a Taça UEFA.

Uma eliminatória inicial, aparentemente ao alcance dos principais clubes portugueses, cabendo ao Guimarães e ao Boavista (ambos na Taça UEFA) o pedaço mais amargo da aventura europeia.

O Guimarães, que mais parece ir disputar o «campeonato carioca», desloca-se à Checoslováquia para disputar com o Spartak (de Praga) a 1.ª «mão» da Taça UEFA, enquanto o Boavista luta com a Fiorentina (de Itália) pelas mesmas razões. A turma vimaranense é a mais «internacional» do campeonato português, com nada menos de nove estrangeiros. Ou melhor: cinco brasileiros (sem contar com o treinador Marinho Peres) e quatro zairenses. Parte com o desejo de manter a 4.ª posição do ano passado, porque melhorar parece tarefa árdua, apesar de equipas como o Boavista, Belenenses e Braga apresentarem aparentes progressos.

Braga e Guimarães antecipam o seu encontro para sábado no «Primeiro de Maio», uma partida que marca as estreias de Humberto Coelho à frente dos bracarenses e do brasileiro Marinho Peres, nos vimaranenses e no futebol português. O Guimarães reservou lugar para alguns futebolistas portugueses e o Braga (um pouco mais comedido) procura apresentar Traoré (da Costa do Marfim), relançar o argentino Saucedo (ex-Sporting), um francês (Abonlaye) e vários brasileiros.

O Belenenses, de novo sob o comando do belga Henry Depireux foi o clube-surpresa, ao conseguir contratar o «internacional» búlgaro Mladenov, sem ondas nem aparatos, e juntou-lhe o zairense (está na moda) Mapuata, homem dedicado ao golo. O clube do Restelo será uma das maiores incógnitas da nova época e no domingo estreia-se frente ao Rio Ave, um regressado à 1.ª Divisão que escolheu dois paraguaios para abrilhantar o «Nacional» e mantém o técnico Mário Reis como seu timoneiro.

O Portimonense perdeu (pelo menos momentaneamente) o goleador belga Cadorin, mas como não perdeu as esperanças de tornar à Euorpa voltou-se para o mercado brasileiro e para a tendência dos «inhos». Desta feita é «Dentinho» quem vai fazer dupla com o regressado belga Alain, para tentar violar as redes adversárias.

O Salgueiros (agora sob a direcção de Rodolfo) vai a Portimão na jornada de abertura, com algumas aquisições de respeito, como o irlandês ex-portista Walsh e o ainda recente sportinguista Romeu.

O Boavista (de João Alves) recebe a Académida (de Vítor Manuel) que juntou os gémeos do futebol português (Pedro e Carlos Xavier), mantendo um inglês no seu seio (Barry) e a esperança de se fincar na divisão de maior prestígio do nosso futebol.

Nesta jornada inaugural do campeonato, dois velhos parceiros desta lide iniciam a luta pela sobrevivência (Varzim e Elvas) também com estrangeiros e podem ter uma palavra nova a dizer, através de vários brasileiros nos dois «onzes» e do espanhol Carrasco nos elvenses.

Finalmente, o Marítimo, quase com uma equipa nova (para além do treinador, de seu nome Tundim, provavelmente da escola sueca de Eriksson) não sai do Funchal, onde recebe outro regressado à primeira craveira, o Farense, que foltou a pescar no Brasil. Guimarães, Brasil e Escócia forneceram pé-de-obra aos madeirenses e, para algarvios foi largo o contributo do Benfica e do Sporting.

Dos portugueses, resta o «veterano» Manuel Fernandes na defesa do título dos melhores marcadores, para que ninguém se esqueça que o «Nacional» de Futebol da 1.ª Divisão ainda fala português. Sem acordo ortográfico, mas com tremenda invasão de brasileiros, descoberta que foi nova árvore das patacas.

Vítor Correia: distinção

O árbitro Vítor Correia foi escolhido para dirigir jogos do torneio «Santiago Bernabeu, que decorrerá de amanhã até à próxima semana. É acompanhado por Francisco Silva e Veiga Trigo.

Quem sabe de Madjer?

Excluído da digressão que o FC Porto concluia (em Itália), e mandado regressar antecipadamente às Antas, o argelino Madjer ainda não deu novas nem mandatos à direcção portista. Até à hora em que encerramos esta edição, o dianteiro **azul-branco** não se vislumbra na cidade invicta.

Dirceu dispensado

O médio brasileiro Dirceu está a negociar a sua transferência com o Avelino e o Brescia, clubes da 1.ª Divisão italiana. Dirceu actuou no Como durante a época passada, mas o clube italiano não quis renovar o contrato

Nunca será de mais lembrar

Neves de Sousa

No desfilar sem travagens das jornadas, assistiu-se a um demorado espectáculo de longas virtudes e múltiplos defeitos. Do México, com alternantes que faziam oscilar o vibrador emocional, as equipas chegavam à grande mesa verde e atiravam seus trunfos, pequenos desenhos no rectângulo ou cartas matizadas por figuras de corte, omnipotentes senhores do grande cortejo.

Ao tombar do pano, quando se cerrou o bastidor, oito técnicos ficaram de mãos a abanar, muitos mais regressavam ao pátrio lar envoltos em discórdia e cercados por desconfianças, amanhã nebuloso como Alcácer Quibir. Mesmo entre os gigantes, a palavra da discórdia foi semada: não admira (portanto) que numa casa ciclicamente depauperada por ventos fustigantes, o semear de dúvidas, esta espécie de luta tribal que constantemente revolve ventos na população desportiva, tenha tomado de assalto as mais sensatas tribunas.

Incensaram-se de mais alguns mortais comuns? É normal: a lei da morte, tende a fugir quando um feito mais alto se levanta: e nenhum outro ainda chegou para colmatá-lo. Dispersaram-se vontades quando se tornava necessário todos puxarem para a mesma margem do rio? O trivial, se entendermos o mundo como um permanente (e anárquico) conflito entre gentes de diferentes bandeiras, embora num breve instante com um sonho comum.

Triste seria (por exemplo) ver soçobrar uma nacionalidade, sepultar uma cidade ao peso de uma catástrofe, ver sucumbir crianças à míngua de alimentos, assistir (impotentemente) ao desafiar vencido de hecatombes terrenas. Um mero e simples desfecho desportivo, por muitas «nuances» que possa oferecer para veredicto, não pode (nunca) ficar enfeudado a uma terra que gira e, implacavelmente, se atira pelo universo fora até uma meta que ninguém minimamente conhece ou sabe onde trava.

Perdeu-se pelo México: honra seja endereçada à Argentina, que jogou no sótão do esquecimento todos os rancores e está agora quase passeando (de olhar superior) com a mesma Europa que lhe enviou até às Malvinas um aviso de terror. E é essa a grande, a incomensurável força do desporto: criar, avivar, manter ou reatar a ligação entre os Povos. Daí, portanto, que não se faça de mero e simples pontapé em esferas de couro o símbolo de um país: florescente e alegre, macambúzio ou ancilosado. Portugal (nós todos) temos de ir corrigindo a rota até porto certo: nunca poderá ser o pacato erguer de bandeira, no termo de 90 minutos de jogo entre 22 homens, que fará um país inteiro, a transbordar pelas costuras de problemas, tornar-se risível aos olhos do mundo.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3235, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Fazendas de Almeirim, concelho de Almeirim, de uma linha aérea a 30 Kv, com 251 metros, do poste n.º 27 da linha para o P.T. n.º 274 de Raposa ao P.T. de Albertino Rodrigues de Amaral.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 6 de Agosto de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
A. Pires dos Santos

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-E.P., Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3216, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho da Golegã, de uma linha aérea a 30 Kv, com 370 metros, do poste n.º 79 da linha de Entroncamento-Golegã ao P.T. da Fábrica de Moagem de Pimentão de Domingues & Domingues, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 6 de Agosto de 1986

Pel'O Engenheiro Director de Serviços,
A. Pires dos Santos

Mundiais de natação

Recordes vão tombando com portugueses de fora

No 2.º dia de provas caiu o segundo recorde mundial: Silke Hoerner (RDA) estabeleceu o máximo mundial dos 200 metros bruços no «mundial» de natação, em Madrid. Hoerner (20 anos), natural de Leipzig, fez o tempo de dois minutos e 27,40 segundos. O anterior recorde estava na posse de outra nadadora da RDA: Silvia Gerasch que, na prova de ontem, se classificou em 4.º lugar.

Hoerner manteve uma luta animada com a campeã da Europa, a búlgara Tania Bogomilova, que foi medalha de prata com 2.27,66 minutos, resultado que também é inferior ao anterior recorde do Mundo. Outra marca de registo foi a de Allison Higson (do Canadá) que, aos 13 anos, conquistou a medalha de bronze na mesma prova.

O actual recordista mundial Pablo Morales e o norte-americano Matt Biondi tiveram um despique emocionante nos 100 metros mariposa, com vantagem para Morales, com 53,54 segundos (novo recorde dos campeonatos), dando aos EUA a primeira medalha de ouro. Biondi foi medalha de prata com 53,67 segundos.

O britânico Andy Jameson, que da manhã estabelecera um recorde dos países da Comunicade Britânica (com 53,67 segundos) bateu o alemão-federal Michael Grosse, pela 1.ª vez na carreira deste, conquistando a medalha de bronze.

Gross, que venceu (domingo) os 200 metros livres, foi 4.º com 53,87 segundos.

Mais resultados em finais:

- 200 metros livres, femininos: 1.ª Heike Friedrich (RDA) 1.58,26 (RC) — ouro; 2.ª Manuela Stellmach (RDA) 1.58,90 —prata; 3.ª Mary Meagher (EUA) 2.00,14 — bronze.
- 400 metros estilos, masculinos: 1.º Tamas Darny (Hungria) 4.18,98 (RC) — ouro; 2.º Vadim Varoshuck (URSS) 4.22,03 — prata; 3.º Alex Baumann (Canadá) 4.22,58 — bronze.
- 4x200 metros livres: 1.ºs RDA (7.15,91) — ouro; 2.ºs RFA (7.15,96) — prata; 3.ºs EUA (7.18,29) — bronze.
- A classificação final do trampolim masculino foi a seguinte: 1.º Greg Louganis (EUA) 750,06 pontos — ouro; 2.º Liande Tan (China) 692,28 pontos — prata; 3.º Honping Li (China), 642,06 pontos — bronze.

Nas eliminatórias dos 200 metros bruços Paula Lamego foi 28ª entre 30 nadadoras que participaram nas quatro séries. Paula Lamego foi cronometrada com 2.51,08 minutos, contra os 2.31,52 minutos, o melhor tempo obtido pela bulgara Tania Bogomilova. O recorde nacional pertence a Cristina Peralta, com 2.41,71 minutos.

Rui Borges também foi eliminado na prova de 400 metros estilos, mas estabelecendo novo recorde nacional da distancia, que já lhe pertencia. O nadador português foi cronometrado em 4.38,07 minutos: o anterior recorde nacional era de 4.42,67 minutos.

Esta manhã, Alexandra Nogueira bateu o recorde nacional de seniores nos 400 m livres com 4.32,11 minutos ao classificar-se em 6.º e último lugar na sua eliminatória. A nadadora do Sport Algés e Dafundo melhorou em 89 centésimos de segundo o anterior máximo, que pertencia a Alexandra Silva, a detentora do recorde absoluto da distância com 4.23,86.

Xadrez: Karpov pede adiamento

Anatoly Karpov (candidato ao título mundial) pediu adiamento da 9ª partida do campeonato do mundo de Xadrez, marcada para hoje. A partida ficou agora indicada para amanhã. Cada xadrezista pode pedir tres adiamentos no torneio.

Esta decisão (segundo os comentaristas) não tem nada de surpreendente, face à derrota de Karpov na 8ª partida. Garry Kasparov (que defende o título) tem a vantagem de 4,5 contra 3,5 pontos.

Após as 12 primeiras partidas, o torneio muda de cenário: em vez do Hotel Park Lane (em Londres) é o hotel Leningraddskaya (em Leninegrado) que acolhe o «mundial». Será declarado vencedor o xadrezista que primeiro obtenha seis vitórias ou 12,5 pontos. Se, porventura, se registar um empate (12-12) será Kasparov o campeão mundial.

"Full contact": português é vice-campeão do mundo

João Freitas, em representação de Portugal e do Ginásio Figueirense, é vice-campeão mundial de «full cntact», após um torneio máximo que se disputou em Saint-Nazaire (França). João Freitas disputou a final da categoria de 54 quilos, tendo perdido por dois pontos com o belga Jean Mustay.

Na prova participaram ainda mais quatro atletas portugueses, que conseguiram chegar aos quartos-de-final das competições. Por equipas, a representação portuguesa obteve a 7.ª posição, entre 25 países. A turma figueirense foi convidada a participar em vários torneios na Suíça, Alemanha Federal. França e Holanda, até final do corrente ano.

Mike Tyson: pesado-esperança no pugilismo dos EUA

O pugilista norte-americano Mike Tyson, considerado a maior promessa na categoria de «pesados» nos Estados Unidos, obteve a 26.ª vitória ao derrotar o seu compatriota José Ribalta por inferioridade ao 10.º «assalto». Tyson (20 anos), número dois na classificação do Conselho Mundial de Boxe e primeiro para a Associação Mundial, derrotou (em Julho0 Marvis Frazier, filho do antigo campeão mundial Joe Frazier, aos 30 segundos do combate. Mike Tyson venceu 24 dos 26 combates antes do tempo-limite.

José Ribalta (de origem cubana), registou a sua 4.ª derrota como profissional, contra 25 vitórias e três nulos.

Boris Becker: máquina de embolsar dinheiro

O jovem tenista Boris Becker, ídolo na Alemanha Federal e bicampeão de Wimbledon, vai assinar um contrato milionário para anunciar um detergente conhecido como «o gigante branco». O contrato publicitário, no valor de dois ou três milhões de marcos (140 000 ou 210 000 contos), será assinado por Becker, pelo seu treinador (o romeno Ion Tiriac) e por uma firma de detergentes, após o Campeonato Aberto dos Estados Unidos, de 27 do corrente a 8 de Setembro.

O diário «Express» (de Colónia) anuncia hoje que Ion Tiriac, que tem fama de um perspicaz negociante e é quem se ocupa de comercializar o nome do jovem tenista alemão-federal, irá receber 30 por cento do valor do contrato.

A empresa de detergentes evitou até agora a publicidade com «estrelas», depois do fracasso de uma campanha realizada na década de 70 por Telly Savalas («Kojak») em que se gastaram também milhões de marcos. No entanto, os responsáveis pela publicidade da empresa estão seguros de acertar agora, ao relacionar o nome de um dos seus produtos (o «gigante branco») com o gigante desportivo, vestido de branco e que venceu o Torneio de Toronto.

Becker está prestes a tornar-se no desportista mais rico do Mundo devido a contratos publicitários: «Cola-Cola», 10 milhões de dólares (1,5 milhões de contos); artigos desportivos «Puma»: contrato por seis anos com partricipação nos lucros, calculado em cerca de 25 milhões de dólares (3,6 milhões de contos); «Deutsche Bank»: 1,5 milhões de dólares (220 500 contos); «Philipps»: 1,5 milhões de dólares (220 500 contos), e outros de menor importância. A tudo isto devem acrescentar as receitas pelas suas exibições desportivas, como por exemplo os 105 000 marcos (7350 contos) que acaba de ganhar pela vitória em Toronto, onde derrotou o sueco Stefan Edberg, número cinco do «ranking» mundial.

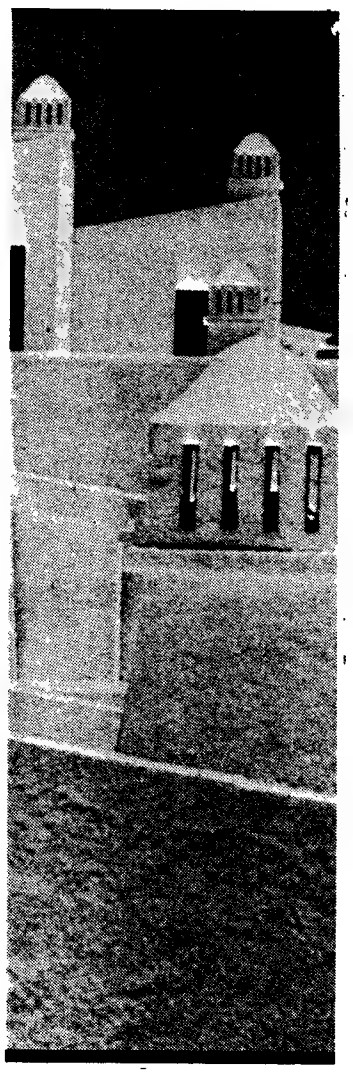
Lisboa e Algarve mais próximos

Mais dois comboios directos Diários!

A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.
Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

Dê um mergulho no Algarve
Ou venha almoçar a Lisboa
De comboio, claro.



Comboio, a opção dinâmica

Jazz na Gulbenkian

A música e o quarteto, os factos e Sarbib

José Duarte

Em pleno Agosto, em plena 'ponte', mesmo assim, o público não faltou aos dois concertos de Saheb Sarbib. Lá vai meio Agosto em jazz e o sucesso de bilheteira garante já uma terceira edição com nomes mais famosos como o Art Ensemble de Chicago e o World Saxophone Quartet. É pelo menos a intenção, boa, como todas aquelas que enchem o mundo.

Fui para Paris em 70 e para New York em 76. Em Paris não acontece nada, é diferente de New York, tal como New York é diferente de Los Angeles. A vida é intensa e difícil. Em New York ou fazes o que tens a fazer ou estás tramado, sejas tu canalizador, merceeiro ou músico.

Sarbib escolheu para trazer a Lisboa três músicos da sua geração, gente à volta dos 40 anos. São instrumentistas que não são estrelas, são parte do numeroso e essencial grupo de segundos planos, que alicerçam a história do jazz, como no cinema americano acontece com uma multidão de actores. São campeões dos pesos médios, porque dos pesados todos sabemos nome e cara.

Em New York cheguei a ter uma grande orquestra, o que é uma loucura. Como já conhecia muitos músicos, não me foi difícil entrar na cena novaiorquina, embora lá seja difícil fazer dinheiro. Deixei New York há dois anos, fui para o campo, para o meio das árvores, mais por causa dos meus filhos.

O baterista Bobby Battle é o típico percussionista da geração pós-Elvin Jones, aquela onde o «free» deixou marcas, que se ouvem de vez em quando, tal como também se detectam sonoridades à Roy Haynes. No tipo de música que Sarbib propôs, Bobby adaptou-se bem, dado que o seu habitual mundo sonoro é outro, mais avançado. Exibiu-se em solos, longos demais, faltou-lhe o sublinhado explosivo na transição entre ambientes que se sucediam, mas foi bem interessante de o seguir, mais do que quando no grupo de Arthur Blythe, há anos, no Estoril.

Faço dois ou três «tours» por ano e chega-me, para além de ensinar. Não quero andar sempre na estrada. Não contando com as coisas psicadélicas que fiz antes, como rock ou até cantar, tenho cerca de 12 discos editados.

O saxofonista Joe Ford, que utilizou alto e soprano, tocou declaradamente, quero eu escrever, sem sugestões ou hesitar. Fosse qual fosse o tema, a energia jorrava, feita de berros e vagas de notas. Uma semana depois, era um Potts mais musculado e autoritafio. Isto em alto, porque em soprano a própria sonoridade do instrumento condiciona. Como se sabe há temas que nasceram para soprano. Getz dixit.

Esta é a banda com quem ultimamente toco. Para o meu último disco, Lovano foi chamado à pressa para substituir outro meu músico habitual. Gostava de ter tido outro sopro aqui em Lisboa, com dois sopros a minha música é diferente. Foi uma pena. Kirk que estava em digressão pela Europa veio directamente de Paris.

O pianista Kirk Lightsey, já nos anos 60, na Prestige, ao lado de Chet Baker, sempre tocou bem na área de Lisboa, o que me leva, inteligentemente aliás, a dactilografar que Kirk é um pianista de jazz muito bom. Tocou com Dexter (inesquecível) na Magna Aula, com Sanders (primorosamente) nos Salesianos e neste par de concertos foi notável. Abaixo as referências que já não se podem aturar, porque são cultas e saborosas. Kirk é um músico com um estilo próprio, logo personalizado (!), pianista do piano todo, artista que habita os conceitos quase contemporâneos. Diferenteee de Pullen, livre de Tyner, longe de Taylor, é um neo-neo-neo-clássico, neto da escola grande dos Kelly, Hank ou mesmo Flanagan. Notável. Notável também como as referências são inevitáveis, para quem quer.

O jazz não tem futuro, vai morrer. Vai morrer com os grandes solistas que estão a desaparecer. Webster ou Shepp nunca mais!... Monk é ainda a minha grande influência, e Ornette, quando escrevo para saxofones. Entretanto também tenho trabalhado em música para filmes, como o 'City news', onde, para além de rock e de temas de Duke Ellington, 60% da música era minha. Tenho ainda projectos para trabalhar com o realizador de 'Conan, o bárbaro' e numa história sobre uma criança prodígio que começa na clássica, passa pelo jazz e acaba como «songwriter».

Sarbib pode e deve ser apreciado sob vários aspectos dos quais a sua personalidade e o seu tipo de comunicação não são os menos importantes. Como compositor exibe, de facto, certas influências monkianas e uma curiosa necessidade de dedicar temas: à sua filha, a Barreto, à mulher, a Rashied, a Portugal, ao próprio Monk.

A sua escrita revela identificação com o universo sonoro afro-americano. Num mês de jazz fázem sempre falta temas como 'In walked Bud', 'Solar' ou 'Straight no chaser' e Sarbibop apresentou-os, o que cai sempre bem. Como instrumentista Sarbib é um bom acompanhante, impulsionou bem e várias vezes os outros músicos, puxou pela forma, com destaque para a sua aptência rítmica. Em solo esteve irregular, não mantendo o fluir da imaginação ou a estrutura do discurso.

Em Wall Street é assim mesmo, ou se conhece o gajo certo ou não, é o mercado do dinheiro. Na música é a mesma coisa, tem que se ter paciência e ser social.

Exuberante em palco, Sarbib é razão de ser deste e de outros grupos que organizou ao longo da sua discografia de «leader» e não de «sideman», administrando musical e financeiramente a produção, com o acordo dos companheiros, todos com origens remotas bem distintas das dele.

A nossa diáspora tem destas coisas.

No regresso vou passar por Paris para visitar esse grande amigo que é o Maurice Cullaz. Já está velhinho, mas ele e a mulher são personagens extraordinárias, simpáticas e amáveis como ninguém. E sabes uma coisa? Ao longo da sua prolongada crreira de crítico nunca disse mal de um músico.

Automóveis antigos na RDA

A cidade de Eisenach, no sudoeste da Alemanha Democrática, tem o seu nome ligado a diversas figuras históricas, mas a sua mais recente atracção é um museu de automóveis antigos.

O reformador religioso Martinho Lutero (1483-1546) e o compositor João Sebastião Bach (1685-1750) têm o seu nome ligado à cidade que tem agora também uma exposição de automóveis construídos em Eisenach e que abrange os últimos 90 anos.

A empresa de automóveis de Eisenach, fundada a 3 de Dezembro de 1896, é uma das mais antigas fábricas de automoóveis de mundo, tendo surgido na Alemanha logo depois da Daimler e da Benz.

O modelo mais antigo do museu automóvel de Eisenach, que é actualmente visitado por cerca de 170 000 pessoas por ano, é um veículo do tipo «Wartburg», construído em 1899 e de que existem apenas quatro modelos no mundo.

Este automóvel, com uma força de cinco cavalos e motor a quatro tempos, ganhou na época 22 medalhas de ouro e outros prémios.

Dois modelos da «era dixi», de que foram produzidos automóveis até finais dos anos 20, e um modelo do automóvel desportivo «BMW 328», construído em 1937 e que causou sensação no mundo do desporto automóvel, podem também ser vistos em Eisenach.

A antiga sucursal do consórcio «BMW» em Eisenach foi nacionalizada pouco depois da Segunda Guerra Mundial e dedica-se desde 1955 à produção de automóveis que são exportados para mais de 30 países.

Bob Dylan promove participação num filme

O cantor norte-americano Bob Dylan apareceu numa conferência de Imprensa, em Londres, para apresentar um filme onde ele será o protagonista — o primeiro papel principal que vai desempenhar desde há dez anos.

O filme chamar-se-á «Hearts of Fire» e nele Bob Dylan será um velho cantor de rock, que foi uma superestrela mas que decidiu virar as costas à fama e isolar-se.

O realizador de «Hearts of Fire» é o inglês Richard Marquand e, além de Dylan, participarão no filme Fiona Flanagan, 24 anos, uma norte-americana de Nova Jérsia, e Rupert Eveerett, um britânico de 26 anos.

As filmagens deverão começar, no dia 25 deste mês, em Londres e no sul do País de Gales.

O papel que Dylan vai desempenhar será o primeiro como protagonista desde a sua estreia no mundo do cinema, em 1973, na película «Pat Garrett and Billy the Kid», do realizador Sam Peckinpah.

Há dez anos, Bob Dylan realizou e interpretou o filme «Renaldo An Clara», que não entrou nos circuitos comerciais.

Envergando um blusão de cabedal com franjas e usando óculos escuros, Bob Dylan mostrou-se aborrecido e pouco à vontade, recusando falar de si próprio, do papel que desempenhará no filme ou das quatro canções que escreveu para a banda sonora da película.

«Eu não estava a fazer nada de bom neste momento e (fazer o filme) pareceu-me uma 'boa ideia» — disse Dylan, queixando-se de que o dinheiro que recebeu pela sua participação «não é suficiente», mas sem especificar quanto ganhou.

Bob Dylan concluiu recentemente uma série de concertos nos Estados Unidos, acompanhado de Tom Petty e dos «Heartbreakers», tendo actuado para mais de um milhão de pessoas.

Genet escolar

Carlos Porto

AS CRIADAS, de Jean Genet. **Tradução:** Luísa Neto Jorge. **Encenação:** Ivo Bernardo Vaz. **Cenografia e Figurinos:** Helena Simões. **Interpretação:** Maria Ana Tamen, Maria José Pascoal **e** Graça Afonso. **Produção:** Escola Superior de Teatro e Cinema. **Estreia: Sala do Instituto Franco-Português, 10-7-1986 (13-7-1986.)**

Genet é um fascínio — como não entendê-lo? Finalistas da Escola Superior de Teatro e Cinema apresentaram no Instituto Franco-Português um espectáculo a que chamei, por comodidade, escolar, embora ultrapasse esse estádio estupidamente desprestigiado, espectáculo que dá conta desse fascínio, no caso, com a peça «As Criadas».

O que surpreende neste espectáculo não é nenhuma surpresa especial, a não ser precisamente essa ausência de surpresa, isto é, aquela componente dele que não devia ser surpresa mas é, nesta coragem de interpretar Genet: a própria qualidade. Isto saiu confuso mas foi de propósito para exprimir a própria confusão do espectador confrontado com uma experiência que ultrapassa os lugares-comuns habituais para ser simplesmente, normalmente um espectáculo de teatro, a que possivelmente só faltou o público para ser completo. Coisas como rigor, respeito pelos valores objectivos e subjectivos do texto, mas também a inteligência dele e o saber passá-la para o palco, torná-la inteligível para os espectadores (é terrível quando o teatro inteligente se torna inapreensível), tudo isso prova que há alguma coisa por detrás disto, e tratando-se de um espectáculo escolar, no bom sentido possível da expressão, podemos então felicitarmo-nos. Interessou-me nesta versão da peça de Genet, em especial, o trabalho do encenador (Ivo Bernardo Vaz), de quem nunca tinha visto nada nesse campo sem esquecer a excelente colaboração da cenógrafa e figurinista, Helena Simões. Utilizando o que em relação a Genet parece óbvio, um jogo de espelhos, um e outra souberam dar alguma novidade a esse jogo, souberam transformar esse óbvio em qualquer coisa de bem imaginado e eficaz.

O trabalho das actrizes pareceu-me menos impactante: talvez porque as personagens de Genet são duma exigência extrema, talvez porque continuo a ter presentes as intérprete das encenação de Victor Garcia, em Cascais, Eunice Muñoz, Glicínia Quartin e Lourdes Norberto («DL» – 7-11-72/12-11-72). Valerá a pena lembrar um outro espectáculo visto em Portugal com esta peça pelo Grupo 33, de Bordéus, na SITU de 1984 («DL» – 19-5-84).

Na interpretação da peça de Genet tenha-se em conta a homogeneidade das três actrizes, a coerência do seu trabalho, muito bem marcada pelo encenador. Certamente, trabalhos futuros ajudá-las-ão e ajudar-nos-ão a entender melhor os seus pontos fracos e os seus pontos fortes. Para já, interessa sublinhar o acerto geral do espectáculo, a coragem dos que aceitaram trabalhar a genialidade deste texto.

Também em âmbito escolar aproveito para referir, sem criticar, a apresentação no Conservatório Nacional de um ciclo de espectáculos que deveriam ocupar um dia da vida da Escola de Teatro embora acabasse reduzido. De manhã representou-se «O Amante Militar», de Goldoni, com encenação de José Peixoto, seguindo-se «A Prossexual», de António Vasco, espectáculo que não vi. À tarde , não se realizaram os espectáculos «As cadeiras», de Ionesco, e «A Mais Forte», de Strindberg., Vimos excertos de «O Mentiroso» e uma amostragem de pantomima, ambos interpretados por Heitor Silva, ainda sem revelar potencialidades de intérprete, num e noutro caso; vimos «X, mais Y igual a Z», texto de Fernando Azevedo, com o autor, Maria da Luz e Luísa Cruz. Quanto ao texto trata-se de um exercício primário daquilo a que os franceses chamariam «literatura erótica de gare», nem vale a pena falar mais nisso. Mais interessante, os intérpretes sob o ponto de vista de capacidade interpretativa, composisão, interiorização, comunicação, embora insuficiente para um juízo firme sobre aqueles alunos da Escola de Teatro. Aliás, vistas estas provas, se é que o foram, poder-se-á perguntar se estas futuras actrizes e estes futuros actores serão capazes de representar Gil Vicente ou Shakespeare, ou Racine ou Tchekhov ou Bekect ou Brecht — de facto não é possível sabê-lo. Se calhar o Conservatório continua à espera da tal volta.

COMUNA
TEATRO PESQUISA
HOJE
AS 21.30 H

TOURO

Texto:
ABEL NEVES
Encenação:
JOÃO MOTA
TERÇA A SABADO
AS 21.30 H
DOMINGO AS 17 H
veja teatro a preços reduzidos
TERÇA • QUARTA • QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00
PR. ESPANHA (T. 726 0818)
SUB. S E C M/12 A
APOIO F.GULBENKIAN R.COMERCIAL
SÓ ATÉ 31 DE AGOSTO
SALA C/AR CONDICIONADO

ACP

Autogrupos

Cede-se posição p/ Fiat Uno 45 S Fire, 20 mens. pagas. Tel 84 00 22.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 69 240 «PROCESSO PARA A EXTRACÇÃO INDUSTRIAL DO ÁLCOOL CONTIDO NAS ÁGUAS DE VEGETAÇÃO DAS AZEITONAS A FIM DE REDUZIR O PODER INQUINANTE DAS PRÓPRIAS ÁGUAS E DE RECUPERAR O ÁLCOOL E DERIVADOS PARA FINS ALIMENTARES, COMBUSTÍVEIS, COSMÉTICOS E INDUSTRIAIS EM GERAL.»

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 74 345 «TECIDO PARA FELTRO DE SECAGEM».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 74 219 «GRADE DE CULTIVO DO TIPO DE RODAS DESALINHADAS, ARTICULADA».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Pela 2.ª Secção de Processos do 2.º Juízo da comarca de Torres Vedras, correm éditos de VINTE dias,ntados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos nos autos de Execução Sumária, registados sob o N.º 155/85, que o Exequente Luiz Manuel dos Santos Rodrigues, casado, e residente em Vale da Borra, A-dos-Cunhados, Torres Vedras, move contra a Executada – Lourenço & Piedade, Ld.ª, sociedade comercial por quotas, com sede em Almoinha, Sesimbra, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real.

Torres Vedras, 21 de Julho de 1986
O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
as.) Henrique Manuel
da Cruz Serra Batista
O Escriturário,
as.) Luís Manuel Dias
Correia Séco

DL 19/8/86 – 2.º PUB.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

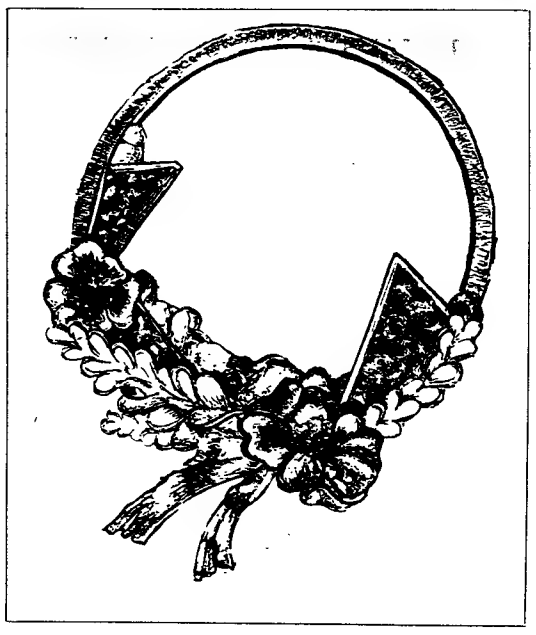
Pela 1.ª Secção de Processos do 2.º Juízo do Tribunal desta Comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Brasiliário da Cunha Jerónimo, casado, comerciante, da Labrujeira, Ventosa, Olhalvo, Alenquer para no prazo de dez dias, posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na execução movida por Carlos Bernardo & Filhos, Ltd.ª, com sede no Bairro Vila Morena, Torres Vedras.

Torres Vedras, 28 de Julho de 1986
O Juiz de Direito
(a) Henrique Manuel da Cruz Serra Batista
O Escrivão de Direito
(a) Joel Henrique Ferreira da Silva

D.L. 19/8/86 – 2.º Pub.

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

TEATRO CULTURAL



Um peça de artesanato de Ana Vilante: espelho executado em estanho, latão, vidros e pedras semipreciosas

Exposições

● Ana Vilante expõe peças de artesanato na Pousada de D. Dinis, no âmbito da V Bienal de Vila Nova de Cerveira, até ao dia 6 de Setembro. Natural de Leiria e vivendo actualmente em Lisboa, Ana Vilante fez o liceu em Leiria e frequentou em Lisboa a Escola António Arroio e o curso de Escultura em Belas Artes. Passagens enriquecedoras pela Escócia e por Angola, depois do interesse muito forte pelo artesanato. Vale a pena uma passagem por Vila Nova de Cerveira ...

● Até 10 de Setembro, decorre no Vidago Palace Hotel a II Grande Exposição de Artes Plásticas promovida pelas Cooperativas de Ensino Árvore e pelo Grupo Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas. Integrada na «Operação Ensino Árvore», iniciativa que tem por base a emissão de Títulos de Investimentos cujos juros serão pagos com obras de arte. Esta iniciativa, que se vem desenvolvendo desde Janeiro deste ano, já conheceu o apoio de entidades, como o Presidente da República, dr. Mário Soares, Conselheiro de Estado, general Ramalho Eanes, outras personalidades como o Cônsul da Guiné-Bissau Major Valentim Loureiro, o Deputado arq. Rosado Correia, o Vereador da Câmara Municipal do Porto dr. Justino Santos, o Banco Borges & Irmão, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Português de Investimento, entre outros.

● «Artesanato em Vias de Extinção» é o tema de uma exposição que está patente ao público na Filartesanato — Feira Internacional de Lisboa. Trata-se da apresentação de 7 actividades artesanais que se encontram quase desaparecidas, nomeadamente latoaria, cestaria, olaria (louça preta), fabrico de socos, fabrico de carocas, fabrico de gamelas e fabrico de fusos.

Teatro

● A estreia do próximo espectáculo da casa da Comédia, adiada por causa de um incêndio no teatro, foi marcada para esta noite: Trata-se da peça de Agustina Bessa Luís «A Bela Portuguesa», numa encenação de Filipe La Feria e com Fernando Heitor, Julia Correia e a cineasta Monique Rutler nos protagonistas. Técnicos especializados procedem à remontagem de toda a estrutura eléctrica da Casa da Comédia, que com este espectáculo assinala o seu quadragésimo aniversário.

Cinema

● Esta noite (19 e 21.45) no Forum Picoas, exibição do filme «O Preço do Escândalo» de Krzystof Zanussi, com repetição amanhã no mesmo horário.

Música

● Esta noite, nas ruinas do Carmo, a partir das 21.30, realiza-se mais um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP. No programa: Hansel und Gretel — E. Humperdink e, Sinfonia Concertante para violino, viola e orquestra de Beethoven. Maestro Silva Pereira sendo solistas António José Miranda (violino) e Alexandra Mendes (viola).

● Por iniciativa do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Gulbenkian, no âmbito do Festival «Jazz em Agosto», já anunciado, vai realizar-se hoje um «Workshop», dirigido por Paul Motian, baterista, percussionista e compositor, que nasceu em Filadélfia há mais de 50 anos.

DL CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
O RAPAZ DA COCA-COLA
(maiores de 12 anos)
14.00, 16,30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Apolo 70
A PONTE DE BROOKLYN
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Avila
— T. 539930
FESTIVAL 007 — OS DIAMANTES SÃO ETERNOS
(maiores de 12 anos)
14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
10 PARA A MEIA-NOITE
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
SEXO EM EXPLOSÃO
(int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cinebloco
— T. 556824
PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMITYVILLE III
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cinebolso
TARADAS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
NAS CARAS DOS CANIBAIS
(int. m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222
— T. 579460
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Ânzuha
VAMOS A ISTO RAPAZES
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
CAÇADOR DE TUBARÕES
(int. 13 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
MÚSICA NO CORAÇÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
O MENSAGEIRO
(maiores 12 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.00, 16.30. 19.00 e 21.30 h

Eden
O INSTRUTOR DE KUNG-FU
(int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
SARILHO NO FAR-WEST
(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
UM LUGAR NO CORAÇAO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1
DESAPARECIDOS EM COMBATE — PARTE 2
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 2
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3
O HOMEM DE DUAS CARAS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
A CALÚNIA
(n. acons. men. 13 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009
AMANTES DE VERÃO
(ão acons, men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
ABSOLUTE BEGINNEES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Império
— T. 555134
O MOMENTO DA VERDADE II
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h

Londres
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
OS AMIGOS DE ALEX
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
SEXO EXÓTICO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
SUPERMAN III
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O BRAÇO DE FERRO
(m. 16 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305
QUATRO PUNHOS CONTRA RIO
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
MEU DEUS AO QUE CHEGUEI
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
A CASA ENCANTADA
(n. acons. a m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FABRICANTE DE ÍDOLOS
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FINALMENTE DOMINGO
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4
LEMBRAS-TE DE DOLLY BELL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AS GRADES DO INFERNO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
O PODER DO JOGO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
007 - AGENTE IRRESISTÍVEL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
KARATÉ KID II
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
UNS E...OS OUTROS
(não acons. men. 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O MOMENTO DA VERDADE
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O RAPAZ DA COCA-COLA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
TERRA SANGRENTA
(maiores 16 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES
(indianos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro — «As Bicicletas são para o Verão», às 21.30 (m. 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «O Homem de Duas Caras», às 21.30 h (12 anos)
CACÉM — Cinestúdio — «América Violenta», às 15 e 21.30 (m. 12 anos)
Babilónia, «Police Academy III — de volta aos treinos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 6 anos)
Estúdio Dois EME — «Juventude Inquieta», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

Linha de Cascais
Casino Estoril — «O Protector», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «O lobijovem», às 15.30 e 21.30, (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Academia de Polícia III - de Volta aos Treinos», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)
CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «Nova Iorque fora de Horas», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)
Sala 2 — «Louca por Si, Professor», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
CARCAVELOS – Atlântida Cine — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «Academia de POlícia III», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

Outra Banda
ALMADA — Incrível — «Greystone, a Lenda de Tarzan», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)
ALMADA — Academia — «Perfeição», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (n/acons. m. 13 anos)
COSTA DA CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Os Sete magníficos», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Academia de Polícia III — de Volta aos Treinos», às 16.15 e 21.45 (m. 6 anos)
MOSCAVIDE — Stop — «Os Salteadores da Selva Perdida», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense — «África Minha», às 15.00 e 21.15 h (m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Conan, o Destruidor», as 16.00 e 21.30 (m. 12 anos)
ODIVELAS – Cineodivel — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
Cineoceano – «A Última Reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE: Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS: Alcântara**, Av. da República (T. 771374); **BAIRRO AZUL: Sirius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BELÉM; Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CALHARIZ - BENFICA: Rebocho**, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **FONTE LUMINOSA - ALAMEDA AFONSO HENRIQUES: Paes**, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **LUMIAR: Patuleia**, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **RATO: São Mamede**, R. da Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. de Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO – ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma**, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Pichaleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS DE FERRO: Pereira Sucursal**, R. do Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **TIVOLI: Morais Sarmento**, R. de Santa Marta, 16-A-B (T. 546490); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Heriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, IJ, Moínho (T. 2950727). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771); **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Fuzeta**. Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Até ás 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. Miraflores, lote 12 (T. 2101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 2600870). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (T. 9230832). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088)

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Coimbra — ATÉ AS 22 HORAS — MIRANDA, P. do Comércio,41.

DL TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Em férias até 13 de Setembro

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30: domingos às 17.00

«**TOURO**«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: Anbtónio Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«**AVAREZA, LUXURIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Domingos, às 16.30

«**A RUA DOS FANTASMAS**«, de Javier Villafañe. Pelo Grupo Maizum.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dia 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; de terça a 6.ª, às 18.30

«**O INDESEJADO**«, de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45: domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, Antóñio Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 (às Janelas Verdes) — Tel. 60 72 99

De terça a domingo, às 21.45; sábados e domingo, às 18.00

«**A BELA PORTUGUESA**«, de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe La Féria. Int.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**LISBOA TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

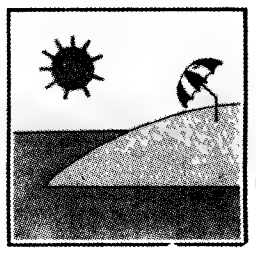
R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«**OS NEGROS**«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

De quinta a sábado, ás 18.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.



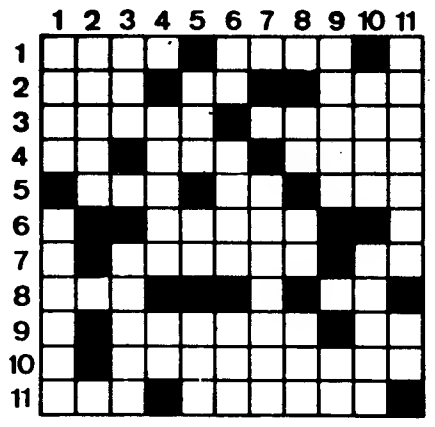
NÃO tome banho em praias sem assistência

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 804

HORIZONTAIS:

1 Além disso. Planície entre duas montanhas.
2 Estima. Quantum satis. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
3 Costurou. Nivelas.
4 Viração. Possui. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.
5 Ave da família dos láridas. Artigo indefinido. Consentimento.
6 Salgas.
7 Quarto de dormir. Vossa senhoria.
8 Saia frequentemente à rua. Bário (s.q).
9 Sono curto. Letra do alfabeto árabe.
10 Maquinareis.
11 Espádua. Relativo a oásis.



VERTICAIS:

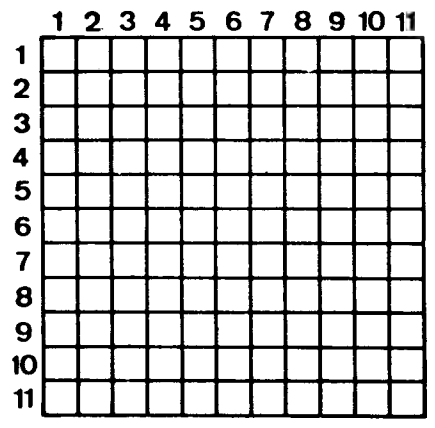
1 Nome de fruto. Serôdio.
2 Nome de fruto.
3 Seguias. Canastra com asa ou sem ela.
4 A moral. Sufixo que designa estado.
5 Pronome relativo. Artigo indefinido. Recusa.
6 Vossa Santidade. Mancha negra causada pelo excesso de calor do lume (prov). Fedor.
7 Brejeiras.
8 Prefixo que designa afastamento. Apelido. Apelido.
9 Carafalco (pl). Era cristã.
10 Xaile das mulheres índias e parses. Desocupado.
11 Tostamos. Arsénio (s.q).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 640

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelh de Felgueiras. Cidade de Itália.
2 Afecto. Costumar.
3 Bigorna de aço sem hastes. Por mão própria (abrev). Madre.
4 Preposição latina que designa movimento. Anel. Ente imaginário.
5 Pista. Título de concessão de terras.
6 Naquele lugar.
7 Saliva viscosa. Abate.
8 O mais. Peça de cortiça para tapar. Rénio (s.q).
9 Nome de fruto. Transferir para outro dia.
10 Guarnecem de asas. Aparato.
11 Três das quatro letras que formam o nome do pintor flamengo cognominado «O Velho». Sua senhoria. Preposição e artigo (pl).



VERTICAIS:

1 Roer. Mentira (pop).
2 Querida. Aplano.
3 Pronome pessoal. Por baixo de. Conjunção.
4 Doutor. Átomo. Lavram.
5 Vantagens. O sono das crianças.
6 Por muito obséquio (abrev). O mais. Carta de jogar.
7 Frontaria de um edifício.
8 Arsénio (s.q). Folhoso.
9 Festa de arraial. Cólera.
10 Porção de fios dobados. Atravesso a nado.
11 Praia. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 803

HORIZONTAIS:

1 BOA. MESA.
2 Écula. Aviso.
3 Sacar. Cones.
4 Hió. Uçu.
5 Aa. Sião.
6 Mad. Missa.
7 Ecaras. Soes.
8 No. Anos.
9 Trapaceiros.
10 Dó. Alar. És.
11 Aos. Sã. MAU.

VERTICAIS:

1 TESTAMENTO.
2 Ca. Acorda.
3 Buchara.
4 Olaia. Rapas.
5 Aaro. Banal.
6 Socas.
7 Macuim. Será.
8 Evocais.
9 Sinuoso. Rem.
10 Ase. Serosa.
11 Ostras.

PROVÉRBIO: Boa mesa, mau testamento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 639

HORIZONTAIS:

1 Saale. Malga.
2 Er. Irmãs. Al.
3 Negar.-Rindo.
4 Há. Salga. Ar.
5 Asa. Ana.
6 Sina. Rh.
7 Será. Grãs.
8 Usa. Aos. És.
9 Dançara.
10 Cuama. Rotas.
11 Arses. Alara.

VERTICAIS:

1 Senha. Sulca.
2 Areasses. Ur.
3 Airadas.
4 Liam. Na. Ame.
5 Errata. Anas.
6 Com.
7 Margem. Sara.
8 Ásia. Rol.
9 Arreata.
10 Ganhadas. Ar.
11 Alora. Usa.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.32**: Trechos de óperas: Abertura da ópera «Fidélio» de Beethoven; **17.00**: Integrais; **17.19**: Canções; **18.00**: Estudos, opus 10, de Chopin; **18.40**: Os grandes intérpretes; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música de câmara; **21.30**: Transmissão directa de um concerto realizado nas Ruínas do Carmo, em Lisboa, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.20**: Concerto, para violoncelo e orquestra, de William Walton; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazz; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.001 Jornal das regiões; 19.30**: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos; **20.00**: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete solinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos animados

15.35 — Risco Inadiável

3.º episódio: Almada Negreiros — a série Risco Inadiável pretende iniciar o espectador no fenómeno do desenho, consciencializá-lo para os «termos» e a «linguagem» da mais espontânea forma de comunicação visual, argumentando através dos seus praticantes mais qualificados. Neste programa de Lagoa Henriques, com a colaboração de Eduardo Geada está em foco Almada Negreiros.

O desenho, o seu valor e o seu limite. O desenho é o meio, o homem a finalidade.

O desenho e a pintura — o fresco e o vitral. A relação íntima entre a poesia e as artes visuais.

16.00 — A Tragédia da Rua das Flores

(8.º Episódio): Genoveva está enfim em Lisboa na Rua das Flores. A aventura com Vítor onde a pode levar? Ele é pobre, ela está arruinada, precisa de um amante para a sustentar. Se se entregar inteiramente a Vítor, não quer partilhar-se com outro, quer pertencer-lhe só. Mas o mau humor que aquilo lhe dá fá-lo recair sobre Dâmaso.

Intérpretes: Lurdes Noberto, Antónino Solmer, António Assunção, Elisa Lisboa, Márcia Breia, Santos Manuel, São José Lapa, Verónica, David Silva, Manuel Coelho, Fernando Soares, Carlos Fonseca, José Manuel Mendes, Branco Alves, Cunha Marques.

Realização: Ferrão Katzenstein.

17.00 — Natação: Campeonato do Mundo de Madrid

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos:

— «O jovem Ramsey»

— «Era uma vez»

18.45 — País, País

19.15 — Natação: Campeonato do Mundo de Madrid

19.50 — O Livro Grande de Petete

«Os fungos»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(Episódio) 116: Teresa fica muito impressionada com a morte de Raul e repete obsessivamente que ela será a próxima a morrer.

Jalusa e Zoraide discutem acaloradamente a existência do diabo e acabam por se zangar. Jalusa abandona a pensão indo viver com Vânia e Teresa.

Lúcia compra uma jóia paa oferecer a Alice e procura-a no emprego. Vítor e Eloá combinam uma ida à praia no dia seguinte.

Heloísa pede ao pai que chame um médico para Teresa que está muito emocionada. Osmar diz-lhe que se ela não se quiser tratar lhe retira a filha.

21.30 — Panorama

GNR — 75 anos depois!

1911 — É criada em Portugal a Guarda Nacional Republicana — corpo especial de tropas, organizado para velar pela segurança pública, manutenção da ordem e protecção das propriedades em todo o País.

22.35 — Um César americano

(8.º Episódio): Em Julho de 1950, a Coreia do Norte invade o Sul e MacArthur é nomeado comandante d Forças das Nações Unidas. Visita o campo de batalha, quando a Coreia do Sul já está praticamente ocupada e concebe uma controversa acção de flanco, um desembarque no porto de Inchon.

23.00 — Últimas Notícias

Em repetição, às 4 horas da tarde, «A Tragédia da Rua das Flores» com Lurdes Norberto na protagonista

RTP 2

16.30 — Abertura e Indicativo «Europa TV»

O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos

«Tic Tica» e «Willy Fog»

17.05 — Countdown

17.45 — O Tempo

17.50 — Informaçã Eurorepórter

17.55 — Informação: Eureka

(O magazine de informação sobre a ciência, a tecnologia e a indústria na Europa).

18.20 — O Tempo

Informação: O Mundo Amanhã (World Watch)

18.30Reggae numa Babilónia

19.05 — Documentário

Brigitte Bardot (III Parte)

20.00 — Notícias

20.05 — Videopólis

20.35 — Falar de Macau

21.00 — Cinema Italiano

«Caro Michele»

Baseado no romance de Natalia Ginzburg, «Caro Michele» é a história do desmembramento de uma família burguesa: depois dos acontecimentos de 1968, o filho, Michele, passeia pela Europa, em ruptura com a família e os amigos. Mara a rapariga que o amou e de quem tem um filho, não melhora a situação.

Intérprtes: Mariangela Melato, Delphine Seyrig, Aurore Clément, Lou Castel.

Realizador: Mário Monicelli.

(Notícias no Intervalo)

23.30 — Últimas Notícias

23.40 — Vereda Tropical

(Epis.º 106 e 107)

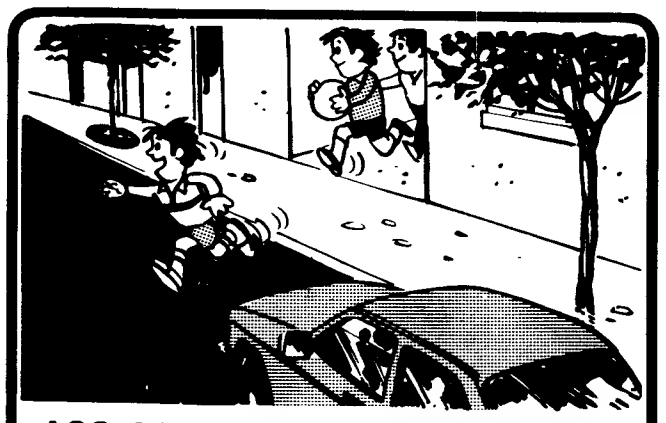
Amanhã

RTP/1

15.00 — Desenhos animados
15.35 — O Homem montanhês (8.º episódio)
16.05 — Duarte e Companhia
2.º episódio (A vingança de Lucífer)
17.00 — Natação: Campeonato do Mundo de Madrid
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos mais novos «O Jovem Ramsay» e «Era uma vez»
18.45 — Natação: Campeonato do Mundo
19.50 — O Livro Grande de Petete — «As pérolas»
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Vamos jogar no Totobola
20.45 — Corpo a Corpo (episódio 117)
21.40 — Noite de Cinema: «Orgulho e Paixão»
23.50 — Últimas notcias

RTP 2

16.30 — Abertura: o tempo
16.35 — Tempo dos mais novos: «Tic Tac» e «Willy Fog»
17.00 — Countdown
17.45 — Tempo
17.50 — Informação: Spectrum (as notícias em revista)
18.30 — Documentário «Paul Gaugin, o Selvagem»
19.30 — Documentário: «Rendas da Irlanda»
20.00 — Notícias
20.05 — Conheça melhor
20.30 — A aventura da arte moderna (11.º episódio)
21.25 — Notícias
21.30 — Foi êxito na TV: «Gente Fina é outra coisa»
22.15 — Últimas notícias»
22.20 — Vereda Tropical (episódios 108j e 109)



AOS CONDUTORES

"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
22.35 — Um César Americano

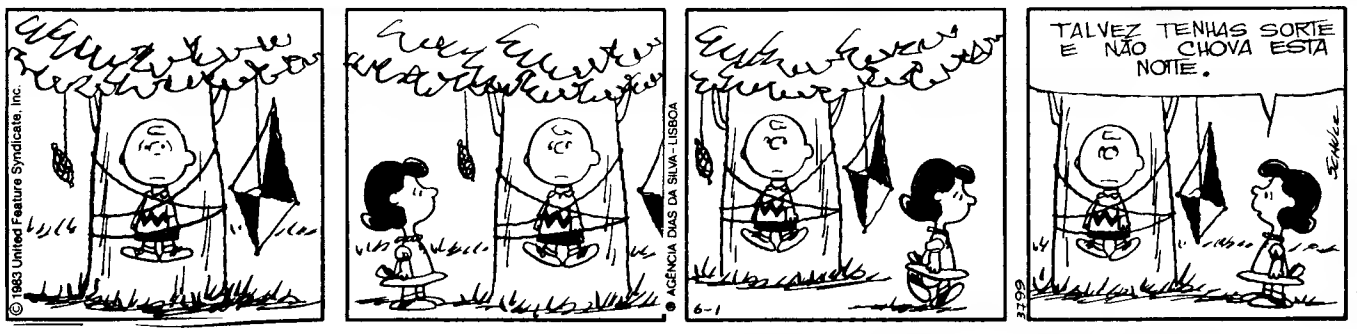
RTP 2
21.00 — Cinema Italiano
— «Caro Michele»

«Corpo a Corpo»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 - 32 02 71 - 2 - 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00 **DEPÓSITO LEGAL: 1426/82**



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
02.37 **3,80 m**	08.13 **1,00 m**
14.53 **4,20 m**	20.45 **6,70 m**
Dia 20	
03.21 **3,90 m**	08.54 **0,90 m**
15.36 **4,30 m**	21.25 **0,70 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	12º
VIANA DO CASTELO	17º
VILA REAL	13º
PORTO	17º
COIMBRA	17º
CABO CARVOEIRO	19º
CASTELO BRANCO	–
PORTALEGRE	15º
LISBOA	18º
ÉVORA	16º
BEJA	15º
FARO	19º
SAGRES	18º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	22º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do cabo da Roca. Vento fraco ou moderado de noroeste, neblinas matinais.

Tribunal de Relação aceitou redução da caução de D.Branca

O Tribunal da Relação de Lisboa (TRL) aceitou o requerimento de Maria Branca dos Santos que solicitava a redução da caução de 2000 para 500 contos, disse à Anop o seu advogado, Leal Diogo.

O relator do Tribunal da Relação «decidiu unilateralmente, por despacho do dia 12, atender o requerimento de Dona Branca, já que relativamente a esta não tinha deduzido oposição justificada», acrescentou.

O advogado salientou que qualquer reclamação deveria ter sido feita no prazo de cinco dias. Como tal não se verificou, disse, Dona Branca fica agora obrigada a liquidar os 500 contos no Tribunal da Relação, no prazo de 10 dias úteis a contar de ontem.

Leal Diogo afirmou que a «banqueira do povo» «tem pessoas dispostas a ajudá-la a pagar a caução, pois não tem meios próprios para o fazer».

Segundo o advogado, é possível que a próxima conferência de juízes se realize no dia 29.

Maria Branca dos Santos, caucionada em 2000 contos para efeitos de liberdade provisória, não cumpriu o prazo fixado para o pagamento da caução, que terminou dia 13.

Dona Branca foi libertada provisoriamente sob caução, em 25 de Julho, por decisão unilateral do relator Monteiro Marques.

A conferência de juízes do TRL, reunida dia 13, decidiu a recaptura de três co-arguidos no processo de Dona Branca, com ela libertados em Julho, nada acrescentando relativamente à constituinte de Leal Diogo.

Familiares dos pilotos de Sá Carneiro têm pensões

Os familiares dos pilotos Jorge Albuquerque e Alfredo de Sousa têm a partir de hoje direito a pensões do tesouro entre 5 de Dezembro de 1980 e 1 de Maio de 1984, segundo estabelece um decreto-lei hoje publicado no «Diário da República».

O decreto-lei aprovado pelo Conselho de Ministros altera anterior disposição de Abril de 1984, que estabelecia para o primeiro dia de Maio desse ano o início da atribuição da pensão aos familiares dos dois pilotos que, recorda-se, faleceram no acidente de aviação que vitimou o então Primeiro-Ministro, Francisco Sá Carneiro.

Fenprof alerta contra atrasos do ano escolar

A Federação Nacional dos Professores (Fenprof) alertou hoje para os prejuízos que poderão acarretar ao início do próximo ano lectivo as recentes alterações no ensino decretadas pelo Ministério da Educação.

Em conferência de Imprensa, o secretário-geral da Fenprof, Antonio Teodoro, afirmou que «que desde já os professores desresponsabilizam-se por quaisquer atrasos que se registem no arranque do ano lectivo, devidos às alterações agora introduzidas».

Trata-se de legislação respeitante a alterações curriculares no ensino secundário e preparatório complementar, lançamento de novo plano curricular para o ensino nocturno e modificações no regulamento de funcionamento dos conselhos pedagógicos e de outros orgãos de gestão das escolas.

«As escolas que já tinham feito os estudos para os horários de alunos e professores no próximo ano, viram todo o trabalho do mês de Julho anulado, tendo agora de recomeçar tudo de novo», explicou António Teodoro.

DECARAS

NADIR AFONSO: A Embaixada de Portugal e a Livraria Bertrand promovem uma exposição do pintor português, a ser inaugurada no próximo dia 28 na missão diplomática em Brasília.

Nadir Afonso, nascido em Chaves (Trás-os-Montes) em 1920 e formado em Arquitectura no Porto, fez estudos de pintura em Paris a partir de 1964, como bolseiro do governo francês.

Como arquitecto, trabalhou em Paris com Le Corbusier em 1951 e de 1952 a 1954 foi colaborador de Oscar Niemeyer no Brasil.

Em Portugal, recebeu o Prémio Nacional de Pintura em 1967 e o Prémio Souza Cardoso em 1969. Actualmente, divide o seu tempo entre Chaves e Paris.

NANCY REAGAN, a actriz de Televisão Cybill Shepherd e a antiga vedeta da CBS Maria Shriver encabeçam a lista das dez mulheres mais elegantes da América estabelecida pela revsta «Harper's Bazaar». Segundo as três eleitas, a dieta e o exercício são a chave da sua beleza. A mulher do presidente Reagan confessou ter um fraquinho pela cozinha, mas disse que um exercício matinal a mantém elegante. A cantora Whitney Houston, que figura na mesma lista, afirmou por seu turno não praticar qualquer dieta: «nunca faço exercício e como tudo o que quero» – disse.

JULIO IGLESIAS «nunca demonstrou suficiente domínio» da língua inglesa para poder interpertar canções neste idioma, comentou o crítico de música do jornal «The New York Times» na sequência de um espectáculo realizado em Madison Square Garden.

O jornal nova-iorquino, que elogia o esforço do cantor para conquistar o mercado norte-americano, afirma que este «problema idiomático» afastou Julio Iglesias dos dez primeiros postos de venda nos Estados Unidos.

«Iglesias não desistiu e confia muito nas suas capacidades», garante o crítico musical Stephen Holden.

PINTO DA COSTA, presidente de São Tomé e Príncipe, encontra-se em Libreville, onde participa nas solenidades comemorativas do 26.º aniversário da proclamação da independência do Gabão. Pinto da Costa, que chefia uma delegação governamental em que se integram os ministros da Comunicação Social, das Indústrias, Pesca e Turismo e da Saúde, deve aproveitar a sua estada em Libreville para entabular conversações com o seu homólogo gabonês, Omar Bongo, sobre questões ligadas à cooperação e outras de interesse bilateral.

JULIO SANGUINETTI, presidente do Uruguai, concluiu uma visita de oito dias ao Brasil durante a qual manteve conversações centradas na expansão do comércio bilateral. Saguinetti visitou as cidades de São Paulo, Brasília, São Luís, Rio de Janeiro e Porto Alegre, onde reuniu com dirigentes empresariais e políticos num esforço para fortalecer os laços comerciais entre as duas nações. «O Brasil e o Uruguai deram mais um passo em direcção à democracia», disse Sanguinetti antes de regressar a Montevideu. «A integração económica ajudará os nossos países a encontrar o seu caminho nos injustos mercados internacionais».

PIETER BOTHA, acusando o mundo de hipocrisia e de ideias sinistras ao exigir um poder maioritário negro, encara a sua comunidade africaner como os verdadeiros combatentes pela liberdade na Africa do Sul. Embora o mundo possa denunciar que a sua tribo branca africaner é culpada de governar a Africa do Sul através de uma repressão brutal, Botha considera-a defensora dos valores cristãos num continente dominado por ditadores brutais e abalado por guerras tribais — afirmam amigos e inimigos do presidente.

Extinto incêndio em Vila Flor

Um incêndio que deflagrou no sábado em várias localidades do concelho de Vila Flor foi ontem considerado extinto, depois das chamas terem destruído durante dois dias uma área florestal de hortas e pomares superior a 500 hectares.

No combate ao sinistro, que atingiu os termos de Vale de Sancha, no concelho de Mirandela, Roios, Lodões, Meireles e Santa Combra de Vilariça, no concelho Vila-florense, participaram as corporações de Vala Flor e Mirandela, apoiadas pela população local.

O fogo, segundo adiantou à agência NP uma fonte dos bombeiros, causou prejuízos «ainda incalculáveis», tendo queimado zonas de eucaliptal, vinhas, sobreiral, pinhal, hortas e pomares.

De entre as áreas atingidas pelo fogo, Vale Frechoso foi uma das zonas mais flageladas, onde as chamas consumiram 3.500 oliveiras, das quais duas mil pertenciam ao antigo internacional do Futebol Clube do Porto, Hernâni Ferreira da Silva.

Marco Paulo vai casar

Marco Paulo deu uma novidade às suas fans que o lançaram no topo das vendas de discos em Portugal: actualmente com 38 anos, já a entrar na fase de solteirão, o cantor anunciou, aos microfones da Rádio Comercial, o seu casamento por todo o próximo ano, com uma jovem francesa de 18 anos, de nome Jacqueline, loura, de olhos azuis, estudante, filha de mãe francesa e pai português. Após o «mariage», Jacqueline, actualmente a residir em Paris, terá como nova morada a margem Sul do Tejo.

Enquanto que era anunciado o enlace, Marco Paulo pôs à venda o seu último disco, «Sedução», onde, entre outros temas, existe uma faixa intitulada «Amor Italiano».

No amor, das canções à vida, o cantor aposta decisivamente na internacionalização.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Àcerca de um muro

O muro de Berlim fez 25 anos no dia 13. O Sete Ponto Sete recorda o que foi a construção dessa «muralha antifascista», o que foi a saga das fugas, e dá uma visão do significado actual dessa fronteira de betão.

Págs 2 a 6

13 de Agosto de 1961

Berlim dividida por arame farpado

CERTAS histórias não devem ser contadas às crianças, a menos que possamos iniciá-las por «era uma vez...». Infelizmente não é o caso da história do muro de Berlim, cuja edificação é pouco edificante... Como, de facto, explicar a uma geração que nasceu, cresceu e se tornou adulta desde que ele existe, qual a lógica que permite a uma cidade sete vezes centenária, habitada por homens e mulheres que falam a mesma língua e sonham encontrar-se uns com os outros, continuar a viver cortada ao meio pela mais intransponível das fronteiras?

A lívida muralha de betão, que serpenteia através da antiga capital do Reich, parece monstruosa ao estrangeiro que a vê pela primeira vez. Como compreender que dois lugares contíguos de uma cidade se tornem, por meio de uma parede, mais distantes que as mais distantes aldeias de província?

O berlinense, por seu lado, aprendeu a viver com «aquilo» desde há 25 anos. Que seja do Leste ou ocidental, nascido «antes» ou «depois», o muro faz parte da sua paisagem familiar, das coisas em que se repara pouco porque se tornaram evidentes, e que se acabam por aceitar, porque não se pode impedi-las de existir.

E antes do muro? Reinava ali a doçura mais tranquila? Não exactamente. Mesmo absolutamente nada. Havia, sim, a vida dura de uma cidade que emergia lentamente das suas próprias ruínas de 1945, tinha havido a fome, a miséria, o bloqueio de 1948 e a ponte aérea dos americanos, que trazia de avião sacas de batatas e de carvão a uma população esfomeada e transida de frio.

Apesar disso, ainda se recorda o tempo em que se podia ir ver uma peça de Brecht ao Berliner Ensemble, no Leste, ou, inversamente, qualquer habitante de Berlim Oriental podia ir ao cinema no Kurfurstendamm.

O Kadewe, hipermercado de Berlim-Oeste, atraía consumidores de Leste que não hesitavam em gastar dinheiro: o marco da RDA trocava-se à razão de 5 contra 1 pela divisa ocidental indispensável à compra de produtos impossíveis de encontrar do outro lado: desde café solúvel até a lâmpadas, o cidadão do Estado operário e camponês vinha meter o dedo no boião da sociedade de consumo, desde que lá deixasse bom dinheiro.

E, sobretudo, se decidia deixar a outrem a tarefa de construir o socialismo em terras alemãs, tentando a sua sorte no universo de exploração que lhe descreviam, a coisa era-lhe tão simples como atravessar a rua.

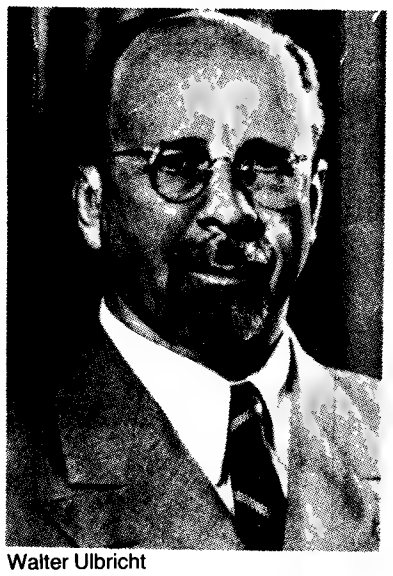
A partir de 1949, data da criação da RFA e da RDA, perto de quatro milhões de pessoas tinham feito essa escolha. Tinham, como então se dizia, «votado com os pés». E entre elas, muitos engenheiros, médicos, técnicos e operários qualificados a quem não era difícil encontrar emprego num país que vivia o auge do seu «milagre económico»...

Impotentes, as autoridades da RDA viam desaparecer as suas elites como água entre os dedos. A «janela berlinense» tornava-se na obsessão do SED (Partido Comunista Leste-Alemão) e do seu chefe, Walter Ulbricht, que não parou enquanto não obteve de Krutchev a garantia de que «alguma coisa seria feita» para estancar a hemorragia que ameaçava a própria vida do «primeiro Estado socialista em terra alemã».

Em Junho de 1961, com efeito, o fluxo de refugiados tinha bruscamente aumentado: eles chegavam ao ritmo de mil por dia, e eram precariamente instalados nos centros de acolhimento de Berlim-Oeste. Várias razões explicavam este afluxo: a colectivização forçada das empresas agrícolas, o reforço do controlo ideológico junto da população, sobretudo nas escolas, e, talvez mais que qualquer outra coisa, o rumor insistente de que «algo ia passar-se». O **Torschlusspanik**, esse pânico diante das portas que se fecham, era alimentado pela tensão internacional.

13 de Agosto de 1961. Há 25 anos, Berlin era cortada em duas. Na manhã de 14, os seus habitantes despertavam num mundo em que só o céu não tinha sido dividido. Nesse dia, o «muro» era apenas simbólico, feito de simples rolos de arame farpado, mas as forças aliadas não se tinham mexido: o lance de poker de Krutchev e de Ulbricht tinha resultado. Se, desde 1949, mais de quatro milhões de berlinenses do Leste tinham preferido passar para o território da república federal, ia ser-lhes a partir daí mais difícil e perigoso atravessar a «fronteira»...

Em Viena, a 4 de Junho, Krutchev dissera a Kennedy: «Eu quero a paz; se você quer a guerra, é consigo»



Walter Ulbricht

Nikita Krutchev pensava poder aproveitar a juventude e a inexperiência do novo presidente dos EUA, John Kennedy — que, aos 41 anos, acabava de se instalar na Casa Branca em Janeiro de 1961 — para pôr cobro à «situação anormal» da presença de tropas ocidentais e de uma «ilhota do capitalismo» em pleno coração de um Estado membro do Pacto de Varsóvia.

Estimulado pelos sucessos obtidos no espaço e confiando na superioridade militar do exército vermelho, Krutchev ameaça: à falta de um tratado de paz que implique a retirada das tropas aliadas de Berlim-Oeste — o que não poderia significar, a prazo, senão a absorção dos sectores ocidentais da ex-capital pela RDA — haveria de esperar o pior: «Quero a paz, e se, pelo vosso lado, querem a guerra, é convosco», dissera ele à saída do seu encontro com Kennedy, a 4 de Junho, em Viena.

Convencidos de estarem diante de uma «grande crise», os ocidentais perdem-se em conjecturas sobre a natureza das medidas que a URSS e a RDA poderão adptar no «round» seguinte. A hipótese que lhes parece mais provável é a do encerramento dos acessos terrestres a Berlim-Oeste, como em 1948.

«Pensávamos que os alemães do Leste poderiam impedir os cidadãos da RDA de entrarem em Berlim-Oeste, criando controlos muito apertados entre a capital e o resto do país», conta Allan Lightner, então ministro dos EUA em Berlim-Oeste. «Mas havia uma outra possibilidade, que consistia em instalar controlos mesmo no meio da cidade. Não pensávamos numa barreira material como o muro, mas antes num sistema de controlo de fronteiras internacionais, como o que existe entre a RDA e a RFA»...

É sempre difícil, com efeito, imaginar o impensável. Aquele que tivesse, na altura, profetizado que, no espaço de um mês, ia realizar-se a mais implacável empreitada de pedreiro dos tempos modernos não teria sido levado a sério.

Aliás, não tinha Walter Ulbricht respondido a um jornalista oeste-alemão inquieto com o encerramento eventual da fronteira berlinense: «Se compreendo bem a sua pergunta, você quer dizer que há pessoas na Alemanha Ocidental que quereriam ver-nos mobilizar os operários da construção civil para a construção de um muro? Nada sei dessa intenção. Os operários da construção civil da nossa capital estão, na sua maioria, ocupados a erguer edifícios, e a sua capacidade de trabalho é plenamente utilizada para esse efeito. Ninguém pretende construir um muro.»?

Estas fortes palavras, ditas a 15 de Junho, com a inimitável pronúncia saxónica do secretário-geral do SED, terão sido suficientes para acalmar as apreensões ocidentais?

O chanceler Konrad Adenauer em Bona e Willy Brandt, burgomestre reinante na sua Câmara de Schoneberg, não acreditavam que algo de decisivo pudesse passar-se durante o Verão: enquanto criticavam a passividade dos aliados diante da degradação da situação, agarravam-se à ideia de que nada de irreversível se deveria produzir antes do congresso do PCUS, marcado para Outubro desse ano.

De 3 a 5 de Agosto reuniram-se em Moscvo os chefes de partido dos países membros do Pacto de Varsóvia. Walter Ulbricht foi procurar, ali, a aprovação do plano que elaborara: o encerramento **súbito** da fronteira entre as duas Berlim.

Mais tarde, Nikita Krutchev reivindicará a responsabilidade plena desta decisão, numa conversa com o embaixador da RFA em Moscovo, Hans Kroll, que este último conta nas suas memórias: «Não quero esconder-lhe que fui eu quem, em última instância, deu a ordem. É facto que Ulbricht me pressionava desde há algum tempo, e que nos últimos meses me pedia ainda mais insistentemente para agir. Mas não quero esconder-me atrás dele. As costas de Ulbricht são estreitas demais para mim.»

Uma táctica tinha sido preparada para reagir às eventuais contra-medidas dos aliados. Segundo Jan Sejna, antigo vice-ministro da Defesa da Checoslováquia refugiado no Ocidente a seguir à «Primavera de Praga», o que se decidiu primeiro foi instalar uma barreira de arame farpado. Se esta fosse destruída pelos ocidentais, estabelecer-se-ia uma nova, cem metros atrás da primeira. As tropas soviéticas, postadas em observação nas proximidades, não interviriam senão no caso dessa segunda barreira vir a ser igualmente destruída. Só depois, constatada a passividade dos ocidentais, foi decidido pôr em cena os operários da construção civil da capital da RDA, que construíram um muro feito de blocos.

Uma vez tomadas estas boas resoluções, Nikita Krutchev partiu de férias para Sotchi, nos bordos do mar Negro.

A 13 de Agosto de 1961, pouco depois da meia-noite, a agência de Imprensa oeste-alemã ADN publicava um longo comunicado dando conta da cimeira de Moscovo, e trazendo ao conhecimento público uma série de decretos, reduzindo de 87 para 13 o número de pontos de passagem entre os dois lados da cidade; ficava também proibido aos habitantes de Berlim-Leste o trabalho no Oeste, e era reduzido o número de composições de metro intersectores.

No mesmo momento, as «Betriebskampfgruppen», milícias operárias de empresa, activavam-se a desenrolar quilómetros de arame farpado de um a outro extremo da linha de demarcação.

Continua na pág. 3

O muro serviu a segurança e a cooperação europeias

– *diz Erich Honecker no aniversário do 13 de Agosto*

13 de Agosto de 1986: Erich Honecker, secretário-geral do PSUA e presidente do Conselho de Estado da RDA, preside ao comício que encerra a «manifestação de combate das milícias operárias» do seu país. A RDA celebra os 25 anos do «estabelecimento do controlo do poder operário e camponês sobre as fronteiras com Berlim-Oeste e com a RFA». 25 anos depois da construção do muro, Honecker diz que «as nossas medidas do 13 de Agosto serviram a paz; hoje pode dizer-se com inteira razão que abriram o caminho ao desanuviamento, serviram a segurança e a cooperação europeias».

Aqui publicamos uma larga síntese do discurso de Honecker de terça-feira passada:

«No dia de hoje, há 25 anos, em acordo com os seus aliados do ratado de Varsóvia, o poder operário e camponês em solo alemão estabeleceu o seu controlo sobre as fronteiras da República Democrática Alemã com Berlim-Oeste e a RFA, até esse momento abertas. Esta medida salvou a paz para o nosso povo e para os povos da Europa. Com este acto histórico preservou-se a liberdade do nosso povo e cimentou-se o florescimento contínuo do nosso Estado socialista.

«O poder firme da classe operária e de todo o povo trabalhador constitui a conquista mais apreciada na história do movimento operário revolucionário alemão. No interesse do nosso povo e no da salvaguarda da paz, preservaremos eficazmente este poder, em qualquer momento.

«Hoje em dia tornou-se uma experiência universalmente reconhecida — também graças à obra da RDA — que a inviolabilidade das fronteiras e o respeito pela integridade territorial e a soberania de todos os estados da Europa dentro das suas fronteiras actuais constituem condições básicas para a paz. Neste contexto, é bom recordar a situação perigosa e complexa que reinava no Verão de 1961. As lições do passado continuam a ser um tesouro insubstituível quando se empreende o caminho do futuro. O conhecimento da história ajuda particularmente as jovens gerações a entenderem melhor o presente e a cumprirem as suas tarefas.

«Bomba atómica mais barata»

«Nos anos de 1960/61 a conjuntura internacional tinha-se agravado. O imperialismo prosseguia a sua doutrina ilusória de que era preciso levar o socialismo a fazer marcha atrás. Com manobras militares da NATO ensaiavam-se agressões contra a RDA, aspirava-se a mudar pela força o **statu quo** existente na Europa. Esta estratégia atribuía um papel especial a Berlim-Ocidental. Políticas ocidentais tinham declarado Berlim-Ocidental **cidade-frente; espinha na carne da RDA, aríete da guerra fria.** Aventuravam-se inclusivamente a classificar a cidade de **bomba atómica mais barata.**

«Realizavam-se especulações monetárias numa escala imensa, extrapolavam-se enormes valores materiais, atraíam-se especialistas bem formados para desestabilizar a economia da RDA. A 13 de Agosto de 1961 acabámos com tudo isso. Os sonhos de Springer, de que no «dia X» eles entrariam, batendo tambores, pela Porta de Brandeburgo, esfumaram-se.

«Como todos pudemos presenciar, o sistema europeu de tratados criados desde então resistiu às provas do tempo. A RDA quer fortalecer e ampliar esse sistema de tratados e estará sempre com aqueles que, no interesse dos povos, procuram, de forma responsável, vias para preservar a paz e reduzir a confrontação. Mantemos o ponto de vista de que é melhor negociar dez vezes, ou mesmo cem, do que disparar uma só vez.

Soldados leste-alemães na construção do muro

As propostas de Budapeste e as de Gorbachev

«As propostas contidas no apelo de Budapeste dos estados membros do Tratado de Varsóvia constituem uma oferta construtiva e universal para negociações pelo desarmamento e pelo desanuviamento e correspondem às esperanças e expectativas dos povos por um futuro pacífico do nosso planeta. O primeiro passo em direcção ao desarmamento é a interrupção completa dos ensaios nucleares, como a URSS, dando o exemplo, está a praticar desde há um ano.

«Com todas as nossas forças apoiamos as propostas de Mikahil Gorbachev, que oferecem à humanidade a possibilidade real de preservar a paz, de pôr fim à corrida armamentista sobre a Terra e de impedi-la no espaço cósmico. Esta é e continuará a ser a direcção fundamental das nossas actividades no cenário internacional.

Erich Honecker

O que o muro deu à RDA

«As nossas medidas do 13 de Agosto serviram a paz. Hoje pode dizer-se com inteira razão que abriram o caminho que leva da confrontação ao desanuviamento. Serviram a segurança e a cooperação na Europa.

«Com orgulho contemplamos a nossa obra comum desde esses dias de Agosto de 1961. É bem visível para qualquer pessoa que, dentro de fronteiras eficazmente protegidas, o socialismo na RDA se desenvolveu em favor do nosso povo neste quarto de século. Em 1961 produzimos o equivamente a 77,9 mil milhões de marcos.

«Naquela época construímos ou modernizámos aproximadamente 92 000 habitações. Em 1985, 212 000 habitações novas ou modernizadas beneficiaram 637 000 cidadãos.

«Em 25 anos o rendimento real «per capita» subiu 357 marcos. Em 1985 atingiu 970 marcos. E poderíamos continuar a citar números.

«Implementando as resoluções do 11.º congresso do PSUA, no primeiro semestre de 1986 conseguimos, graças ao forte vínculo entre ciência e produção, e graças à atmosfera criadora dominante no nosso povo, uma nova subida dos rendimentos, em comparação com o mesmo período do ano passado, no valor de 4,3 por cento.

«Assim, e a imagem do socialismo real na RDA é determinada pelo progresso económico e social. Estas são as resoluções do 11.º congreso do PSUA postas em prática».

Subtítulos Sete Ponto Sete

Muralha antifascista

Continuação da pág. 2

No dia 14 de Agosto, de manhã, os berlinenses, espantados, despertavam numa cidade onde só o céu restava para dividir. Walter Ulbricht não tinha errado ao fazer tábua rasa das intenções ocidentais. Separados pelas suas vilegiaturas estivais, Kennedy, Mac Millan, De Gaulle ficaram como que paralisados.

Apesar das súplicas do burgomestre Willy Brandt, os chefes de Estados-Maiores das forças aliadas em Berlim, à falta de ordens explícitas, decidem não intervir. Só ao meia-dia o secretário de Estado americano, Dean Rusk, publica um breve comunicado em que anota: «As medidas tomadas até agora não visam senão os habitantes de Berlim-Leste e da RDA, e não a posição dos aliados em Berlim ou os seus acessos à cidade».

O lance de poker de Krutchev e de Ulbricht tinha resultado muito para além das expectativas dos seus autores.

Já não faltava senão completar a obra, tapar os interstícios por onde os últimos dos fugitivos continuavam a conseguir esgueirar-se: caves dos prédios-fronteira, janelas de que era possível saltar, embora com risco de partir os ossos, ribeiras e canais onde se mergulhava sem saber se seria possível escapar às balas mortíferas dos Vopos.

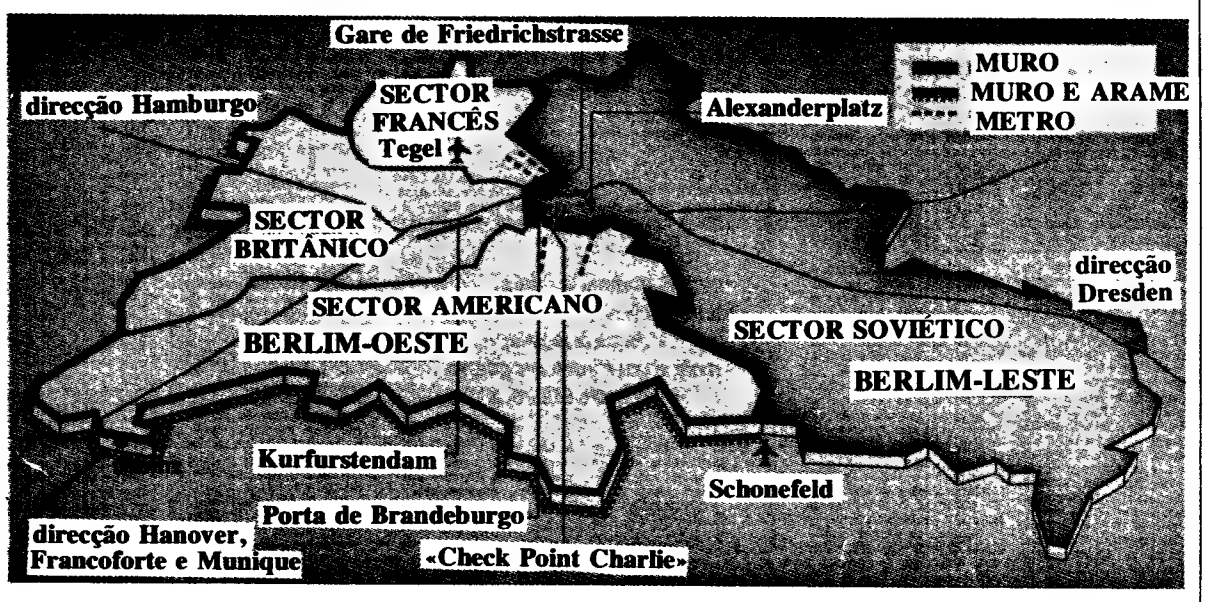
Este trabalho veio a realizar-se sob a direcção de um homem que viria, depois, a desempenhar um papel importante: Erich Honecker, então responsável pela segurança do comité central, e futuro sucessor de Walter Ulbricht no SED. Em algumas semanas, a coisa completou-se: um muro de betão de 1,20 a 1,80 de altura, encimado por arame farpado numa altura equivalente, é construído em tempo recorde. Projectores e miradores para sentinelas pontuam a construção de longe em longe, com os seus holofotes e estruturas de aço, assegurando a eficácia daquilo que viria a tornar-se imediatamente, para o Oeste, no «muro da vergonha», e para o Leste na «muralha de protecção antifascista».

Com o andar dos anos, o muro «moderniza-se». O arama farpado tinha demasiado mau aspecto? Será integralmente substituído por placas de betão encimadas por um elemento cilíndrico destinado a desencorajar qualquer escalada.

Um **no man's land** de várias centenas de metros, unicamente percorrido pelos homens das polícias de fronteiras e seus cães, impede todo e qualquer habitante de Leste de se aproximar, na cidade, da «fronteira de Estado da RDA».

Na Primavera e no Verão, milhares de coelhos saltitam nesse sinistro **no man's land.** Um dos jogos favoritos dos Vopos é o de ensopar esse corredor de gasolina, deitando-lhe fogo a seguir. Certas noites, podem ver-se, de Berlim-Oeste, pequenas bolas de fogo que ziguezagueiam por um instante para lá do muro.

Luc Rosenzweig



Uma parede de 42 quilómetros

O muro isola totalmente, Berlim-Oeste de Berlim-Leste e do resto da RDA. A porção contínua que atravessa a cidade de norte a sul mede 42 quilómetros.

Desde 1961, diversos pontos de passagem foram abertos. Os estrangeiros que desejam ir a Berlim-Leste devem utilizar o posto de controlo da gare de Friedrichstrasse, de metro, ou o célebre «Check Point Charlie», se vão a pé ou de carro.

Outros pontos de passagem estão reservados aos cidadãos da RFA, e outros ainda aos habitantes de Berlim-Oeste. Os vistos obtidos na própria cidade dão direito a uma estada na capital leste-alemã de um máximo de 24 horas; por outro lado, qualquer que seja a hora de entrada, a fronteira tem de ser percorrida pelo visitante, no outro sentido, à meia-noite seguinte.

É-lhe exigido que troque, no mínimo, 25 marcos no câmbio oficial, cinco vezes mais elevado que o do mercado negro.

Uma das mortes junto ao muro: o estudante Peter Fechter, em 1962

Um nulo diplomático

BELA manhã de domingo, a daquele 13 de Agosto de há 25 anos. Mas o que se produziu nesse dia não «caiu» propriamente do céu. Em pleno Verão de 1961, carregado de crises e de guerras, as tropas de fronteira da RDA desenrolaram uma rede de arame farpado através de Berlim e das quatro zonas aliadas da antiga capital do Reich e, pouco depois, construíam um muro.

Era o fim do êxodo em massa de antes da colectivização do país, a estatização total da economia, o alinhamento do pensamento e da vida quotidiana.

A segunda grande crise de Berlim, depois do bloqueio de 1948, começou em Novembro de 1958, quando o número um soviético, Nikita Krutchev, colocou os ocidentais diante de um ultimato: no espaço de seis meses, Berlim-Oeste deveria tornar-se numa «entidade política autónoma», e as forças armadas ocidentais deveriam retirar. Senão, a URSS transmitiria os seus direitos à RDA. Qualquer violação da fronteira da RDA seria considerada uma agressão contra o Pacto de Varsóvia. Walter Ulbricht declarava: «Toda a Berlim está na RDA». Estar-se-ia à beira da guerra?

Bomba de hidrogénio, sputnik e armas intercontinentais tinham incitado os dirigentes soviéticos a tentar transformar a sua força militar em mais-valia de poder. Nikita Krutchev não tinha declarado que o socialismo tinha «a supremacia na arena mundial»? Mas a este novo sentimento de poder, juntava-se o temor da desagregação do império. Só os tanques tinham conseguido travar os levantamentos operários na RDA em 1953, de 1956 na Hungria e, enfim, as desordens na Polónia. Alem disso, os dirigentes do SED (Partido Comunista Este-Alemão), ao sovietizarem o país, tinham-no tornado parecido com algo que estivesse sem fôlego.

Que queriam os soviéticos?

Queriam, não apenas o reconhecimento da RDA, mas também, após um período de **estado de graça**, a anexação dos sectores ocidentais. Por detrás desta estratégia, havia a vontade de minar o fundamento jurídico da presença dos aliados, e de repor em causa o ordenamento europeu do pós-guerra. Para o conseguir, Krutchev pressionou directamente John Kennedy, durante a cimeira de Viena, em 1961. «Vem aí um Inverno frio», ameaçando a Europa ocidental com as armas atómicas e enviando as suas forças militares para a RDA com a firme intenção de as utilizar ali, se necessário.

Os EUA reagiram: as tropas da NATO eram inferiores às do Pacto de Varsóvia na Europa, e foi aumentado o orçamento militar americano, foi preparada nova ponte aérea, ao mesmo tempo que era manifestada uma vontade de negociar, mas «negociar com firmeza».

O que se produziu a 13 de Agosto, por mais duro que tenha sido para os alemães, estava destinado a ser, como por vezes se diz no xadrez, um **nulo diplomático**. O muro estava construído, mas as três prerrogativas essenciais do ocidente mantinham-se: em primeiro lugar, o papel de potência protectora dos aliados em Berlim; em segundo lugar, mantinha-se o seu livre acesso à cidade; e em terceiro, parecia assegurada a viabilidade da cidade dividida.

Deveriam as potências ocidentais ter reagido militarmente à aventura, tendo sobretudo em conta que as tropas da RDA estavam, de início, pouco armadas? Quem avança com este argumento esquece a situação explosiva da época. As barreiras teriam sido colocadas, fosse como fosse, embora alguns metros mais atrás. A União Soviética caminhava ao longo de um precipício, e os EUA iam ao seu encontro. Estes dois países temiam, no entanto, o salto no desconhecido. Apenas em torno da crise cubana, um ano depois, iam eles fazer com que o drama iniciado em Berlim atingisse o seu apogeu... e a sua conclusão.

Para os soviéticos, a construção do muro era a prova, ao mesmo tempo, da sua força exterior e da sua fraqueza interna. Até hoje, a monstruosa construção recorda ao partido Leste-alemão o problema da sua legitimidade, e o conflito com a vontade que os homens podem ter de mudar de vida. No entanto, o muro forçou o SED a estabelecer com os cidadãos um **modus vivendi** permitindo, por exemplo, um incremento da vida privada, estabilizando o bem-estar social e tornando informa o contrato social, em vez de governar pelo medo. O que o Estado-SED ganhou em possibilidade de negociação com o Leste deve-o ao muro, que, em contrapartida, o paralisará em relação ao ocidente, enquanto existir.

A construção do muro marcou igualmente uma viragem profunda na história da República Federal da Alemanha. Antes, ela podia esperar o desaparecimento da República Democrática Alemã. Agora os seus dirigentes apercebiam-se de que o poder soviético não iria recuar na Europa central. A RDA estava para ficar. Não havia nem haveria qualquer data prevista para a reunificação. O desanuviamento na política mundial obrigou aliás o Ocidente — o que já era considerado de interesse pelos alemães na época de Adenauer — a encontar um **modus vivendi** perante o Leste, no tocante à questão de Berlim.

O tratado dos quatro de 1971 limitou tanto quanto possível o conflito entre as potências. Ao mesmo tempo, abria-se a porta a um acordo de princípio com a RDA, e ao tratado interalemão que acabaria por ser assinado nesse mesmo ano. O braço-de-ferro da «Weltpolitik» que teve lugar em Berlim há 25 anos foi portador da seguinte lição: Bona não poderá conduzir uma **Ostpolitik**, designadamente em relação à RDA, senão em concordância com os seus aliados atlânticos e ocidentais. Qualquer outra opção seria correr o risco de repor em questão a situação saída da guerra e, por consequência, ameaçar a Europa ocidental e privar de toda a esperança — mesmo tratando-se da esperança a longo prazo — aqueles que ainda se sentem hoje **condenados** a viver à sombra do muro.

Michael Sturmer

Professor de História Contemporânea Universidade de Erlangen

Histórias de fuga

Setenta e quatro mortos, centenas de feridos, mas igualmente o êxito de expedições espectaculares, por cima, por baixo e através do muro

A História do muro de Berlim é também a história das fugas espectaculares alcançadas «através» dele. Em 25 anos, os alemães de Leste que desejavam para o Ocidente deram provas de imaginação sem limites para o ultrapassar: dissimulados em porta--bagagens de automóveis com esconderijos adaptados, rastejando em subterrâneos cavados sob a fronteira, suspensos de fios pendentes do muro ou disfarçados de oficiais soviéticos ou americanos.

A época que se seguiu imediatamente à construção do muro foi a das fugas colectivas, sobretudo em camiõoes apinhados que se atiravam contra o muro para odeitar abaixo e ultrapassar. A foto de um soldado Leste-alemão, de arma a tiracolo, no momento de saltar o muro — e que, na altura, ainda se limitava aos rolos de arame farpado — deu a volta ao mundo. Uma vez a nova fronteira modernizada e reforçada, este tipo de tentativa passou a ser rapidamente infrutífera.

A história do «túnel 57», assim baptizado por ter permitido a 57 pessoas a fuga para Berlim-Ocidental em 1964, ficará como amais importante fuga colectiva bem sucedida. Em duas noites consecutivas, a 3 e 4 de Outubro, 23 homens, 31 mulheres e 3 crianças puderam, graças a essa obra com 140 metros de comprimento, abandonar o que muitos chamavam ainda «a zona', por referência à zona de ocupação soviética da cidade.

O túnel, que corria a 12 metros de profundidade sob a linha de demarcação, tinha sido furado a partir de Berlim-Ocidental por 37 jovens, na sua maioria estudantes, entre os quais uma rapariga de 23 anos. Eles não tinham senão um objectivo: permiitiir a um familiar, uma namorada, um amigo, que viesse juntar-se-lhes, ou propiciar a reunião de famílias que não conheciam e que o muro tinha dividido.

Partidos da cava de uma padaria abandonada, alugada pelo chefe da operação, os estudantes desembocaram, ao cabo de seis meses de esforços sob Berlim-Leste, na retrete de um pátio. O túnel não tinha senão 70 cm de altura,, para ser possível armazenar na própria padaria toda a terra e areia arrancada ao subsolo.

Na primeira noite, a operação desenrolou-se sem dificuldades de maior,, e 27 fugitivos, prevenidos pelo correio de qual era o ponto de encontro, passaram para a parte Oeste da cidade. Na noite seguinte, porém, tudo terminou na confusão, e tragicamente. 30 fugitivos tinham atingido o extremo da passagem quando um grupo de guardas-fronteira, os **Grepos**, irrompeu no pátio interior em questão. Houve troca de tiros, mas os «passageiros do túnel» tiveram tempo de atingir o fim da viagem, obstruindo atrás de si a passagem. No dia seguinte, a RDA anunciava a morte do guarda-fronteira Egon Schultz, «perfidamente assassinado por agentes ocidentais».

Em Outubro último, um dos homens que participou na aventura do «túnel 57» explicava aos alemães que o seu herói do momento, o astronauta Reinhard Furrer, em miissão na Chalenger, tinha, jovem estudante, participado na organização desta fuga colectiva.

Antes, em Dezembro de 1961, menos de seis meses depois de levantado o muro, uum maquinista de comboio leste-alemão tinha conseguidoo fazer passar 24 pessoas da RDA ppara Berlim-Oeste, conduzindo o seu combooio até Spandau, no sector britânico.

Esse maquinista, Harryy Deterling, tinha conseguido ser colocado na linha Oranien (ao norte de Berlin) — Albrechtshof, a Oeste da cidade dividida. Ele estudou minuciosamente o percuurso e anotou que o seu **terminus** ficava a escassos quilómetros de Spandau: de comboio, esses escassos quilómetros representariam três minutos e meio. Pôs o seu mecânico ao corrente do plano, bem como algurs amigos próximos. No dia «J», sete famílias apresentaram-se ao encontro, incluindo a esposa de Deterling e os seus quatro filhos.

Uma família de Grunauu, nos arredores de Berlim, esteve para perder o comboio da fuga: querendo levar consiigo o máximo possível, atrasou-se e chegoou tarde à gare de Oranienburg: a composição acabara de arrancar. Os membros da família saltaram então para um táxi, e ainda conseguiram apanhar o comboio de Deterling em Falkense, a última paragem antes do **terminus**.

Em Albrechtshof, em vez de parar, o maquenista acelerou, e foi a uma velociidade de 75 quilómetros à hora que o comboio passou diante do olhar atordoado do chefe de gare.

A fronteira inter-zonas ficava a três quilómetrs. Os fugitivos, temendo que os **Grepos** abrissem fogo ao passar do muro, deitaram-se no chão dos compartimentos. Precaução supérflua: os soldados e os polícias, apanhados de surpresa como o chefe de gare, não conseguiram reagir.

Chegadas a Spandau, as famílias abrançavam-se incrédulas, perguntando em seu redor se tinham mesmo chegado ali. Sete pessoas que deram por si em zona ocidental sem o terem desejado regressaram imediatamente à RDA.

Uma estudante de 17 anos que vinha por acaso no comboio nem acreditava no que lhe sucedera: os seus pais tinham conseguido atingir clandestinamente Berlim-Oeste algumas semanas antes, e ela procurava, desde então, um meio de ir juntar-se-lhes.

Na manhã seguinte a esta fuga, a RDA fez desmontar os **rails** entre Albrechtshof e Spandau. O muro tornou-se também cada vez mais difícil de ultrapassar em todos os pontos do seu traçado de 160 quilómetros em torno de Berlim-Oeste, com os seus miradores e os seus fossos. A força deu então lugar ao engenho.

O estratagema imaginado em 1978 por dois jovens alemães do Leste aliava astúcia e temeridade. Convidados para casa de um diiplomata da embaixada belga em Berlim-Leste, os dois jovens esperaram que todos os convidados se tivessem retirado e ficaram a sós com o dono da casa. Então, tudo sse passou muito depressa: bateram-lhe, amarraram-no e roubaram-lhe o liivre--trânsitoo especial que permite aos diplomatas colocados em Berlim-Leste atravessar os pontos de passagem no muro sem serem objecto de controlos aprofundados e sem busca ao carro em que viajam.

Os dois fugitivos substituíram a fotografia do diplomata pela de um deles e roubaram-lhe igualmente as chaves do carro. Um deles pôs-se ao volante, o outro dissimulou-se entre os assentos e puseram-se a caminho, na direcção da Friedrichstrasse. Para os ocidentais, esse é o célebre Check Point Charlie. Na viagem, os dois amigos tiveram uma última imquietação: os diplomatas que usavam várias vezes por semana aquela saída seriam provavelmente conhecidos dos guardas, e o seu estratagema poderia, nesse caso, levantar suspeitas e ser inutilizado.

Já não podiam, porém, fazer marcha atrás. O condutor meteu o carro na faixa reservada aos diplomatas e estendeu o livre-trânsito. O guarda devolveu-lho com um sinal de que podia passar. Mais alguns metros, uma última barreira que se levanta, e os dois fugitivos apresentavam-se à guarita do lado Oeste do Check Point.

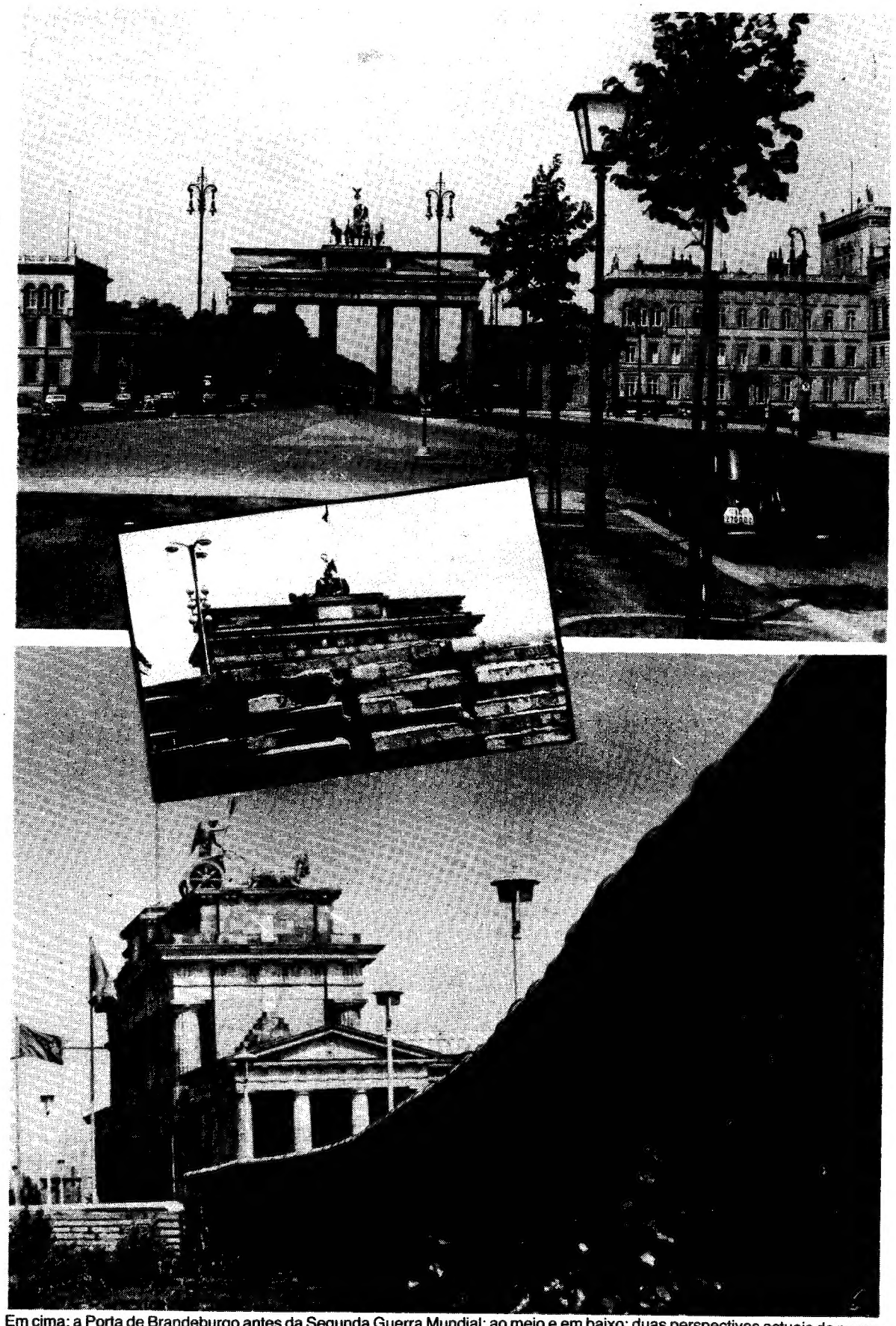
Em Março de 1983, dois jovens operários de Berlim—Leste passaram para Berlim — Oeste suspensos de um cabo metálico passado sobre o muro. Um cúmplice do lado ocidental tinha fixado num carro, antes de os dois passarem, um a seguir ao outro, pendurados em roldanas. Um operário de Leipzig tinha. vinte anos antes, utilizado método comparável: confeccionou uma espécie de «berço» para a esposa e o filho, que se deixaram «escorregar» ao longo do cabo.

O amor levou um professor francês a transformar-se em «passador»: em 1971, escondeu a sua prometida leste--alemã, que conhecera quatro anos antes, durante uma viagem, em duas (!) malas. Estas, ligadas pelas faces laterais seguiam «coladas» na zona de bagagens do comboio. O rapaz ocupava um compartimento inteiro, com a ajuda de amiigos. A rapariga só saiu das malas quando o comboio passou a fronteira entre as duas Alemanhas.

Apesar destes casos, passar o muro foi sempre muito difícil.

Pelo menos 74 pessoas morreram ao tentar fazê-lo, a maioria sob as balas dos guardas fronteiriços. Mais de uma centena foi ferida e milhares foram presas ao longo dos anos, por um crime que o código penal leste-alemão define por estas palavras: «tentativa de fugir da República».

Nicole Tramoni



Em cima: a Porta de Brandeburgo antes da Segunda Guerra Mundial; ao meio e em baixo: duas perspectivas actuais da passagem bloqueada pelo muro

Ocidentais na zona Leste

À procura da «opulência» mais barata

Vinham de grande uniforme, garridos, a meter vista, com suas esposas de vestido comprido, muito decorativas. Apareciam em grupos - dois, três, quatro casais -, passeavam-se nos corredores, bebiam a sua taça de «Sekt» soviético, em alegre confraternização, sentados a uma mesa do «foyer», e depois iam instalar-se confortavelmente numa das melhores filas da plateia. A noite de ópera no velho teatro setecentista de «Unter den Linden» era parte indispensável no ritual de festa mundana que os levava ao outro lado do «muro». Seguia-se a ceia, por exemplo, no «Ganymed», com o seu ar vetusto de fim de século, o seu serviço irrepreensível, o seu «cachet» de restaurante fino em qualquer parte do mundo. Quem assim se pavoneava eram altas patentes militares das forças de ocupação americanas, inglesas ou francesas estacionadas em Berlim-Ocidental. Por quê esta atracção pela vida rica em pleno terreno do «inimigo»? Por pura exibição do direito de circular entre o enclave de Berlim-Ocidental e a capital da República Democrática Alemã, direito que lhes advém do acordo quadripartido entre as potências ocupantes e que tem naturalmente correspondência, para os militares soviéticos, no direito de frequentar Berlim-Ocidental? Creio que não. A razão é muito mais comesinha e ao desvendá-la já começamos a perceber o «muro».

A vida rica que as patentes militares ocidentais vão fazer a Berlim-RDA não é tão fácil, com a mesma opulência ou, pelo menos, com a mesma frequência, em Berlim-Ocidental. Começa logo pela ópera. Nem o repertório, nem as encenações, nem as cabeças de cartaz da «Staatsoper» ou da «Komische Oper», em Berlim-RDA, são inferiores às da «Deutsche Oper», em Berlim-Ocidental, bem pelo contrário. No entanto, enquanto nesta última uma boa plateia pode custar 70, 90 marcos ou mesmo mais (digamos, cinco, seis contos, ao câmbio actual), naquelas nunca pode ir além dos 15 marcos (isto é, pouco mais de mil escudos). Depois, já não falando da «gracinha» do espumante nos intervalos, da retribuição para o bengaleiro ou até do programa distribuído aos espectadores - onde a diferença de preços também é sensível - há a ceia em restaurante de luxo, cujo preço médio está na relação nominal de três ou quatro (em Berlim-Ocidental) para um (em Berlim-RDA). Além disso, os militares, tal como os diplomatas, gozam de um estatuto de imunidade na transposição do «muro» que os liberta de um certo tipo de controlo. Para marcar bem a sua posição, os militares ocidentais até fazem gala em não estabelecer qualquer contacto pessoal com os guardas fronteiriços da RDA: conservam os vidros dos seus automóveis (mesmo particulares) completamente fechados e mostram-lhes os cartões de identificação apenas através dos vidros. Esse estatuto permite-lhes, entre outras coisas, entrarem em Berlim-RDA com dinheiro da RDA - o que é estritamente vedado ao cidadão comum. A vantagem está em subtrairem-se à paridade oficial do marco RFA/ marco RDA, que é de um para um na RDA, e em cambiarem o dinheiro em qualquer banco de Berlim-Ocidental, onde a relação chega a ser de cinco (marcos RDA) para um (marco RFA)! Quer dizer: os 15 marcos da ópera acabam por ser apenas 3, os 25 ou 30 da lauta ceia apenas 5 ou 6 marcos! Por dez vezes menos dinheiro fazem a festa do outro lado do «muro»! Gastam o equivalente a 600 ou 700 escudos numa «farra» que em Berlim-Ocidental não lhes ficaria por menos de seis ou sete mil escudos! São as vantagens do socialismo multiplicadas exponencialmente pelo espírito especulativo que é da essência do capitalismo: que bom poder gozar desta feliz conjugação!

TER AS VANTAGENS DOS DOIS SISTEMAS

Eis o que explica também as excursões em autocarros - sobretudo aos sábados de manhã - de numeroso pessoal militar ocidental, que trata de se abastecer semanalmente em Berlim-RDA. Os autocarros afluem à «Alexanderplatz», centro de comércio e grandes armazéns, em cujo enfiamento se situa uma rua particularmente demandada pelos americanos: a «Hans-Beimler-Strasse». Vêm aqui em busca da «Natascha», ou seja, do muito cobiçado artesanato soviético...

Imaginemos que não eram só os militares, mas toda a população de Berlim-Ocidental, a beneficiar de idêntico privilégio: viver em Berlim-Ocidental, ganhar segundo os respectivos padrões de remuneração, trocar nos seus bancos cada marco da RFA por cinco da RDA e depois ir frequentar espectáculos, fazer compras, comer e divertir-se em Berlim-RDA.. Seria uma situação insustentável, mas foi precisamente essa situação que deu origem ao «muro»: os restaurantes de Berlim-RDA eram invadidos pelos habitantes do sector ocidental, os géneros mais essenciais desapareciam dos «Kaufhallen», toda a economia socialista, pensada em função da necessidade de manter estáveis os preços e melhorar continuamente o nível de vida da população, era sangrada por esse mecanismo natural e inevitável, que consistia na tendência de cada um a extrair todas as vantagens e nenhum dos inconvenientes da coexistência na mesma cidade de dois sistemas sócio-económicos distintos e opostos. Quem «tinha os pés quentes» em Berlim-RDA (habitação e bens essenciais baratos, educações dos filhos garantida) tendia a optimizar a situação, trabalhando em Berlim-Ocidental. Quem vivia e trabalhava em Berlim-Ocidental tendia a optimizar a situação, comprando em Berlim-RDA. Todo o planeamento económico da RDA era subvertido através de Berlim: os investimentos na sua economia acabavam por constituir financiamentos indirectos à economia de Berlim-Ocidental. A construção do «muro» tornara-se inevitável a partir do momento em que a própria Alemanha se dividira.

MURO» É EFEITO E NÃO CAUSA

Não faz sentido discutir o «muro» isoladamente, salvo para efeitos demagógicos. Primeiro que tudo, convém lembrar que a responsabilidade última pela situação actual vem do nazismo e do grande capital que o sustentou no poder e na guerra, vem do próprio povo alemão que se deixou manipular por eles. Segundo, importa não esquecer que foram os aliados ocidentais quem precipitou como facto consumado a divisão da Alemanha, rejeitando a proposta soviética de uma Alemanha unida e desarmada, com estatuto de neutralidade semelhante ao da Austria - contra o projecto inicial americano, que era o da sua pulverização em pequenos Estados independentes -, e fundando o Estado da RFA no quadro de uma aliança militar que o integrava (o Estado da RDA constitui-se logo a seguir ao da RFA e o Tratado de Varsóvia surge só anos depois da NATO). Terceiro, não adianta protestar contra o «muro», fora do quadro que rege as relações globais entre os dois Estados alemães e Berlim-Ocidental (com um estatuto especial independente de ambos) e abstraindo da situação de tensão político-militar que se vive na Europa desde o fim da guerra. O «muro» é consequência e não causa de tudo isso. Em vez de nos dividirmos em torno da «filosofia» do «muro» - que não é senão, ao fim e ao cabo, a concretização da fronteira real de um Estado soberano (RDA) relativamente a um enclave no seu território, com governo autónomo (Berlim-Ocidental) - deveríamos antes congraçar-nos para alcançar a dissolução dos blocos militares e a criação de um sistema que assegurasse a paz e a segurança mútuas na Europa.

PARA QUANDO A NORMALIZAÇÃO?

De resto, a situação explosiva que se vivia em Berlim antes de 1961 confere um grande peso à tese da RDA segundo a qual o estabelecimento de uma fronteira de Estado devidamente controlada constituiu um factor de estabilização e de paz. É claro que esse facto político não deixou de criar problemas humanitários que não podem ser escamoteados. Famílias que viviam na mesma cidade foram abruptamente separadas. Muitas pessoas foram obrigadas a alterar relações de trabalho e hábitos de vida. Ao fim de 25 anos, essa herança dramática encontra-se naturalmente mitigada. O cidadão comum de Berlim-Ocidental (ou de outros países) pode visitar Berlim-RDA, desde que apresente passaporte válido e cambie obrigatoriamente em marcos RDA o equivalente a 25 marcos RFA por dia (medida destinada a evitar o financiamento indirecto do turismo estrangeiro). Os naturais de Berlim-Ocidental beneficiam, aliás, de uma simplificacção das formalidades. Quanto aos cidadãos da RDA, as possibilidades de circularem para Berlim-Ocidental são muito mais limitadas. À parte os reformados, que têm liberdade de circulação, certos quadros científicos, artistas e intelectuais que, por força da sua própria actividade gozam dessa faculdade (quando menos, por temporadas determinadas) e, por exemplo, os funcionários da «S-Bahn» (comboio urbano) de Berlim-Ocidental, na sua maior parte cidadãos da RDA, o visto de saída só é concedido caso a caso e, se não há razões de força maior a justificá-lo (como a morte ou o casamento de um parente próximo), fica em lista de espera durante tempo indeterminado. Trata-se de um direito humano essencial que é drasticamente coarctado. Mas seria hipocrisia considerá-lo em separado do relacionamento global entre os dois Estados alemães. A RFA tem-se recusado sempre a reconhecer a soberania plena da RDA e a cidadania plena dos respectivos nacionais. Mas a RDA é hoje uma realidade irrecusável. O problema da circulação das pessoas é da responsabilidade conjunta de ambos os Estados. São vários já os acordos, incluindo o cultural, que os ligam. Parece, porém, evidente que o reconhecimento mútuo da soberania e cidadania de pleno direito (acompanhado dos indispensáveis acordos reguladores de emigração e de asilo político, segundo princípios internacionalmente aceites) será o passo indispensável e decisivo para a normalização das relações, além de constituir um grande progresso para a consolidação da paz na Europa.

Mário Vieira de Carvalho

A outra face do muro contemporâneo: o Leste é mais barato para as altas patentes ocidentais

O «Jazz em Agosto» 86 e o integrismo musico-cultural contemporâneo

A edição deste ano do jazz em Agosto da Fundação Gulbenkian soube, muito mais do que na de 85, enquadrar alguns dos traços fundamentais do que está a definir isso que bastante latamente (e vagamente) podemos chamar de **jazz contemporâneo**, uma expressão que inutiliza, pela sua riqueza e variabilidade de sentidos, outra que entretanto perdeu grande parte da sua perspectiva e significado — vanguarda. O jazz contemporâneo é o jazz de depois das transgressões radicais, é a institucionalização das diversas hipóteses formais depois da revolução expressiva.

Se nos seus dois concertos da passada semana o quarteto de Saheb Sarbib exemplificou o actual estado do jazz, o anterior, do sexteto de Steve Lacy, e os próximos que aí vêm, os do trio de Paul Motian, já amanhã e depois, e da orquestra Moiré Music, continuam-lhe características.

Explico: Sarbib toca o jazz reivindicando a sua condição de música já de âmbito universal, espalhada pelos quatro cantos do mundo. Uma música de origem negra e americana sim, mas que pode ser partilhada por outros povos e geografias, num fenómeno que, integrando nesta forma musical os sinais da suas culturas de modo algum estão a desviá-lo da sua especificidade digamos que étnica. Antes pelo contrário, estão a reforçar a condição mesma do jazz, musicocultura de conexão de elementos com proveniência vária — foi no início entre o arquétipo africano e os valores ocidentais estabelecidos, pode ser hoje entre todos os outros magmas mundiais, na prossecução do devir da história. Por isso mesmo é que o contrabaixista e compositor Saheb Sarbib não toca uma forma de vanguarda, antes acentua o integrismo cultural do jazz.

É esta nos dias que correm a base de qualquer produção jazzística. A partir daqui o que se pode é multiplicar as potencialidades do género. Fá-lo Steve Lacy, o saxofonista soprano número um do presente, apontando em duas direcções, à esquerda e à direita do jazz. De um lado absorvendo referências eruditas e do outro tónicas pop. Bartok, Strawinsky, Cage conjugam-se com a redescoberta da dança e do canto, valores culturais populares por excelência.

Paul Motian, o percussionista que amanhã subirá ao palco do Anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian, realiza este quadro de uma forma semelhante no seu actual trabalho com o guitarrista Bill Frisell. Existem igualmente um vector erudito e outro popular ombreando o jazz, em unidade musicocultural.

Eles praticam uma música de estilo, preocupação que os equipara à «seriedade» dos criadores formais «clássicos», enquanto aproveitam as possibilidades da tecnologia para vestirem as influências populares, como por exemplo do rock. Neste papel, Frisell é essencial, porque Motian, esse, sintetiza todas as denotações dos últimos trinta anos do jazz, desde os primeiros saltos inovadores de 50 até hoje, passando pelo vanguardismo — por isso se diz que ele vive no 'eterno presente' uma plataforma que inclui o pianista Bill Evans tanto quanto este jovem Frisell. Com uma formação em que solta implicações conceptuais um Jimi Hendrix, ele é um explorador de sonoridades na sua guitarra, um concretista na linha do eruditismo contemporâneo. Mas um eruditismo já pop.

Na última semana do Jazz em Agosto outro caso de fusionismo universal, a orquestra Moiré Music de Trevor Watts. Desta feita o jazz procurou os laços que poderiam unir estruturalmente duas músicas díspares — a étnica africana e a erudita repetitiva —, em terreno neutro. E de tal forma que se torna praticamente impossível desmontar o que é do que não é, porque aqui tudo é e não é: jazz, ãAfrica, Steve Reich. Os músicos que compõem o colectivo têm, aliás, basta experiência deste 'desfronteiramento' cultural, como por exemplo o sopranista Lol Coxhill — tocaram indiferentemente o jazz, o rock, a música erudita. É este o actual espírito vanguardista.

Rui Eduardo Paes

Foto José Tavares

Saheb Sarbib reivindica para o Jazz a condição de música «universal»

O espectáculo (do) quotidiano

Rituais

QUANDO eu era religioso, transmutaram a missa em latim para português, democratizando o entendimento das invocações e preces. Por essa altura já o gregoriano e outras ancestralidades tinham entregue a alma ao Criador e o órgão dava passagem à viola e ao canto comum. Ainda hoje, quando esporadicamente me encontro numa cerimónia litúrgica, me espanto (arrepio) ao ouvir entoar o «We shall overcome», ou outra qualquer tradicional melodia anglo-saxónica, com letra de louvor divino e prática eucarística. Sinto que a cerimónia está a passar ao lado do essencial.

Na época do recuo do latim, em vantagem das línguas vivas, apoiei — na pequena medida do militante católicio que então era — essa mudança, em nome de um princípio racional, de recusa das «palavras mágicas» que as falas em latim me sugeriram. Da mesma forma me entusiasmei com a abertura do espaço eclesial ao canto profano. Era preciso, pensava eu, aproximar o religioso do quotidiano.

Nessa altura não sabia que o inteligível e o ritualizado não têm nada a ver uma coisa com a outra. E que banalizar o ritual é esvaziá-lo, na medida em que o rito é, em si mesmo, uma forma de apagar a razão e erguer um mecanismo que a ultrapasse.

Foi só muito mais tarde, quando a questão teísta desaparecera da minha esfera de preocupação, que percebi que o latim, o gregoriano, o cabalístico era uma dimensão que nos punha mais perto da divindade que a chã comunicação na língua de todos os dias. Compreendi-o ao receber a «Paixão Segundo S. João» de Bach num concerto: sem entender uma palavra percebi que aquele cerimonial vocal e harmónico estava mais perto de Deus que qualquer canto vulgar em qualquer missa dos domingos. E quando conheci as catedrais da Europa não duvidei que fossem morada «daquele que É» — e então já não acreditava em nenhuma alma do universo.

Um ritual não é para entender, é para habitar. As palavras dos celebrantes não são para despertar a razão mas o êxtase.

Disso me lembrei, um destes dias, ao ver o espectáculo «**Touro**» na Comuna. Antes de pôr o problema de saber se aquele texto é dramatúrgico, antes de tentar encontrar um **sentido,** antes de querer investigar se os actores, a encenação, as luzes e o espaço cénico potenciam ou reduzem o texto (e isso é matéria de crítica teatral, que não ouso), interessou-me verificar que esse espectáculo é um ritual, como tal obscuro e fascinante, onde se sente passar a sombra de uma alteridade.

Sempre achei que o teatro ou tinha isso ou não tinha nada.

Jorge Leitão Ramos

Almeno Gonçalves em «Touro», de Abel Neves, pela Comuna

Na Quinta-Feira

LER ESCREVER

Numa aldeia chamada...

É uma aldeia nortenha. Abre-se a madrugada — fluindo através das cortinas — tocando na mente. Sacodem-se da noite homens e animais. Entram no dia a nascer com o corpo rijo. Examinam a luz do sol.

Instalo-me aqui numa casa de mil pedras de granito. As janelas verdes, dão para os campos de trigo que se estendem até ao mar. De madrugada vêm uns miúdos empurrando os narizes contra os vidros. À procura talvez duma ninfa que podia ter saído do mar. Vem um velhote também a espreitar. Diz algo sobre o tempo. Saboreia a frescura da manhã.

Ao abrir a porta entra-se para dentro a Maria de oito anos. Depois surge um gato — e depois um cão.

Maria parece tão frágil. Mas é viva com olhos grandes — sempre em movimento.

— A mãe pede-lhe para escrever algo num papel, você que sabe falar!

— O que?

— Umas palavras que possa aprender!

— Em inglês, será?

É isso, e eu escrevo-lhe umas frases — repetindo lentamente: — I am a girl. My name is Maria.

Ela fica excitada com essa experiência nova, e vejo-a correr feliz ao encontro do novo dia com uma mão cheia de palavras mágicas para poder encantar o seu namorado — Miguel, julgo eu.

Dentro dessa casa, enegrecida pelo fumo da fogueira, consolo a minha alma gelada do inverno escandinavo. Até rezo o «pai nosso». Confesso que troco sem escrúpulos a palavra «céu» por «chaminé», que se impõe mais perto. E as minhas palavras são gravadas nessas pedras seculares, que ressoam de vidas vividas.

Assim sinto a presença do passado. E o dia cresce. Enche-se de sons da rua: carros de bois, campainhas de gado, um e outro palavrão.

Vêm falar-me um emigrante — depois de matar o bicho na taberna da tia Antónia. Está triste. A sua única filha, que traz pela primeira vez do Brasil, ficou numa agonia tremenda. Mesmo com 25 anos de idade, estava mal preparada para o choque com uma cultura tão diferente da sua vida moderna em São Paulo. Chorou e gritou: — Eu nunca vou perdoar ao meu pai por me ter trazido aqui!

A Emília, mãe da Maria, é a vizinha mais próxima. Cada vez que passa por minha porta, desabafa tudo o que tem n cabeça. Nos momentos de silêncio, os seus olhos giram dum lado para o outro. Não quer que lhe escapa nada. O que ela vê e percebe, leva de porta a porta. Junta e tira, especula e multiplica.

— Sou separada. Meu marido fugiu com a cunhada, conta-me logo. Dá-me umas pancadas gentis nas costas, e junta um conselho: não se deve nunca acreditar nos homens.

Ela cospe as frases que se colam em mim, na mesa, na máquina de escrever.

Também vem o seu irmão Joaquim. Traz-me pepinos e melões. Fica à porta até que o convido a entrar. Fica de pé lá dentro até que o convide a . Depois saca do tabaco e lá está, durante horas. Cospe como a irmã. Mas os seus olhos não giram — não recolhem pormenores. Estão parados enquanto ele expõe as suas necessidades — o seu dilema — falando desordenadamente. Confia que chegou a altura de se casar. Faz-lhe falta uma mulher. Pode ser uma estrangeira, tanto lhe faz. Para ele tudo serve, diz. Ao menos não considera ser o estrangeiro algo inferior. Ainda se sente jovem. Só tem 51 anos. Velho não é, ou que penso eu?, quer ele saber. E eu penso o que penso e deixo-o propor as suas perspectivas num monólogo prolongado por falta de concentração.

A gente dessa aldeia está profundamente ligada à terra e ao mar. As suas casas estão em harmonia deliciosa com a paisagem. E o mar atira-se com força até à terra, fazendo pulsar os nervos da aldeia. Traz lendas de longe. Mas muitos dos seus segredos guarda-os para si, não lhe importa até onde chegam as suas águas. Vejo os aldeões vigiar o mar com espanto e um olhar de marinheiro.

Emigraram já, na maior parte, da povoação. Mandam dinheiro para construir novas casas nos arredores da aldeia — grandes vivendas sem sinais de nenhuma vida. Parecem monumentos em memória do drama das vidas dos donos. O regresso à terra natal demora. Mais um ano, mais outro ano. E assim vão eles até à reforma ou até morrer. Um e outro velho vêm mostrar fotografias do seu rebanho, perdido lá longe numa fábrica, num talho, numas obras.

É raro aparecerem turistas na aldeia. Mas um dia vem um inglês — Peter — com uma barba larga e ruiva e um brinco numa orelha, mochila às costas. Não fala português, mas tem um dicionário — e orienta-se. Ajudo-o a encontrar alojamento. Falo com a Emília. Ela fica toda perturbada com a minha proposta — ela, mulher sozinha em casa, alojar este barbudo? Deus me livre!, diz. Conseguimos, porém, um quarto numa outra casa. Passado uns dias, a Emília observa que o Peter podia ser um rapaz bonito se não fosse aquela barba...

O Peter quer consultar uma bruxa — e acompanho-o até à tia Joaquina, a sábia da terra. Tem uns 100 anos e é cega, mas continua a haver gente que a procura para consertar as suas vidas.

Antes da visita Peter confia-me que não quer saber nada de rezas, por não ser religioso. Mas em frente dessa mulher centenária ele não lhes escapa. A velha e magra senhora põe-se a falar com voz de homem. E o Peter fica a saber que todo o mal que sente é por causa do espírito do avô, que o persegue. Para consolo do espírito, ele tem de, por 30 dias seguidos, pôr uma vela na igreja e rezar.

— Por 30 anos, Peter — digo-lhe na minha tradução, com um pouco de maldade.

Tia Antónia explica que dantes havia muita unidade na aldeia. Mas depois das últimas eleições, o povo dividiu-se. Pouco a pouco vou eu própria perceber algo mais sobre o ódio que está a arruinar a comunidade do «meu paraíso». Há uns meses atrás, a gente nem saía à rua à noite sem armas, com medo da «vingança». O principal autor desta miséria é o próprio presidente da junta, que conseguiu novamente ganhar comprando votos dos velhos e inválidos. E os livros das verbas — nunca fiscalizadas! E o dinheiro desaparece e o presidente a comprar novas máquinas para si, «etcetera»!

— Isso é tremendo tia Antónia, eu vou falar com o presidente um dia destes.

— Pode, sim senhora, mas não diga que fui eu que lhe disse isso!

— Mas você tem medo de quê?, vou eu insistindo.

— É a vingança. Podem ir destruir a lavoura — sei lá. São uns brutos!

Um dia, a mãe da Emília tem uma trombose. Torna-se irreconhhecível, deitada na cama, pálida e paralisada. Perante essa tragédia, a Emília reage histericamente. Passa o dia a chorar. Foram dez irmãos. Morreram quatro e os restantes emigraram. Agora está sozinha a tomar conta da mãe. O Joaquim não presta para nada, diz-me a chorar.

Mas a Emília é uma mulher flexível. Em breve volta aos velhos ritmos, com a sua energia, o seu cuspo, os seus alguidares e a sua conversa. O próprio Joaquim desaparece por uns dias. Mas quando a situação da mãe não o ameaça, volta a visitar-me para repetir a expressão do seu desejo de casar.

A pequena Maria fica no seu mundo inocente sem preocupações pelos dramas humanos à sua volta. Ela tem o seu Miguel. De tarde levo-a à beira-mar. Um dia falo sobre o Deus que vive num palácio de ouro no fundo do mar. Lá há jardins com árvores grandes, lilases e anémonas e cavalos. À volta nadam ninfas com colares de pérolas e de coral.

Maria olha o mar azul-verde e acha estranho alguém poder lá viver. A mãe, as irmãs e a professora têm contado que Deus vive no céu, diz ela, e olha para o extenso tecto acima de nós — azul-verde também. Depois observa-me, sem saber em quem há-de acreditar. Logo explode num riso saudável — a pequena e frágil rapariga — feliz por cada mão-cheia de palavras mágicas que lhe vou dando.

Emília tem uma tia, Teresa, surda-muda de 60 anos — sempre a tricotar luvas grossas para os homens que vão à pesca Gronelândia. Tricota parada, andando, sentada. Chega a fazer quatro pares ao dia. Disso vive ela e a mãe, de 90 anos, que não sai da cama há anos. Ela não tem nariz nem lábios: foi uma doença, diz-me a Antónia.

Teresa não revela alegria, nem tristeza. Às vezes faz umas caretas tremendas.

Também vos vou apresentar o primo dela — João, sempre sentado na taberna do António. Raras vezes levanta os olhos do chão. Fuma e cospe. «Não te preocupes com ele. É um pouco estranho», diz a Antónia. Os pais fecharam-no em casa durante anos por ser violento. Agora não faz mal a ninguém. Não aceita esmolas. Cigarros sim.

A uns quilómetros do meu Paraíso-por-umas-semanas, vive um casal alemão — Hans e Anna — dono de uma pensão e de um restaurante. Durante anos, o Hans foi piloto na força aérea. Mas depois de se cansar das alturas, das excitações e dos bons panoramas, decidiu estabelecer-se em lugar calmo da Europa de bom clima, de gente fácil e de impostos baixos.

Hans é um indivíduo sociável. Gosta do mundo, mas especialmente de si próprio. Tem uns bigodes notáveis. Ao sol, parece ser feito de ouro. Ele dá-se bem com toda a gente. Mas a Anna é mais complicada. No seu olhar de gelo não há carinho para os aldeãos, nem tão-pouco para mim, que vivo na aldeia que ela considera tão primitiva. Anna é dura mesmo para os seus empregados — e ninguém fica a trabalhar para ela por muito tempo.

Bem, de novo estou no Sul — deixei o meu paraíso em pleno Verão. Sabe-se lá se torno alguma vez mais a ver essa aldeia chamada...

Reidun Nydal

Nota:

Reidun Nydal é uma jornalista escandinava que veraneia no Norte de Portugal. A sua crónica — um prodígio de esforço de aproximação do português escrito — é publicada tal como no-la entregou. Limitámo-nos a mudar *venganza* para *vingança*, e em quase nada mais mexemos.

Mensagens Pessoais

Dão-se alvíssaras

Compro por qualquer preço, cá em Portugal, ou participo na viagem de alguém que me traga do estrangeiro, o álbum «An american gothic» de David Eacles. Também aceito gravação. Forneço boa cassete ou pago bem por uma já gravada. Estou a sério. Contactar José Oliveira, tel.: 542688 (noite).

Olival Vidigueira

Vendo terreno com 7 hectares, com olival, casa de habitação nova, água própria canalizada, luz trifásica da rede. Exploração do olival em 1985 — 20 toneladas de azeitona. Pode servir para novas culturas e até plantação de vinha, zona demarcada da Vidigueira, localizada na Estrada de Vera Cruz a menos de 2 quilómetros da Vidigueira. Informa telefone 084/22352.

Jaime Cortesão

Sou comprador da obra «Portugal — A Terra e o Homem», de Jaime Cortesão. Indicar condições e preço para: José Baptista Fernandes, Rua Miguel Bombarda, 12. 7000 Évora. Tel. 23917.

Biblioteca

Livros antigos, quase todos franceses, início século XX, recortes jornais época, vende-se avulso ou lotes. Temas: História e Literatura, principalmente. Telefonar 785493, noite.

Pedras d'el Rei

Alugo apartamento T 0, nos meses de Setembro e Outubro, aos meses completos ou quinzenas, situado no melhor aldeamento turístico do Algarve. Tem piscina, campo de ténis e todas as infra-estruturas e bem mobilado. Informa telefone 084/22352.

Arte Moderna

Almada, Eloy, Hogan, Júlio Reis, João Carlos, Duarte, Martins Correia, J. Contente, Vaz e outros, vendo. Telef. 77 34 88

Mini computador

Vendo mini computador (de bolso) Casio PB-100+extensão de memória-OR 1 — (1568 Passos, 222 memórias), com manuais de origem — Basic e em português, apenas por 12 000$00. Carlos Espinha — Telefone 66 43 67, 09H00-12H00, 13H30-17H30, de segunda a sexta.

A Fonte de Madalena — Grupo de Amigos

Memórias de infância, 1921/44. Homenagem Mestres A. Redol e J. Gomes Ferreira. Autor saúda seus leitores actuais e futuros. Vamos organizar grupo de amigos senhoras e srs. mais 55 anos se interessem leitura, cinema, pintura. Escreva apartado 1333 — Arroios, 1009 LISBOA CODEX. Para Rogério Gonçalo.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.